



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
MESTRADO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

MARIA CRISTIANA FÉLIX LUCIANO

**PROTAGONISMO SOCIAL DAS MULHERES NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DOS
ENCONTROS NACIONAIS DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (1994-
2019**

JOÃO PESSOA-PB
2021

MARIA CRISTIANA FÉLIX LUCIANO

**PROTAGONISMO SOCIAL DAS MULHERES NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DOS
ENCONTROS NACIONAIS DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (1994-
2019**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Ciência da Informação.

Linha de pesquisa: Organização, Acesso e Uso da Informação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Gisele Rocha Côrtes

Financiamento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

JOÃO PESSOA-PB

2021

MARIA CRISTIANA FÉLIX LUCIANO

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

L937p Luciano, Maria Cristiana Félix.

Protagonismo social das mulheres na produção científica dos encontros nacionais de pesquisa em ciência da informação (1994-2019) / Maria Cristiana Félix Luciano. - João Pessoa, 2021.

132 f. : il.

Orientação: Gisele Rocha Côrtes.

Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCSA.

1. Ciência da Informação - Mulheres. 2. ENANCIB - Mulheres. 3. Mulheres - Protagonismo social. 4. Mediação da informação. I. Côrtes, Gisele Rocha. II. Título.

UFPB/BC

CDU 007-055.2(043)

MARIA CRISTIANA FÉLIX LUCIANO

**PROTAGONISMO SOCIAL DAS MULHERES NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DOS
ENCONTROS NACIONAIS DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (1994-
2019)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Ciência da Informação.

Área de concentração: Informação,
Conhecimento e Sociedade

Dissertação aprovada em: ____/____/____

Banca examinadora:

Prof^a. Dr^a. Gisele Rocha Côrtes
(Orientadora – PPGCI/UFPB)

Prof^a. Dr^a. Gracy Kelli Martins Gonçalves
(Examinadora Interna – PPGCI/UFPB)

Prof^a. Dr^a. Izabel França de Lima
(Suplente Interna – PPGCI/UFPB)

Prof^a. Dr^a. Leyde Klebia Rodrigues da Silva
(Examinadora Interna – PPGB/UFGA)

Prof^a. Dr^a. Claudialyne da Silva Araújo
(Suplente Externa – PPGC/UFPB)



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA
INFORMAÇÃO

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Defesa nº 262

Ata da Sessão Pública de Defesa de
Dissertação da Mestranda **MARIA
CRISTIANA FÉLIX LUCIANO** como
requisito para obtenção do grau de Mestra
em Ciência da Informação, Área de
Concentração em Informação,
Conhecimento e Sociedade e com Linha de
Pesquisa em Organização, Acesso e Uso da
Informação.

Aos trinta dias do mês de junho de dois mil e vinte e um (30/06/2021), às dez horas e trinta minutos até às treze horas e quarenta minutos, na sala virtual do Google

Meet, conectaram-se via videoconferência a banca examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós- Graduação em Ciência da Informação para avaliar a candidata ao Grau de Mestra em Ciência da Informação na Área de Concentração Informação, Conhecimento e Sociedade, a mestranda **MARIA CRISTIANA FÉLIX LUCIANO**. Devido à pandemia do novo Coronavírus (COVID-19), considerando as estratégias de distanciamento social para contenção pandêmica e a Portaria N° 323/GR/REITORIA/UFPB, de 16 de outubro de 2020, a videoconferência da defesa ocorreu com acesso por meio do link:

meet.google.com/osm-bmmn-qjb. A banca examinadora foi composta pelos(as) professores(as): Dra. Gisele Rocha Côrtes - PPGCI/UFPB (Presidenta/Orientadora); Dra. Gracy Kelli Martins Gonçalves - PPGCI/UFPB (Examinadora Interna); Dra. Leyde Klébia Rodrigues da Silva - UFBA (Examinadora Externa); Dra. Izabel França de Lima - PPGCI/UFPB (Suplente Interna) e Dra. Claudyaline da Silva Araújo - DCI/UFPB (Suplente Externa). Dando início aos trabalhos, a Professora Dra. Gisele Rocha Côrtes, presidenta da banca examinadora, explicou aos presentes a finalidade da sessão e passou a palavra à candidata para que fizesse oralmente a apresentação do trabalho de dissertação intitulada: **PROTAGONISMO SOCIAL DAS MULHERES NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DOS ENCONTROS NACIONAIS DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**. Após a apresentação, a candidata foi arguida na forma regimental pelos(as) examinadores(as). Respondidas todas as arguições, a Professora Dra. Gisele Rocha Côrtes, presidenta da banca examinadora, acatou todas as

observações da banca e procedeu para o julgamento do trabalho, concluindo por atribuir-lhe o conceito:

(X)Aprovado ()Indeterminado ()Reprovado.

Proclamados os resultados e encerrados os trabalhos, eu, Profa. Dra. Gisele Rocha Côrtes, presidenta da Banca Examinadora, lavrei a presente ata que segue assinada por mim, como representante dos participantes da banca, juntamente com os pareceres de avaliação da DISSERTAÇÃO e da defesa de dissertação da mestranda, devidamente assinados por seus respectivos avaliadores(as) e em formato digital.

João Pessoa, 30 de junho de 2021.



Profa. Dra. Gisele Rocha Côrtes
Presidenta da Banca/Orientadora –
PPGCI/UFPB

Dra. Leyde Klébia Rodrigues da Silva - UFBA (Examinadora

Externa) Dra. Gracy Kelli Martins Gonçalves - PPGCI/UFPB

(Examinadora Interna) Dra. Claudyaline da Silva Araújo -

DCI/UFPB (Examinadora Externa).

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente ao meu bom Deus, na pessoa do Espírito Santo, pelo amor derramado, pela sabedoria, pela inspiração de cada dia, pela unção necessária; e à Santíssima Virgem Maria, minha mãezinha do Céu, que tem me acompanhado todos os dias;

Gratidão ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba, especialmente a todo o corpo docente, por todos os conhecimentos compartilhados e construídos ao longo dessa minha temporada com vocês;

A todos(as) os(as) colegas discentes, por todo o conhecimento compartilhado e pelas boas amizades cultivadas;

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão da bolsa durante minha trajetória no Mestrado;

Agradeço, especialmente, à Banca Examinadora, que me acompanhou desde a qualificação, composta pelas Prof^{as}. Dras. Gracy Kelli Martins Gonçalves, Claudialine da Silva Araújo, Gilberta Santos Soares, Izabel França de Lima e Leyde Klebia Rodrigues da Silva, por aceitarem nosso convite, desde o início, pelas valiosas contribuições e sugestões;

Gratidão especial à Dr^a. Gisele Rocha Côrtes (minha orientadora), pelo carinho e pelo empenho nas orientações de cada dia e por me acompanhar e me incentivar durante toda a jornada, em todos esses anos. Você é um modelo de mulher, docente, pesquisadora, protagonista da própria história e da história de muitas mulheres, inclusive da minha. Obrigada por tudo, Gisele, ter a senhora na minha vida, sem dúvida, mudou o norte de toda a minha história. Obrigada.

Gratidão à minha irmã acadêmica, Aurekelly, pelo carinho, pela paciência e pelo apoio e por nunca ter soltado minha mão. Obrigada por tudo, meu anjo. É é isso que você sempre foi para mim, um anjo.

Às mulheres incríveis do meu grupo de pesquisa Gemin@s, pelas trocas de conhecimentos, pelas discussões, pela presença, pelo companheirismo e pelos ensinamentos. Em especial a Vanessa e a Rebecca pela parceria na coleta dos dados da pesquisa.

À minha família, em especial, à minha mãe, Fátima, mulher íntegra, amável, determinada, mãe de 13 filhos e um colo do tamanho do mundo! Te amo, meu bem!;

ao meu pai, Joaquim (*in memoriam*), que sempre me dizia: “Dinheiro eu não tenho, mas te dou a liberdade, e os estudos é por sua conta”. E eu acreditei, meu velho; aos meus irmãos e irmãs - sei que nem todos(as) tiveram as mesmas oportunidades que tive de estudar - é por vocês também;

As minhas amigas irmãs: Rosimere, Diana, Círia, Toinha, Liza, Yara e Rita, que, por tantas vezes me ouviram, me acolheram, acreditaram em mim, me incentivaram, me deram colo e enxugaram minhas lágrimas. Sou imensamente privilegiada por ter vocês em minha vida. Muito obrigada por tudo!

Dedico esta dissertação às mulheres da minha vida que são fontes de toda a minha força, e garra: minhas mães Fátima e Toinha, minhas irmãs, Minhas amigas, minhas professoras, e a todas as mulheres que ainda não têm a oportunidade de estudar. Eu amo vocês!

RESUMO

A exclusão das mulheres, na Ciência, é reflexo de profundas relações de poder entre mulheres e homens, alicerçadas em esquemas hegemônicos de gênero, os quais impactam a inserção das mulheres no campo científico. Partindo desse pressuposto, a pesquisa teve como objetivo geral: analisar o protagonismo social das mulheres, por meio da produção científica sobre os termos 'mulheres, gênero e feminismo', nos anais do Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB), promovido pela Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB), de 1994 a 2019. Quanto aos objetivos específicos, pretendeu-se mapear as pesquisadoras e os trabalhos produzidos sobre o tema 'mulher', 'gênero' e 'feminismo' nos anais do Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB); traçar um panorama da vinculação institucional das pesquisadoras e a área de formação, a titulação, os grupos de trabalho em que as pesquisas foram publicadas e os tipos de autoria; conhecer os conteúdos informacionais mediados conscientemente pelas pesquisadoras e como contribuem para o protagonismo social. A pesquisa, de abordagem quantitativa e qualitativa, caracteriza-se como uma investigação de cunho exploratório, documental e descritivo. Os dados foram coletados nos anais dos ENANCIBs, no repositório do BENANCIB e no currículo *lattes* das pesquisadoras. A amostra foi composta pelos artigos localizados nas comunicações orais, em pôsteres e resumo expandido. A busca ocorreu por meio do título, do resumo e das palavras-chave. Para organizar, classificar e descrever as variáveis, utilizou-se o *software Excel* e técnicas estatísticas para confeccionar tabelas e gráficos. Foram utilizados os procedimentos bibliométricos para análise documental e a discussão dos dados. Os resultados revelaram que, por intermédio da mediação dos conteúdos informacionais, as pesquisadoras atuam com vistas a contribuir com o protagonismo das mulheres na Ciência da Informação. As produções científicas mediadas pelas(os) pesquisadoras(es) sobre mulher, gênero e feminismo mediam informações e visibilizam as mulheres como produtoras e usuárias da informação, interferindo conscientemente em ações informacionais pautadas no protagonismo social das mulheres e na redução das desigualdades de gênero.

Palavras-chave: Mulheres na ciência. Gênero. Protagonismo social. Mediação da informação. Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação.

ABSTRACT

The exclusion of women in Science is a reflection of deep power relations between women and men, based on hegemonic gender schemes, which impact the insertion of women in the scientific field. Based on this assumption, the research had as general objective: to analyze the social protagonism of women, through the scientific production on the terms 'women, gender and feminism', in the annals of the National Meeting of Research in Information Science (ENANCIB), promoted by the National Association for Research and Graduate Studies in Information Science (ANCIB), from 1994 to 2019. As for the specific objectives, it was intended to map the researchers and the works produced on the theme 'woman', 'gender' and 'feminism' in the annals of the National Meeting of Research in Information Science (ENANCIB); to draw an overview of the institutional affiliation of the researchers and the training area, the title, the work groups in which the research was published and the types of authorship; knowing the informational contents consciously mediated by the researchers and how they contribute to social protagonism. The research, with a quantitative and qualitative approach, is characterized as an exploratory, documentary and descriptive investigation. Data were collected from the annals of the ENANCIBs, from the BENANCIB repository and from the researchers' lattes curriculum. The sample consisted of articles located in oral communications, posters and expanded abstract. The search was carried out using the title, abstract and keywords. To organize, classify and describe the variables, Excel software and statistical techniques were used to create tables and graphs. Bibliometric procedures were used for document analysis and data discussion. The results revealed that, through the mediation of informational content, the researchers act with a view to contributing to the protagonism of women in Information Science. Scientific productions mediated by researchers on women, gender and feminism mediate information and make women visible as producers and users of information, consciously interfering in informational actions based on the social protagonism of women and on reducing gender inequalities.

Keywords: Women in science. Genre. Social protagonism. Information mediation. National Information Science Research Meeting.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Conteúdos mediados sobre mulher, gênero e feminismo nos trabalhos apresentados nos ENANCIBs (1994-2019)	110
------------	---	-----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 –	Pesquisadores(as) de cinco áreas que declararam ao menos um doutorado na Plataforma Lattes	41
Gráfico 2 –	Produção sobre Gênero/Mulheres e feminismo na Ciência da Informação (2007-2018)	53
Gráfico 3 –	Publicações sobre mulher, gênero e feminismo nos ENANCIB's	66
Gráfico 4 –	Quantidade de pesquisadores (as) por gênero	69
Gráfico 5 –	Quantidade de trabalhos sobre mulher, gênero e feminismo, apresentados nos ENANCIBs (1994 a 2019)	96
Gráfico 6 –	Produção de trabalhos por GTs (1994 a 2019)	96
Gráfico 7–	Tipos de autoria e coautoria por sexo (1994 a 2019)	99
Gráfico 8 –	Termos encontrados nos títulos dos trabalhos	109

LISTA DE QUADRO

Quadro 1 –	As cinco dimensões da mediação da informação	33
Quadro 2 –	Edições do ENANCIB (1994- 2019)	61
Quadro 3 –	Grupo de Trabalhos do ENANCIB	63
Quadro 4 –	Título dos trabalhos, nomes dos(as) pesquisadores(as), grau de formação acadêmica, vínculo institucional, ano de publicação, GT e edição do evento	67
Quadro 5 –	Quadro 5 – Área de formação dos (as) pesquisadores (as)	70
Quadro 6 –	Quadro 6 – Produções científicas por Instituição (1994 a 2019).	92
Quadro 7 –	As autoras com produções recorrentes sobre mulher, gênero e feminismo no ENANCIB (1994 –2019)	101

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ANCIB	Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
BRAPCI	Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEDERJ	Centro de Ciências e Educação Superior à Distância do Estado do Rio de Janeiro
CEFET - MG	Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais
CI	Ciência da Informação
CNPQ	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
EMERJ	Escola da Magistratura do Estado do Rio de Janeiro EMI- Estudos Métricos da Informação
ENANCIB	Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
FIOCRUZ	Fundação Oswaldo Cruz
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBICT	Instituto Brasileiro de Ciência e Tecnologia
IBPAD	Instituto Brasileiro de Pesquisa e Análise de Dados
IFPB	Instituto Federal da Paraíba
IFMS	Instituto Federal do Mato Grosso do Sul
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
GT	Grupo de Trabalho
G1	Portal de Notícias da Globo
N.L	Não Localizado
NEIM	Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher
ONG	Organização Não Governamental
PNI	Programa Nacional de Imunizações
PPGCI	Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação
PPGNEIM	Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares em Mulheres, Gênero e Feminismo

PIVIC	Programa Institucional de Voluntários de Iniciação Científica
PUC	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
TIC	Tecnologia de Informação e Comunicação
UDESC	Universidade do Estado de Santa Catarina
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UEPB	Universidade Estadual da Paraíba
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFMA	Universidade Federal do Maranhão
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UNB	Universidade de Brasília
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNESP	Universidade Estadual Paulista
UNICAP	Universidade Católica de Pernambuco
UNIRIO	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	PRODUÇÃO CIENTÍFICA	23
3	3 PROTAGONISMO SOCIAL DAS MULHERES: MULHERES, GÊNERO E CIÊNCIA	30
3.1	MULHERES, GÊNERO E CIÊNCIA	34
4	METODOLOGIA	56
4.1	CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	56
4.2	CAMPO DE PESQUISA: Anais do ENANCIB	60
4.2.1	Encontro Nacional de Ciência da Informação – ENANCIBs	61
4.2.2	Grupos de Trabalhos	63
5	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	68
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	114
	REFERÊNCIAS	117

1 INTRODUÇÃO

A exclusão das mulheres, na Ciência, é reflexo de profundas relações de poder entre mulheres e homens, alicerçadas em esquemas hegemônicos de gênero, os quais impactam a inserção das mulheres no campo científico. Partindo desse pressuposto, a pesquisa teve como objetivo geral: analisar o protagonismo social das mulheres, por meio da produção científica sobre os termos 'mulheres, gênero e feminismo', nos anais do Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB), promovido pela Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB)

A ciência consiste em um modo, uma forma de representação da realidade, prática construída socialmente e em constante movimento, com vistas a compreender e explicar os fenômenos sociais em suas diversas formas de manifestação.

Conforme Cecília Minayo (1994), a ciência consiste em uma construção social, uma forma de expressão provisória, histórica e não exclusiva das realidades existentes. Configura-se como modo de conhecimento legitimado na sociedade moderna, que impacta o contexto social, político, econômico e cultural da humanidade em suas complexas redes de relações de poder.

A prática da atividade científica, nas premissas da pesquisadora, se configura como uma dinâmica de trabalho complexo, que envolve métodos, teorias, operacionalidade e criatividade na busca para compreender os fenômenos sociais (MINAYO, 1994).

A ciência, procura em sua essência, descobrir os fenômenos naturais, por meio de técnicas e métodos próprios, no entanto, não existe resultado absoluto e permanente, de modo que a ciência está em contínuo processo de mudança e investigação (TARGINO, 1988).

Nessa perspectiva, a ciência pode ser compreendida, na ótica de Suzana Muller (1995), como uma prática multifacetada em várias áreas intelectuais, com diferentes olhares científicos acerca dos fenômenos que se consolidam em conhecimento, e este ao ser comunicado e aprovado pelo meio científico, estabelece-se como ciência.

Já Maria das Graças Targino (1998, p. 2) vincula a ciência “[...] ao conjunto de procedimentos transformadores advindos da vinculação ciência-tecnologia e de seus

resultados inscritos no meio ambiente [...]”, bem como da evolução industrial, tecnológica e social, corroborando para o desenvolvimento e crescimento científico, assim como, também, para o desenvolvimento de novos métodos e técnicas científicas.

Desse modo, as transformações políticas e culturais da sociedade moderna, a exemplo do avanço das tecnologias de informação e comunicação (TICs), contribuem para a disseminação da informação em grande escala e para as novas formas de produzir, organizar e dar acesso à informação, e ecoam na dinâmica de produção do conhecimento científico moderno. Isso se dá em um movimento dialético entre as transformações sociais das diversas sociedades, e resulta nas produções científicas que refletem as mudanças sociais existentes.

Maria das Graças Targino (1998) destaca ainda que a ciência vem contribuindo, há séculos, de forma basilar para elaborar explicações, provocar acontecimentos, e expandir, de forma permanente e contínua, as fronteiras do conhecimento. A autora enuncia que não há como produzir ciência sem a informação, uma vez que a primeira se utiliza da informação e da comunicação científica para que seja delineada a atividade científica. (TARGINO, 1998).

Dessa forma, a informação constitui um elemento essencial para a ciência, por meio do seu acesso, uso e apropriação, impactando diretamente no desenvolvimento da cidadania, seja no âmbito político, econômico ou social.

Nesse interim, conforme assinala Maria das Graças Targino (1998, p. 5): “Não há exercício da cidadania sem informação: o cumprimento dos deveres e a reivindicação dos direitos civis, políticos e sociais pressupõem o seu conhecimento e reconhecimento”.

Para que ocorra a produção científica, é necessária a comunicação científica, que acontece por meio do diálogo entre os(as) pesquisadores(as) que produzem em uma determinada área do conhecimento. Essa comunicação ocorre na interação entre os(as) mesmos(as), sendo, pois, um processo social da informação.

Sobre isso, de acordo com Maria das Graças Targino (1998), a comunicação científica configura-se uma construção, por meio do diálogo, em que os(as) pesquisadores(as) produzem informações, de modo a propiciar um intercâmbio de ideias entre os(as) pares.

Suzana Muller (1995, p. 64) acredita que “[...] no desenvolvimento da ciência, o conhecimento já estabelecido, é aumentado, aprimorado, revisto ou corrigido pelos

resultados de novas pesquisas”. Nesse sentido, a comunicação, a interação e o compartilhamento entre os pares são partes indispensáveis na construção de compreensões e teorias atinentes à realidade social.

A pesquisadora Miriam Aquino (2008) aponta que o conhecimento deve ser apreendido com o olhar direcionado para a plenitude da ação social sobre a pessoa tendo em vista que a informação e o conhecimento são bases fundamentais na produção e desenvolvimento da sociedade.

Em contrapartida, na história da ciência moderna, observa-se que determinados grupos sociais vêm enfrentando grandes obstáculos para se inserir nas mais diferentes sociedades como partícipes de direitos no contexto social, político e cultural. No caso desta pesquisa, abordamos especificamente as questões referentes às mulheres. A trajetória das mulheres para acessar à educação e exercer a atividade científica, foi marcada por discriminações, opressões e resistência (LETA, 2003).

A ciência, por muitos séculos, foi conhecida como um campo historicamente construído por homens brancos, de classe média alta, europeus, cristãos e heterossexuais. Houve várias mudanças sociais, políticas, culturais e tecnológicas, a partir dos séculos XV, XVI e XVII, as quais possibilitaram o acesso das mulheres à educação e à atividade científica, no entanto, as disparidades ainda são extensas (LETA, 2003).

No século XX, na história da ciência, a ausência de mulheres ainda era muito visível, pois a prática científica permanecia culturalmente definida como carreira imprópria para as mulheres. Durante mais de 450 anos no Brasil, o hiato de gênero na educação brasileira favoreceu os homens (BELTRÃO; ALVES, 2009). Sobre essa lacuna no processo de produção científica, a autora Londa Schiebinger (2001) enuncia que as mulheres, enquanto categoria social, foram excluídas do campo científico sem nenhuma outra razão, a não ser em razão de seu sexo.

Partindo desse contexto, as teorias críticas feministas buscaram (buscam) visibilizar e problematizar parâmetros misóginos e a situação de subordinação das mulheres nesse processo no “[...] tocante ao seu pertencimento ao campo das práticas científicas no que diz respeito às diversas formas de opressão, nem sempre explícitas, sobre a capacidade feminina, suas reflexões e pontos de vistas” (BANDEIRA, 2008, p. 224).

Ainda segundo a mesma teórica, não há uma “teoria crítica geral”, única do pensamento feminista, na qual acha pertinente que haja reflexões, na ótica de pressupostos teóricos distintos, buscando analisar e compreender a situação de subordinação das mulheres na sociedade (BANDEIRA, 2008).

Uma observação importante a esta lacuna na ciência sobre a situação feminina enquanto objeto de estudo científico, é que, de acordo com Sandra Harding (1986), em geral, as teorias tradicionais não foram fundamentadas nas experiências, nem tão pouco nos problemas ou necessidades femininas. Segundo a mesma, as teorias existentes procuraram resolver os problemas criados e pensados pelos homens.

Sob a ótica de participação efetiva das mulheres na produção da ciência, a pesquisadora Gilda Olinto (2011), expoente no campo da Ciência da Informação, pontua que as mulheres se deparam com preconceitos e discriminações de gênero, os quais obstaculizam a sua ascensão profissional no mundo da ciência.

A autora traz para o debate as informações referentes à dimensão sociocultural, as quais estruturam as diferenças de gênero, ou seja, símbolos, crenças, representações sociais, entre outros, disseminados desde a tenra idade, formando estereótipos a respeito das capacidades e habilidades de meninas e meninos (OLINTO, 2011).

No tocante à reflexão sobre a inserção das mulheres no campo profissional, a mesma autora reflete sobre a divisão sexual do trabalho, somada aos estereótipos e a forma como influenciam as escolhas das mulheres em sua vida profissional, a exemplo da desproporção das mulheres na área de exatas em comparação aos homens. A segregação horizontal e vertical, que serão detalhadas no capítulo 3, colaboram para compreender as desigualdades de gênero na academia e na atividade científica.

Assim, espera-se que haja políticas e programas de governo e de instituições de ensino e pesquisa que devem estar atentos às desigualdades de gênero e se comprometer a promover mudanças, “[...] com vistas a uma participação mais igualitária dos gêneros na universidade e no exercício da atividade científica.”. (OLINTO, 2011, p. 16)

Vale ressaltar que a inclusão das mulheres na ciência não ocorre de forma igualitária para todas as mulheres, haja vista a imbricação entre gênero e racismo, que dinamiza a exclusão e a inclusão de formas diferenciadas.

As mulheres negras, em sua maioria, em decorrência da imbricação do racismo e sexismo, estão em situação de desigualdade social. Para a pesquisadora Mirian Aquino (2015, p. 566), “[...] a presença das mulheres negras no ensino superior não está relacionada apenas à cor, mas também ao nível econômico, à pobreza e à origem familiar”.

Nesse sentido, é possível afirmar que as mulheres negras estão ainda mais distantes de ocupar lugares de igualdade na ciência em relação às mulheres brancas e aos homens.

Para a efetividade das igualdades das mulheres negras no ensino superior, faz-se necessário que ações sejam direcionadas visando essa igualdade, por meio de criação de políticas públicas que proporcione à essas mulheres desde a educação básica de qualidade até o ensino superior, bem como no campo econômico e social das mulheres, estudantes, trabalhadoras e educadoras (SILVA, 2010).

É importante frisar que a exclusão das mulheres na ciência, conforme indica Londa Schienbinger (2011), ocorreu há centenas de anos, e para trazer e visibilizar no campo científico tal fato, é necessária a problematização e a transformação estrutural na cultura, nos métodos e no conteúdo da ciência. Para tanto, faz-se necessário que as atividades científicas funcionem como molas propulsoras, visando cumprir seu papel social na diminuição das desigualdades sociais.

Nesse sentido, o olhar direcionado à equidade de gênero e à disseminação do conhecimento científico com vistas à promoção do desenvolvimento social e humano das mulheres deve-se configurar como pilar da atividade científica. Assim, enxergamos a mediação da informação, resultante da produção científica, como base de uma comunidade científica sólida, porém, para que isso aconteça, é necessário que haja uma comunicação inclusiva entre os pares, proporcionando a igualdade de gênero na ciência.

Com base nos pressupostos expostos, consideramos que visibilizar a produção científica dinamizada por pesquisadoras engloba uma ação de mediação consciente da informação (GOMES, 2019), no sentido de intencionalmente visibilizar as mulheres como participantes de pesquisa.

Acreditamos que estudar a produção científica sobre mulheres no âmbito da Ciência da Informação nos permite analisar como a área, composta majoritariamente por mulheres, tem dinamizado conteúdos informacionais sobre o tema. Além disso,

possibilita conhecer quem são os pesquisadores(es) que têm se dedicado a estudar a temática atinente às mulheres, assim como analisar como as produções científicas, mediadas conscientemente pelos(as) mesmos(as), contribuem para promover o protagonismo social das mulheres.

É importante considerar que o protagonismo representa, essencialmente, ações de resistência contra qualquer tipo de opressão, rejeição, discriminação, desrespeito e negação ao diferente. Ele é resultante da ação mediadora, porém também é responsável por impulsioná-la, de modo a refletir na dimensão política desta ação (GOMES, 2019).

Mediante o exposto, a pesquisa é impulsionada pelos seguintes questionamentos: quem são os(as) pesquisadores(as) que produziram sobre mulheres, gênero e feminismo nos Encontros Nacionais de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB)? Como a produção científica em relação as questões de gênero estão representadas nos anais do Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB)? Como os conteúdos mediados conscientemente pelos(as) pesquisadores(as) contribuem para o protagonismo social das mulheres?

Neste cenário, o objetivo geral da pesquisa foi analisar o protagonismo social das mulheres, por meio da produção científica sobre os termos ‘mulheres, gênero e feminismo’, nos anais do Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB), promovido pela Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB), de 1994 a 2019.

Para tanto, objetiva-se especificamente:

- a) mapear as pesquisadoras e os trabalhos produzidos sobre o tema ‘mulher’, ‘gênero’ e ‘feminismo’ nos anais do Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB), no período entre 1994 a 2019.
- b) traçar um panorama da vinculação institucional das pesquisadoras e a área de formação, a titulação, os grupos de trabalho em que as pesquisas foram publicadas e os tipos de autoria.
- c) conhecer os conteúdos informacionais mediados conscientemente pelas pesquisadoras e como contribuem para o protagonismo social.

Sobre a área de atuação investigada, é importante lembrar que a Ciência da Informação, conforme a classificação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), integra a grande área das Ciências Sociais Aplicadas - Área de Avaliação - "Comunicação e Informação" como um "[...] espaço específico para a discussão da natureza social dos fenômenos informacionais [...]" (ARAÚJO, 2003, p. 21).

De acordo com Carlos Alberto Ávila Araújo (2003), as Ciências Sociais são epistemologicamente aplicadas com seus métodos e técnicas, exercendo um papel fundamental na sociedade através da informação, visto que esta é um elemento de alto impacto social.

Deste modo, Araújo (2003) aponta que a Ciência da Informação, como Ciência Social Aplicada, é chamada a contribuir por meio da informação para a construção de uma nova sociedade, pensando sempre na perspectiva social dos indivíduos.

Mirian Aquino (2008) acredita que a Ciência da Informação constitui-se como uma área do conhecimento capaz de impulsionar o desenvolvimento dos indivíduos, por meio da ação da informação. Assim, para que a atividade científica seja considerada ciência, além dos métodos utilizados para validação científica, é importante que a informação seja divulgada por meio de registro em suportes como documentos científicos, relatórios, artigos publicados em revistas, como também deve ser aceito pela literatura da área (BRAGA, 1974).

Partindo desses pressupostos, é importante esclarecer a escolha do ENANCIB como o *locus* de observação do fazer científico de mulheres. Este evento é o principal encontro da Ciência da Informação no Brasil, realizado desde 1994, sendo, responsável por grande parte da produção científica na área da Ciência da Informação no país. No evento, pesquisadores(as) apresentam pesquisas que estão sendo desenvolvidas na área (VALÉRIO; BERNARDINO; SILVA, 2012).

O evento é considerado um meio de divulgação científica da área, bem como um espaço onde os(as) pesquisadores(as) têm a oportunidade de trocar experiências e saberes vivenciados no meio acadêmico e científico (VALÉRIO; BERNARDINO; SILVA, 2012). Dessa forma, o ENANCIB é de suma importância para a produção científica da CI, uma vez que reúne pesquisadores(as) e discussões diversas, motivo este que nos impulsionou a realizar o presente estudo.

Estudar a comunicação científica e conhecer a produção científica de (sobre) mulheres, gênero e feminismo, por meio da literatura produzida na área, no caso específico do ENANCIB, possibilitará, mediar conteúdos informacionais, bem como servirá de subsídios para novas pesquisas na desconstrução das categorias de gênero (FERREIRA; CÔRTEZ, 2017, p. 27).

A escolha do tema da presente pesquisa surgiu da minha participação, enquanto discente do curso de Biblioteconomia, nos projetos de extensão do Programa Institucional de Voluntários de Iniciação Científica (PIVIC), intitulados ‘Centro de Referência Ednalva Bezerra: canais de informação e cidadania’, no período de 2012 a 2013; e ‘Informação e Violência contra Mulheres: Centro de Referência da Mulher Fátima Lopes’, de 2014 a 2015, ambos coordenados pela professora Gisele Rocha Côrtes. A participação nos projetos possibilitou entrar em contato com reflexões e estudos sobre violência contra as mulheres e as hierarquias de gênero, que estruturam a nossa sociedade.

É importante destacar que as disparidades de gênero alocam às mulheres em situação de desigualdade em diversas instâncias sociais, tais como no mercado de trabalho, na participação política, no acesso à educação e no campo científico. Dessa forma, essas observações nos instigaram a pesquisar, no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, a produção científica sobre mulheres, gênero e feminismo nos Encontros Nacionais de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB).

Em relação a estrutura desta dissertação, a mesma se configurou da seguinte forma: capítulo 1 introdutório. O capítulo 2 – ‘Produção científica’ traz alguns conceitos sobre a produção e comunicação científica, bem como os tipos de comunicação científica, formal e informal, como princípios norteadores de toda pesquisa científica. O capítulo 3 – ‘Protagonismo Social: Mulheres, Gênero e Ciência’ lança um breve olhar sobre o percurso de lutas e conquistas das mulheres no campo científico, bem como os obstáculos enfrentados e os caminhos percorridos pelas mesmas. O capítulo ainda conta com um sub tópico. O tópico 3.1 – ‘Mulheres, Gênero e Ciência’. apresenta o processo de inserção feminina na ciência em diferentes períodos históricos e contextos, com a resistência de pesquisadoras contra interdições impostas à participação igualitária das mulheres no campo científico. No capítulo 4 são apresentados os procedimentos metodológicos que nortearam esta pesquisa e o sub tópico 4.1 Apresenta a caracterização da pesquisa,

o sub tópico 4.2 Discorre acerca dos anais do ENANCIB, campo deste trabalho. O sub tópico 4.2.1 Apresenta o Encontro Nacional de Ciência da Informação – ENANCIB. Já o 4.2.2 Apresenta os Grupos de Trabalhos (GT). No capítulo 5- ‘Apresentação e Análise dos Dados’ se encontram os dados coletados e analisados conforme os critérios estabelecidos na metodologia, apresentamos as pesquisas recuperadas, os conteúdos protagonizados conscientemente pelas pesquisadoras, bem como sugestões para pesquisas futuras.

2 PRODUÇÃO CIENTÍFICA

Neste capítulo apresentamos os conceitos de produção e comunicação científica como uma forma de comunicar os conhecimentos produzidos cientificamente.

Para conhecer a produção científica de uma área, é importante compreender a forma como a comunicação entre os pares ocorre. Em se tratando de comunicação, Maria das Graças Targino (1998, p. 10) afirma que “[...] a comunicação é um ato, um mecanismo, é o processo de intermediação que permite o intercâmbio de ideias entre os indivíduos”. Assim, entende-se a comunicação como todo tipo de diálogo existente entre os grupos sociais, em que há compreensão e entendimento entre as pessoas que se comunicam.

Quando abordamos especificamente a comunicação científica, estamos discorrendo sobre o diálogo delineado no meio acadêmico e científico entre os(as) pesquisadores(as) a respeito de determinado assunto ou temática.

Para Rita Caribe (2015), a comunicação científica ocorre desde o primeiro momento em que surge a ideia na mente do(a) pesquisador(a) perpassando por todo o período de produção, disseminação e uso da informação. De acordo com a autora:

[...] a produção e comunicação científica estão ligadas à disseminação dos resultados de pesquisa e troca de informações entre os pares dessa comunidade. E tem como objetivo, além da publicização do conhecimento, a troca de ideias entre pesquisadores e o registro do conhecimento (ALVES, 2011, p. 1).

Garvey (1979) aponta que a comunicação científica engloba todo o espectro de atividades articuladas à produção, à divulgação e ao uso da informação, que se inicia com a ideia que o(a) cientista obtém para seu estudo até o momento em que os resultados de sua pesquisa sejam aceitos como parte do conhecimento científico.

Para Santos e Costa (2012), esse tipo de comunicação tem como principal função transmitir conhecimento, possibilitar a disseminação das pesquisas, ampliar resultados de estudos anteriores, ou ainda estabelecer novas perspectivas em determinado campo de interesse e fronteiras.

Suzana Mueller (2003) enuncia que existem dois tipos de comunicação: a formal e a informal. Sobre a comunicação formal, a autora destaca que é aquela publicada e disseminada em canais formais de comunicação, a exemplo de livros e

dos periódicos científicos. Já a informal, ocorre de forma pessoal, e refere-se às pesquisas não concluídas, podendo ser apresentada em eventos, congressos e palestras.

A comunicação situa-se no próprio coração da ciência. É para ela tão vital quanto a própria pesquisa, pois a esta não cabe reivindicar com legitimidade este nome enquanto não houver sido analisada e aceita pelos pares. Isso exige, necessariamente, que seja comunicada. (MEADOWS, 1999, p. vi).

Assim, a informação é um produto gerado da comunicação científica, por meio dos canais de informação formais e informais, pelos pares de uma determinada área, resultando, deste modo, na produção científica (NORONHA; KIYOTANE; JUANES, 2003).

Complementando essa ideia sobre a informação científica, de acordo com Leite (2014, p. 25), ela inclui aquilo que é publicado no meio científico, por meio de “[...] artigos de periódicos, artigos de anais de conferências e livros, em suporte digital ou impresso”. Desse modo, não se pode separar a comunicação científica da produção científica, pois ambas caminham juntas, na efetivação e na consolidação do fazer ciência.

[...] a comunicação científica obedece a práticas estabelecidas pela comunidade científica, termo que designa tanto a totalidade dos indivíduos que se dedicam à pesquisa científica e tecnológica como grupos específicos de cientistas, segmentados em função das especialidades, e até mesmo de línguas, nações e ideologias políticas (TARGINO, 1998, p. 12).

Sobre essa perspectiva, Isa Freire e Alexandre Sousa (2010, p. 112) afirmam que a produção científica é “[...] todo conhecimento produzido no âmbito acadêmico pautado nas artes do método científico, sendo socializado, a partir de sua comunicação e publicação.” Assim, consideramos que a produção científica é o produto de uma pesquisa realizada que se utilizou da informação como mola propulsora para ser comunicada nos meios e canais de informação da comunidade científica, onde a mesma é avaliada pelos pares e compreendida como um assunto ou temática de relevância para determinada área (SILVA, 2020).

Pelo ambiente científico e de construção de conhecimento, então as universidades se tornam as principais fontes de pesquisas, responsáveis pelo conhecimento científico produzido no país, e que contribuem solidamente para o crescimento da ciência.

Nesse interim, destaca-se alguns dos principais institutos de pesquisa no Brasil: Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), Instituto Brasileiro de Geografia e

Estatística (IBGE), Fundação Perseu Abrahmo, Instituto Butantan, Instituto Adolfo Lutz, *Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada* (IPEA), Instituto Brasileiro de Pesquisa e Análise de Dados (IBPAD), entre outros, os quais têm realizado grandes avanços na ciência brasileira (MOTA; GOMES; OLIVEIRA; SANTOS; e AMORIM, 2007).

Em concordância com o apresentado, portanto, temos que no Brasil, as universidades públicas são responsáveis pela maior parte da produção científica, por meio dos Programas de Pós-Graduação (níveis Mestrado e Doutorado) das pesquisas realizadas em eventos, congressos, artigos e livros publicados (NORONHA; KIYOTANE; JUANES, 2003).

De acordo com a pesquisa realizada por Mariluce Moura, sobre o desenvolvimento das universidades brasileiras, mais de 95% da produção científica do Brasil nas bases internacionais deve-se à capacidade de pesquisa de suas universidades públicas (MOURA, 2019).

Nesse contexto de produção científica brasileira, vale destacar dois institutos que têm contribuído de forma considerável para o desenvolvimento científico do país como também em nível mundial, são eles a Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) e o Instituto Butantan. O primeiro, vinculado ao Ministério da Saúde e a Fundação Oswaldo Cruz, produz conhecimentos para o controle de doenças como a Aids, malária, doença de chagas, tuberculose, hanseníase, sarampo, rubéola, esquistossomose, meningites e hepatites (FIOCRUZ, 2021). O Butantan, por sua vez, é o principal produtor de imunobiológicos do Brasil, e faz parte do Programa Nacional de Imunizações (PNI) do Ministério da Saúde. O Instituto desenvolve estudos e pesquisas básicas nas áreas de biologia e de biomedicina (INSTITUTO BUTANTAN, 2021).

Desse modo, o Butantan contribui com a saúde pública brasileira, produzindo diversas vacinas contra vírus e bactérias, gerando produtos de alta qualidade, segurança e eficácia. Uma das descobertas significativamente importantes do Instituto foi a criação do antígeno para o vírus inativado SARS-COV-2, objetivando a cura da população mundial que sofre, no atual momento, com a pandemia da COVID19 (INSTITUTO BUTANTAN, 2021)

Partindo dessa contribuição atual, é importante retomar aqui, o dilema que a população mundial tem vivenciado, desde o final de 2019 e início de 2020, com a

presença do vírus que já tem causado prejuízos incontáveis a toda a humanidade: o coronavírus.

O SARS-CoV-2 é um vírus da família Coronavírus, que causa doenças e infecções respiratórias. É responsável por causar a Corona Vírus *Disease* 2019 (COVID-19), descoberto inicialmente em Wuhan, na China, e tem se espalhado rapidamente por todo o mundo, alterando dessa forma, a rotina da população, devido às medidas de isolamento social para conter o contágio e propagação do vírus mundial. (MACEDO; ORNELLAS; BOMFIM, 2020; MARQUES *et al.*, 2020; MOREIRA; PINHEIRO, 2020).

Percebe-se, a partir do exposto, a importância dos dois institutos brasileiros, assim como das demais instituições de ensino e pesquisa no país para o desenvolvimento econômico e social, por meio da produção científica em seus âmbitos, como também contribuições significativas para a saúde local e mundial.

Diante disso, consideramos que os estudos acerca da análise da produção científica de um determinado campo do conhecimento, área, termos ou assunto vai se solidificando na medida em que as pesquisas vão se aprofundando, por meio de debates e novos questionamentos, trazendo, assim, contribuições à ciência e à humanidade.

Na visão de Leilah Bufrem (2014), existem quatro categorias de análise da produção científica:

A concretude de seus resultados: ela ocorre em contextos concretos, nos quais pesquisadores realizam práticas e utilizam seus referenciais para dar sentido aos problemas de pesquisa [...]. **A diversidade de sua natureza:** fatores de natureza diversa influenciam a pesquisa científica, tais como as vivências prévias dos sujeitos, a natureza específica do conhecimento ou domínio[...]. **Os contextos e dimensões que a identificam:** as ideias dos pesquisadores apresentam-se em contextos lógicos, teóricos, sociológicos e psicológicos diferenciados, podendo oscilar entre níveis mais ou menos elaborados de pesquisa, conforme o objeto, os objetivos e a situação[...]. Os sentidos advindos das relações espaço temporais: as relações espaciais e temporais dão sentido à prática da pesquisa científica (BUFREM, 2014, p. 4, grifo nosso).

A produção científica tem como foco o(a) produtor(a) e o(a) consumidor(a) da informação. O(a) pesquisador(a) que tem acesso a uma produção científica de qualidade para fundamentar suas pesquisas, provavelmente, produzirá informação de qualidade enquanto produtor(a) de informação (WITTER, 1996).

Dessa forma, acredita-se que a produção científica é uma via de compartilhamento, que permite a troca de conhecimento entre os pares, por meio

dos resultados obtidos, e possibilita, através de um processo interativo, o exercício da crítica, viabilizando o surgimento de questionamentos impulsionadores de novas pesquisas.

Para Gabriela Silva (2019), a comunicação científica contribui para a construção científica da ciência, ancorando-se na dinâmica social das pessoas produtoras do conteúdo informacional, assim como em pesquisas e políticas já existentes no âmbito de determinada comunidade científica.

Simone Santos e Marlene Oliveira (2017, p. 37) asseveram que “[...] a publicação científica é uma forma de reconhecer e de legitimar autores e seus artigos”. Assim, sem a publicação científica fica inviável a disseminação e a concretude da legitimação da informação. Em concordância com essa ideia, Witter (1996) apresenta:

[...] produção científica é a forma pela qual a universidade ou instituição de pesquisa se faz presente no saber-fazer-poder-ciência; é a base para o desenvolvimento e a superação da dependência entre países e entre regiões de um mesmo país; é o veículo para a melhoria da qualidade de vida dos habitantes de um país; é a forma de se fazer presente não só hoje, mas também amanhã; a produção e comunicação científica (WITTER, 1996, p. 8).

Conforme as pesquisadoras Francisca Ramalho, Eliane Paiva e Edna Gomes (2019), para que um trabalho de cunho científico seja de fato considerado, faz-se necessário que a produção seja disseminada na comunidade científica, de modo que seja avaliada e reconhecida pelos pares, gerando novos conhecimentos.

A produção científica de uma área do conhecimento é um termômetro que pode indicar os avanços, as tendências e como essa área está se consolidando, assim como aponta para os tipos de profissionais e não profissionais que dão suas contribuições para ela. (RAMALHO; PAIVA; PINHEIRO, 2019, p. 197).

A produção científica resulta, desse modo, das pesquisas realizadas pelos(as) pesquisadores(as) quando publicadas em canais de informação, revistas, eventos, livros etc., depois de avaliadas por seus pares (SILVA, 2020), sendo, pois, fundamental para produção do conhecimento e crescimento da ciência.

As autoras Miriam Aquino e Alba Silva (2015, p. 772) afirmam que

A produção de conhecimento é capaz de refletir sobre a problemática de diferentes grupos sociais nas universidades públicas, mas questionamos a displicência de algumas áreas de conhecimento sobre a exclusão de indivíduos marginalizados [...].

Desse modo, ao estudar a produção científica de uma determinada área tem-se a oportunidade de refletir sobre as dinâmicas de produção de conhecimento, observando-se os modos de produção e quem a produz, quais grupos sociais se apresentam como produtores e objetos de conhecimento e quais são excluídos desse processo.

Para Valério, Bernardino e Silva (2012), o estudo da produção científica de uma determinada área do conhecimento pode colaborar para que se possa conhecer a sua produção informacional e o seu diálogo com a sociedade.

Conforme postula Gabriela Silva (2019, p. 17), a Ciência da Informação busca compreender como se dinamiza a informação enquanto comunicação científica, objetivando analisar como se delineia “[...] a dinâmica de uma produção científica em determinada área, e analisando a atuação de vários atores sociais, como as universidades, pesquisadores, institutos de pesquisa, agências de fomento, entre tantos outros”.

Nesse sentido, pode-se compreender como se constitui a produção científica e como são construídos os processos sociais de um campo científico, ancorados em orientações e políticas de um campo e demais contextos. Assim, as pesquisas de mapeamento das ciências, na visão da pesquisadora Silva (2019), se apresentam como estratégias para analisar e aprofundar a compreensão sobre os processos sociais.

Mediante a situação de desigualdade das mulheres em diferentes instâncias sociais e dos processos de silenciamento e invisibilidade das mulheres na prática científica, considerou-se, portanto, fundamental identificar e visibilizar as pesquisadoras e os conteúdos informacionais mediados conscientemente pelas mesmas, nos trabalhos produzidos sobre ‘mulher’, ‘gênero’, e ‘feminismo’ nos anais do Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB).

Postula-se que os trabalhos que versam sobre tais temáticas, no âmbito da Ciência da Informação, contribuem para reafirmar as mulheres como pessoas de conhecimento e evidenciam o poder da informação no processo do protagonismo social das mulheres.

A informação configura-se, desse modo, como um elemento indispensável no processo de busca de igualdade de gênero, em todos os processos informacionais, seja na produção, organização, acesso, uso ou disseminação (ALVES; COSTA; SILVA; CÔRTEZ; ALVES, 2018).

No capítulo três, tem-se a oportunidade de lançar um olhar sobre o percurso de lutas e conquistas das mulheres no campo científico, bem como os obstáculos enfrentados e os caminhos percorridos pelas pesquisadoras.

3 PROTAGONISMO SOCIAL: MULHERES, GÊNERO E CIÊNCIA

Neste capítulo, apresentamos os conceitos de protagonismo social sob o viés das(os) pesquisadoras(es) Henriette Gomes e Edmir Perrotti, e de como por meio da informação, é possível protagonizar questões tão pertinentes as mulheres, gênero e feminismo na Ciência da Informação.

Empregado em diferentes campos da ação social, o conceito de protagonismo trata de lutas por igualdade de direitos, com significados pedagógicos e políticos. Conforme Henriette Gomes (2019), ser protagonista vai muito além do ato de fazer, sendo, pois, um modo de viver e de agir no mundo.

De acordo com a autora, o agir protagonista está relacionado “[...] à conduta de resistência e combate, de enfrentamento de antagonismos (que lutam contra) que afetam a todos na sociedade” (GOMES, 2019, p. 13). Dessa forma, a tomada de posição protagonista requer um compromisso com o social, com o coletivo, no qual se faz necessário, muitas vezes, colocar-se de frente com os poderes existentes, indo contra, por exemplo, os sistemas dominantes, buscando liderar em favor de um bem comum (GOMES, 2019). Complementa-se ainda que, Para Henriette Gomes, (2019, p. 13) “Ser protagonista implica na tomada de posição de sujeito social ativo, que age e reage com e em relação ao outro”.

Já Edmir Perrotti (2017), ao abordar sobre protagonismo, afirma que protagonista é (o)a principal lutador(a), etimologicamente, (*proto* = primeiro, principal) associado à *agonistes* (o que luta, lutador). Segundo o autor, a gênese do conceito de protagonismo associa-se com a história de *Antígona*, de Sófocles.

Antígona inicia-se com a notícia de que dois irmãos da protagonista morreram em batalha, lutando, no entanto, cada um de um lado, Creontes o rei de Tebas, ordena, então, que Polineices, o traidor da pátria, fosse deixado exposto a ave de rapina, sem direito à sepultura. [...] ao tomar conhecimento Antígona decide desafiá-lo e realizar os ritos fúnebres do irmão. No entanto, é descoberta e levada presa a correntes na presença de Creonte. Em sua defesa, afirma ter reagido em consonância com as leis dos deuses que regem a vida da *pólis* (PERROTTI, 2017, p. 12).

Mesmo diante dos argumentos de Antígona, o rei Creonte, ignora seus argumentos e, movido pelo ódio e autoritarismo, insultando as próprias leis vigentes, sepulta Antígona com vida em uma caverna subterrânea, impelido apenas por sentimentos pessoais, Creonte enquanto rei colocou a sua vontade acima das leis existentes, pondo em risco não apenas Antígona, mas todos(as) os(as) cidadãos(ãs)

da *polis*. O fato desencadeou uma série de violência e tragédias em seu reino, depois que o rei colocou sua vontade pessoal, ou seja, a esfera privada acima da esfera pública (PERROTTI, 2017).

Nesse sentido, de acordo com o autor, percebe-se o protagonismo de Antígona ao se levantar e confrontar o rei, que estava ignorando as leis da *polis*. A ação de Antígona figurou como ato de resistência ao abuso do poder por parte do rei que agia com atos arbitrários. Como protagonista, Antígona se levanta frente à realidade social de opressão ao qual a sociedade se encontrava, confrontando, dessa forma, o sistema opressor, em busca do direito dos(as) oprimidos(as) (PERROTTI, 2017).

De acordo com Maria Farias e Aida Varela (2017), o conceito de protagonismo envolve a relação dos indivíduos, em um determinado grupo ou comunidade social, no processo de interação entre os(as) participantes envolvidos(as). Para as autoras, o protagonismo ocorre “[...] quando o indivíduo se mobiliza dentro da sua realidade social, adquirindo novas formas de enxergar as perspectivas de uma construção de realidade, o empoderamento se torna uma multiplicação de ideias transformadoras” (FARIAS; COSTA, 2017, p. 2).

Desse modo, na medida em que as pessoas de um determinado grupo ou realidade social tem possibilidades de lançar um novo olhar sobre o meio em que vive e/ou for capaz de inspirar novas ações, o mesmo pode ser considerado protagonista, pois ações protagonistas são aquelas que buscam transformar e construir um mundo melhor.

Farias e Costa (2017) afirmam ainda que o participante age enquanto protagonista ao olhar a conduta de sua ação como um ato capaz de gerar novos pensamentos e ideias, podendo conduzir outras pessoas na formação de uma nova consciência.

Para Edmir Perrotti (2017), o protagonismo é um processo no qual a pessoa da ação está em um movimento de atuação e de luta para criar significados ou até mesmo ressignificar a vida em sociedade. Dessa forma,

[...] O protagonismo implica uma dimensão existencial inexplicável. Significa resistência, combate, enfrentamento de antagonismos produzidos pelo mundo físico e/ou social e que afeta a todos. Significa tomada de posição dianteira face aos obstáculos que ameaçam a espécie (causados por pessoas, animais, circunstâncias, sentimentos, ideias, preconceitos etc.) (PERROTTI, 2017, p. 15).

Desse modo, o protagonismo ocorre quando as pessoas defendem uma bandeira em prol de uma ou diversas causas, e transforma sua ação em um movimento de construção social, visando agir não somente para o seu bem viver, mas também para os demais ao seu redor.

Importante frisar que a pessoa protagonista tem um papel fundamental e transformador não apenas da realidade na qual está inserido, pois vai muito além, já que transforma e é transformado pela própria realidade transformada. Assim, é essencial ressaltar que a pessoa protagonista tem papel fundamental e transformador na sociedade, pois ela é responsável por modificar não apenas a sua realidade, mas o meio em que está inserido, possibilitando o viver juntos.

Para Henriette Gomes (2019), o protagonismo é uma atitude, ou modo de viver, que está em todas as áreas da vida humana, nas mais diversas dimensões, tanto na dimensão cultural quanto na produção humana e dimensão social. A autora afirma ainda que para tratar de protagonismo social, articulando sua relação com a informação, é fundamental conceber a mediação como ação central, a qual situa a informação em prol do desenvolvimento do protagonismo. Destaca também a relação do trabalho informacional com o desenvolvimento do protagonismo social, assim como indica a posição do protagonismo como meta da atividade da mediação da informação. Nessa asserção, o protagonismo social pode ser propiciado pela ação consciente da ação mediadora. Nessa perspectiva, Almeida Júnior (2015) trata sobre a mediação da informação, indicando que consiste em:

Toda ação de interferência – realizada em um processo, por um profissional da informação e na ambiência de equipamentos informacionais –, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; visando a apropriação de informação que satisfaça, parcialmente e de maneira momentânea, uma necessidade informacional, gerando conflitos e novas necessidades informacionais (ALMEIDA JÚNIOR, 2015, p. 25).

Percebe-se, então, que o(a) mediador(a) da informação passa a realizar e a avaliar constantemente suas ações de interferência, suas práticas informacionais, sejam elas explícitas (mediação direta) ou implícitas (mediação indireta) (GOMES, 2016, 2017, 2019).

Gomes (2014, 2016, 2017, 2018) também apresenta as cinco dimensões necessárias para que se alcance a mediação consciente da informação, sobre as quais faremos a exposição por meio da figura abaixo, com a finalidade de uma melhor compreensão:

Quadro 1 – As cinco dimensões da mediação da informação

Dimensões	Características
Dimensão dialógica	Por meio da qual as ideias podem transitar sem censura ou rejeição e os debates sejam decorrentes do exercício da crítica e dependentes da interação paritária dos participantes da ação (GOMES, 2018, p. 57).
Dimensão estética	Nessa conquista, o sujeito informacional alcançará o prazer estético, pelo reconhecimento da beleza do conhecimento construído, da apropriação e da geração de novos conhecimentos, o que evidencia outra dimensão estabelecida por (GOMES, 2014, 2016, p. 17).
Dimensão formativa	Na experiência, o sujeito se recria e recria o mundo no movimento inerente ao comportamento protagonista, ressaltando a relevância da dimensão formativa da mediação da informação (GOMES, 2018, p. 58).
Dimensão ética	Exige do(a) profissional a realização da ação mediadora em postura de abertura e acolhimento ao diferente. A dimensão ética demanda o ouvir e dialogar com o outro, com ampliação da capacidade de escuta e observação sensíveis. Também reclama a adoção de princípios capazes de inibir a censura e o acesso à informação em desrespeito ao diferente, ao livre pensar e aos direitos sociais (GOMES, 2018, p.17).
Dimensão política	Poder que a mediação possui de contribuir para transformar os indivíduos em sujeitos sociais conscientes, capazes de transformar a si mesmos e o mundo a sua volta (GOMES, 2019).

Fonte: (GOMES, 2014, 2016, 2017, 2018, 2019).

A mediação consciente da informação envolve a articulação das cinco dimensões, sendo, pois, capaz de impulsionar o desenvolvimento do protagonismo social por meio da apropriação da informação. Desse modo, concebe-se que os conteúdos informacionais dinamizados na mediação consciente, por meio das produções científicas sobre mulheres que abordem as diversas teorias e práticas feministas, podem colaborar para o favorecimento do protagonismo social das mulheres.

Nas trilhas de Henriette Gomes e Gisele Côrtes (2020), a mediação da informação acerca da temática de gênero envolve a ação consciente de mediação para acesso, uso e apropriação das informações necessárias às lutas de resistência das mulheres.

A associação dos conceitos de protagonismo social, nesta pesquisa, representa a mediação consciente da informação e produção científica sobre mulheres, objetivando lançar luz às mulheres como participantes de pesquisa e

como protagonistas, uma vez que resistiram e resistem contra as interdições sociais, simbólicas e culturais para sua participação igualitária no campo científico.

Consideramos que a produção científica sobre mulheres, gênero e feminismo, localizada nos anais dos ENANCIBs contém as dimensões política, estética, ética, formativa e dialógica, expostas pelo pensamento de Henriette Gomes.

Nesse sentido, corroboramos com Henriette Gomes e Gisele Côrtes (2020) quando enunciam o protagonismo social das mulheres nas lutas com vistas a ampliação de seus direitos, e mostram que, por meio da mediação consciente, consubstanciada nas ações de mulheres organizadas, deslocam e (re)significam os cânones hegemônicos da ciência moderna, assentados no androcentrismo e no racismo.

a) MULHERES, GÊNERO E CIÊNCIA

Versar sobre a história do processo de inserção das mulheres na ciência é uma temática pertinente, considera-se importante apontar que a caminhada foi e tem sido trilhada, em diferentes períodos históricos e contextos, com a resistência de pesquisadoras contra interdições impostas à participação igualitária das mulheres no campo científico.

Com vistas a abordar o protagonismo social das mulheres na ciência, é fundamental observar que a história da humanidade é demarcada pelo domínio do sistema patriarcal, sendo este denominado por Saffioti (2011, p. 44) como um “[...] regime de dominação-exploração das mulheres pelos homens”.

O patriarcado atinge as mulheres em todas as dimensões da sociedade, estruturando relações de poder desiguais entre mulheres e homens, em todas as esferas sociais, a exemplo da atividade científica, foco da presente pesquisa.

De acordo com Dale Spender (1982, p. 9), “[...] os homens sempre controlaram o conhecimento, tornando desta forma as mulheres invisíveis no mundo das ideias”. Segundo esta pesquisadora, a exclusão das mulheres na ciência ocorre de diferentes formas, como por exemplo, na naturalização da inferiorização das mulheres como justificativa para a suposta inaptidão para a produção do saber.

Londa Schienbinger (2001) enuncia que a história da ciência se configura como produto de centenas de anos de exclusão das mulheres. Para a autora, a

dinâmica de inserção das mulheres na ciência demandou e continua a demandar transformações estruturais na cultura, métodos e conteúdos da ciência.

Assim, as mulheres - em países do Ocidente e em outros lugares – em geral - são abordadas mais como receptoras do que produtoras de conhecimento. Schienbinger (2001, p. 41) diz que

A ciência, e as ciências médicas em particular, levaram a cabo estudos dos corpos das mulheres que eram usados como prova de que as mulheres não eram capazes de assumir as obrigações dos cidadãos no Estado, participar das profissões ou produzir obras de profundidade e sofisticação intelectual.

Embora desde os primeiros séculos as mulheres tenham contribuído com a atividade científica, Jaqueline Leta (2003) aponta que tal atividade foi concebida historicamente como uma atividade masculina. Neste período as mulheres praticamente são extintas dos relatos, descobertas e avanços históricos, sociais, e tecnológicos da humanidade, como se não fossem seres racionais:

Até o século XIX, fazia-se pouca questão das mulheres no relato histórico, o qual, na verdade, ainda está pouco constituído. As que aparecem no relato dos cronistas são quase sempre excepcionais por sua beleza, virtude, heroísmo ou, pelo contrário, por suas intervenções tenebrosas e nocivas, suas vidas escandalosas. A noção de excepcionalidade indica que o estatuto vigente das mulheres é o do silêncio que consente com a ordem (PERROT, 1995, p. 13).

Jaqueline Leta (2003) afirma que durante os séculos XV, XVI e XVII, distintos eventos e transformações sociais propiciaram o surgimento da ciência que conhecemos hoje. Nesse período, raras mulheres aristocráticas conseguiam desempenhar importantes ações de interlocutoras e tutoras de renomados filósofos naturais e dos primeiros experimentalistas.

Entretanto, de acordo com a pesquisadora, não era permitido às mulheres acessarem e participarem das reflexões e dos debates das sociedades e das academias científicas, que ocorriam de forma intensa no século XVII, por toda a Europa. Tais instituições figuravam como referência da ainda pequena comunidade científica mundial (LETA, 2003).

No século XVIII, segundo a pesquisadora, as interdições e a participação das mulheres permaneciam, e somente algumas aristocratas, de classes abastadas e com parentesco (esposas ou filhas) relacionando-as com algum homem da ciência, tinham possibilidade de serem tutoras e exercer atividades de suporte à ciência:

[...] tais como, cuidar das coleções, limpar vidrarias, ilustrar e/ou traduzir os experimentos e textos. O século seguinte é marcado por ganhos modestos no acesso de mulheres às atividades científicas, como a criação de colégios de mulheres, mesmo assim, elas permaneceram às margens de uma atividade que cada vez mais se profissionalizava. A mudança nesse quadro inicia-se somente após a segunda metade do século XX, quando a necessidade crescente de recursos humanos para atividades estratégicas, como a ciência, o movimento de liberação feminina e a luta pela igualdade de direitos entre homens e mulheres permitiram a elas o acesso, cada vez maior, à educação científica e a carreiras, tradicionalmente ocupadas por homens (LETA, 2003, p. 271).

Casagrande; Schwartz; Carvalho; e Leszczynski, (2005) e Londa Schienbinger (2001) enunciam que a presença das mulheres nas ciências é evidenciada em diferentes períodos históricos, e afirmam que antes da institucionalização da ciência, a participação das mulheres era facilitada, mas ao ser desenvolvida nas academias e universidades, locais em que não era permitida a presença das mulheres, a exclusão foi aprofundada.

Os primeiros registros das mulheres no mundo acadêmico ocorreram por volta do século XIX, período em que foi permitido o acesso ao ensino superior¹. Tayane Lino e Cláudia Mayorga (2017) ressaltam que no referido século houve a profissionalização da ciência com a consequente implantação de regras de conduta, escala de valores e hierarquias na arena científica.

Com tais alterações, as mulheres encontraram novos obstáculos para ingressar nesse campo de caráter masculino, elitista e estratificado. Dentre as estratégias utilizadas pelas mulheres para se inserir, as autoras destacam a participação oculta por meio de familiares e companheiros (LINO; MAYORGA, 2017).

O processo de ingresso das mulheres à educação científica e às carreiras, majoritariamente ocupada por homens, foi lento e com interdições culturais, políticas e econômicas. Conforme Jaqueline Leta (2003, p. 271), somente:

na segunda metade do século XX, quando a necessidade crescente de recursos humanos para atividades estratégicas, como a ciência, o movimento de liberação feminina e a luta pela igualdade de direitos entre homens e mulheres permitiram a elas o acesso, cada vez maior, à educação científica e às carreiras, tradicionalmente ocupadas por homens.

¹ A primeira vez que as mulheres conseguiram acesso a Universidade foi nos Estados Unidos da América, no ano de 1837'. Este fato ocorreu apenas após a criação de uma universidade "exclusiva" para as mulheres, no Estado de Ohio, Universidade Feminina o Women's College" (BEZERRA, 2010, p. 3).

Vale destacar que essa dinâmica de inserção das mulheres na atividade científica não ocorreu de forma linear em diferentes países e períodos históricos, assim como não foi homogêneo para as mulheres. Nesse sentido, é fundamental trazer à tona as condições objetivas das mulheres e os marcadores sociais dessa diferença.

Segundo bell hooks (2015), às mulheres negras, enquanto grupo, enfrentaram e ainda enfrentam a opressão racista, machista e classista em diferentes setores da sociedade, uma vez que estão coletivamente na parte inferior da escala do trabalho, e suas condições sociais, de forma geral, permanecem inferiores às de qualquer outro grupo.

A imbricação entre os marcadores sociais de raça e gênero, no caso das mulheres negras, implicam diretamente nas hierarquias da atividade científica. Conforme Kimberlé Crenshaw (2002, p. 177), “As mulheres racializadas frequentemente estão posicionadas em um espaço onde o racismo ou a xenofobia, a classe e o gênero se encontram. Por consequência, estão sujeitas a serem atingidas pelo intenso fluxo de tráfego em todas essas vias”.

Além dos marcadores sociais de gênero, raça/cor, e classe social, a origem familiar, a regionalidade, a religião, também contribuem para a exclusão das mulheres negras no ensino superior (AQUINO, 2015).

Quando se trata de educação brasileira e equidade na ciência, o processo de exclusão de mulheres negras é potencializado, tendo em vista o período escravista e as representações sociais construídas em torno da capacidade intelectual e dos corpos de mulheres negras. A intersecção entre o racismo e sexismo alocam essas mulheres a um lugar de exclusão e de vulnerabilidade.

Os processos de exclusão decorrentes do racismo, em sua maioria, são iniciados na educação infantil e básica, refletindo diretamente na subjetividade, autoestima, grau de escolaridade, na ascensão profissional e nas oportunidades desiguais para este grupo social. Por consequência, no campo científico, a realidade não tem sido diferente.

De acordo com Joselina da Silva (2010, p. 28),

Entre os professores negros (mulheres e homens) com doutorado, as mulheres negras também são minoria numa ínfima diferença percentual. A defasagem é ainda mais significativa se considerarmos o universo integral dos professores doutores no País.

Percebe-se que o racismo é estruturado pela própria sociedade e impacta a população negra em todos os setores de atuação social. O campo científico é mais um exemplo de como o preconceito racial dificulta o acesso e a permanência de mulheres e homens negros(as) na participação ativa social, com igualdade de direitos.

Conforme sinaliza Bárbara Pinheiro (2019, p. 342), “Uma ciência comprometida com os dilemas e tensões sociais do seu tempo necessita ter não só está consciência, bem como promover ações que visem reduzir este abismo racial no Brasil e no mundo”.

A exclusão das mulheres negras é tão gritante que, de acordo com a autora Joselina da Silva (2010), há 40 anos, ou seja, em meados de 1980, as mulheres negras praticamente não eram alfabetizadas.

No que tange ao Brasil, o acesso das mulheres à educação demorou a acontecer. Durante o Império, predominaram os colégios e escolas criados pelos padres católicos (ALMEIDA; BOSCHETTI, 2012).

Assim, conforme Jane Almeida e Vania Boschetti (2012), a maior parte da população não tinha acesso às escolas, e os(as) filhos(as) da aristocracia, em geral, estudavam na Corte ou com professores particulares estrangeiros.

As autoras assinalam ainda que as poucas escolas de primeiras letras se encontravam em condições precárias, tanto do ponto de vista físico como do ponto de vista da infraestrutura didática e de recursos humanos (ALMEIDA; BOSCHETTI, 2012).

Então, as transformações nos conceitos educacionais da coroa portuguesa ocasionaram mudanças no ensino brasileiro, tais como a instauração de concursos para professores(as), instalações de estabelecimentos de ensino, e criação de escolas de ler e escrever nos principais centros (ALMEIDA; BOSCHETTI, 2012).

Tais dinâmicas, aliadas a instauração da República, a urbanização e a disseminação de concepções liberais, não impactaram de forma estrutural na situação social das mulheres. A herança cultural de Portugal, segundo as autoras, de não abertura para a educação das mulheres, impactava na situação das mulheres (ALMEIDA; BOSCHETTI, 2012).

As brancas de classes abastadas eram criadas e socializadas para obter um casamento, as pobres e as mulheres negras eram obrigadas a realizar trabalhos forçados em condições de marginalidade.

De acordo com Cabral (2008), frisa-se, nesse cenário, a influência católica no que concerne a emancipação das mulheres, pois a oposição da Igreja baseava-se na concepção de que a emancipação das mulheres e a instrução em excesso afastariam as mulheres da sua vocação reprodutiva, fundamental para a sua realização individual e para o bem-estar da família.

Além disso, as mulheres distantes do âmbito privado poderiam negligenciar o desempenho do seu papel que consistia em disseminar, no lar, os dogmas católicos. Então,

Nesse cenário político e social, a herança cultural de Portugal demonstrou a desconfiança para com a educação feminina, e a maior parte das mulheres e moças vivia em situação de inferioridade e dependência, recebendo nas famílias mais ricas algumas noções de leitura e escrita, dedicando-se o mais das vezes às prendas domésticas, condição mais do que necessária para conseguirem um bom casamento (CABRAL, 2008, p. 229).

Durante o período republicano e as primeiras décadas do século XX, as mulheres tiveram acesso às Escolas Normais. Nessa situação, para exercerem o cargo de professoras, os critérios morais eram rigorosos, pois era obrigatório apresentar certificado e provas de "moralidade".

No que se refere às mulheres das classes médias e abastadas, o trabalho era aceito somente em casos raros. Ressalta-se que a instrução das mulheres, tinha como utilidade ser domesticadora, com foco no bem-estar familiar, em especial do marido (ALMEIDA; BOSCHETTI, 2012). Para as autoras,

Os objetivos implícitos para a escolaridade feminina significavam que deveriam cultivar-se para viverem em sociedade e serem agradáveis aos homens, porém não poderiam concorrer com eles profissional e intelectualmente, pois isso seria ultrapassar os limites da segurança social, o que representaria um risco se lhes fosse dado liberarem-se economicamente do marido ou dos pais e tornarem-se iguais no intelecto. Em princípio, cabe-lhes-ia regenerar a sociedade e, para isso, precisam ser instruídas. Mas instruídas de uma forma que o lar e o bem-estar do marido e dos filhos fossem beneficiados por essa instrução (ALMEIDA; BOSCHETTI, 2012, p. 230).

As mesmas autoras assinalam que, no século XX, o trabalho de mulheres foi tornando-se necessário, diante das mudanças sociais e econômicas, mas os princípios moralistas e as desigualdades de gênero e raça continuavam a estruturar a sociedade brasileira.

A instauração da República, o fim da monarquia e do trabalho escravo ocasionaram mudanças educacionais e contribuíram para as manifestações feministas pelo direito ao voto, conquista obtida em 1932, assim como a conquista

da cidadania e as manifestações para o acesso à instrução e à educação pelas mulheres (ALMEIDA; BOSCHETTI, 2012).

Para uma compreensão mais detalhada do percurso trilhado pelas mulheres para acessar a educação, faz-se necessário aprofundar tal discussão que extrapola os objetivos do presente trabalho, mas os dados expostos evidenciam uma jornada marcada por entraves, silenciamentos e resistências das mulheres para acessar à educação e serem reconhecidas no mundo público.

Segundo Nathalia Bezerra (2010), nas primeiras universidades, o ensino era apenas a nível de graduação, sem a possibilidade de as estudantes ingressarem na pós-graduação (mestrado ou doutorado), ou seja, além do acesso ter começado muito tarde, ainda não era totalmente inclusivo, limitando o ensino apenas à graduação, impossibilitando que as mulheres avançassem em seus estudos.

Conforme Pereira e Favaro (2017) e Souza e Sardenberg (2013), no Brasil, as mulheres passaram a ter mais oportunidades de acesso ao ensino superior somente em meados de 1960.

Até os dias atuais, verifica-se conquistas das mulheres no processo de inserção e participação no ensino superior e nas atividades científicas, mas há ainda muitas desigualdades a serem superadas. Com o passar dos séculos, as mulheres foram conquistando seus espaços, inclusive na atividade científica, porém, com concentração em áreas específicas como na Artes, na Filosofia e na Sociologia, de forma muito sutil, não ocupando cargos mais elevados (LETA, 2003).

De acordo com o Censo da Educação Superior (2016), no ensino superior, aproximadamente 45% da classe docente é formada por mulheres, porém, há muitas áreas ainda com reduzida presença de mulheres, como nas ciências exatas, especialmente na área da tecnologia.

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) assinalam que as mulheres são apenas 28,8% dos(as) pesquisadores(as) acadêmicos(as) do mundo. Em se tratando dos(as) laureados(as) com o Prêmio Nobel, dos(as) 919 que receberam o prêmio ao longo da história, a discrepância revela-se ainda maior, pois apenas 54 mulheres o receberam, correspondendo apenas a 5,8% do total (UNESCO, 2020).

Resultado dos estudos sobre os dados estatísticos do Diretório de Grupos de Pesquisa do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPQ), realizado no ano de 2016, mostram que as mulheres estão em maior número nos programas de pós-graduação

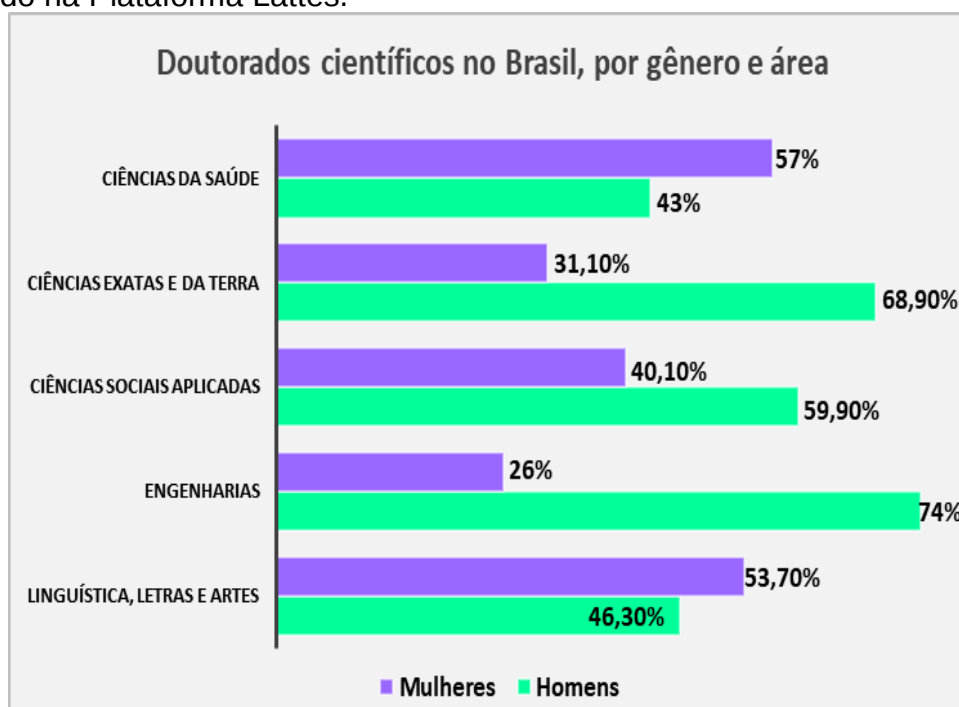
do Brasil do que os homens. No entanto, quando se trata de cargos mais elevados como lideranças e de chefia, o mesmo não ocorre com as mulheres (CNPQ, 2017).

Quando falamos da situação das mulheres negras ou pardas, a situação é ainda mais distante de uma possível igualdade de gênero e raça no ensino superior. Conforme aponta a autora Joselina da Silva, das 17.514 das mulheres que estavam em nível de docência no ensino superior, 15.554 eram mulheres consideradas brancas, e apenas 1.563 dessas mulheres se consideravam pretas ou pardas, correspondendo apenas a 1% do total (SILVA, 2010).

Em um levantamento feito pela *Openbox* da Ciência, nas áreas de Linguística, Letras e Artes; Engenharias; Ciências Sociais Aplicadas; Ciências Exatas e da Terra; e Ciências da Saúde, foi possível observar os níveis de titulação científica dos(as) pesquisadores(as) brasileiros(as) por gênero e por área. Observou-se que, atualmente, o Brasil tem 77,8 mil pesquisadores(as) com títulos de doutor(a). Destes, a maioria são homens, somando o total de 46.501, correspondendo a 59,69%, e as mulheres 31.394 chegando a um percentual de apenas 40,3% (OLIVEIRA, 2020).

Um dado interessante que pode ser observado refere-se ao fato de que os homens, em termos de titulação de doutorado, são a maioria em três das cinco áreas.

Gráfico 1 – Pesquisadores(as) de cinco áreas que declararam ao menos um doutorado na Plataforma Lattes.



Fonte: *Openbox* da Ciência (2020, não paginado).

As informações revelam que, nas Ciências Exatas e da Terra, 69,9% dos(as) pesquisadores(as) com título de doutorado são homens, e nas Engenharias 74% dos(as) doutores(as) são homens, sendo possível observar que, nestas áreas, apesar das mulheres já estarem no mercado de trabalho, em termos de qualificação, sua presença ainda é reduzida.

Nas Ciências Sociais Aplicadas, área na qual esta pesquisa é inserida, em termos de titulação, os homens também são maioria, chegando a um percentual de aproximadamente 60% em relação às mulheres, que representam 40% do total. Nota-se que as mulheres apresentam percentual maior em apenas duas das cinco grandes áreas do conhecimento, sendo elas: Ciências da Saúde, com 57% e Linguísticas, Letras e Artes, com 53,7% (OLIVEIRA, 2020).

Em se tratando dos marcadores sociais de gênero e raça, as pesquisas explicitam a imbricação do racismo com o sexismo, ocasionando a exclusão das mulheres negras dos espaços de poder, político e acadêmico.

Nessa perspectiva, uma pesquisa realizada pelo IBGE (2018), intitulada “Estatísticas de gênero”, que traz dados sobre mulheres brancas e negras no ensino superior, revelou que apenas 10% das mulheres negras, em relação às mulheres brancas, concluem o ensino superior. Os dados revelam que o número de mulheres brancas com ensino superior completo (23,5% do total) é 2,3 vezes maior do que o de mulheres pretas ou pardas (10,4%), sendo mais que o triplo daquele encontrado para os homens pretos ou pardos (7%) (IBGE, 2018).

Para Gabriela Silva (2019), a trajetória das mulheres negras é constantemente marcada por barreiras impostas pelo racismo. De acordo com a autora, a primeira barreira está relacionada à desigualdade de oportunidades em relação a qualquer grupo específico por causa da cor da pele.

O ano de 2020 foi marcado pela pandemia da COVID-19, que exigiu medidas de isolamento social desde o mês de março, descortinando ainda mais a realidade das pesquisadoras brasileiras, principalmente as pesquisadoras negras, na qual a realidade é ainda mais desafiadora.

A pesquisa realizada por Assunção (2020) evidencia que a imbricação entre gênero e raça é um fator que contribui para a sub-representação das mulheres na ciência em pleno século XXI. Para a autora,

O estudo também revela que a maior queda na produção acadêmica também tem cor: a das mulheres pesquisadoras negras. Apenas 46,5% delas que são mães conseguiram submeter trabalhos dentro do prazo neste período. Um percentual ainda menor do que o da soma com as mães cientistas brancas. E, mesmo sem filhos, a submissão de artigos científicos chega somente a 48,7%. Enquanto entre as mulheres brancas, esse percentual sobe para 58,9% (ASSUNÇÃO, 2020, [não paginado]).

Assim, segundo Leta e Martins (2008), o acúmulo de tarefas como a maternidade e o trabalho doméstico, por exemplo, tem feito com que as mulheres adiem o avanço de suas pesquisas, diminuindo, dessa forma, sua produção científica.

As problematizações de Londa Schiebinger (2001), no livro intitulado “O feminismo mudou a ciência?”, nos permite compreender alguns fenômenos relacionados às mulheres. Ao discutir as hierarquias que assolam as mulheres na atividade científica, a autora postula que os arranjos domésticos e a divisão sexual do trabalho sejam incluídos como parte da cultura da ciência, tendo em vista que os conflitos que as mulheres se deparam entre a vida familiar e a profissão não se limitam a uma questão de ordem privada.

Um outro dado estatístico fornecido pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), do ano de 2015, revela que as mulheres são minoria em relação aos homens em todas as categorias de bolsas de produtividade em pesquisa. Quanto mais alto o nível de pesquisa financiada pelo CNPQ, menor o número de mulheres participando, chegando apenas a 24,6% (LAZZARINI; SAMPAIO; GONÇALVES; NASCIMENTO; PEREIRA e FRANÇA, 2018).

Dessa forma, é importante observar que o reduzido número de mulheres com bolsas produtivas do CNPQ reflete também o denominado teto de cristal ou de vidro, em que se verifica que as pesquisadoras não conseguem progredir em pesquisas e cargos mais elevados na mesma proporção que os homens.

Para compreender melhor essa discussão, é importante dizer que teto de cristal ou de vidro é um conceito ou expressão utilizado para discutir a desigualdade de gênero por meio de uma metáfora, de modo a evidenciar obstáculos invisíveis, mas existentes, e que impedem as mulheres de acessarem determinadas posições de prestígio das profissões (LIMA, 2013).

Para a mesma autora:

Esse conceito contribui para o entendimento de duas importantes questões: 1) a transparência do vidro, que se refere à ausência de barreiras formais/legais que impeçam a participação de mulheres em cargos e posições de poder, ou seja, as dificuldades das mulheres não podem ser medidas somente pela ausência de dispositivos legais contra sua atuação profissional; e 2) a posição do teto, que representa que há um entrave para ascensão das mulheres, dessa forma, é possível que elas transitem pelas posições dispostas na carreira até um determinado ponto: o topo de uma determinada profissão (LIMA, 2013, p. 855).

No contexto do Brasil, à medida em que os cargos vão subindo na escada do poder e prestígio, menos rostos de mulheres são vistos. É o “teto de cristal” no qual as mulheres esbarram e que as mantém à margem dos postos de maior poder.” (HAYASHI; ABRERO; COSTA; HAYASHI, 2007, p. 173), grifo das autoras), ou seja, os cargos de maior poder e prestígio ainda são ocupados, em sua maioria, por homens.

Gilda Olinto (2011) corrobora com tais apontamentos ao mostrar que, em pleno século XXI, os desafios encontrados pelas mulheres são maiores que os dos homens. A pesquisadora apresenta ainda dois tipos de mecanismos para descrever as barreiras enfrentadas pelas mulheres:

Por meio da segregação horizontal, as mulheres são levadas a fazer escolhas e seguir caminhos marcadamente diferentes daqueles escolhidos ou seguidos pelos homens. Sobretudo pela atuação da família e da escola, [...]. A segregação horizontal inclui mecanismos que fazem com que as escolhas de carreiras sejam marcadamente segmentadas por gênero. [...] A segregação vertical é um mecanismo social talvez ainda mais sutil, mais invisível, que tende a fazer com que as mulheres se mantenham em posições mais subordinadas ou, em outras palavras, que não progridem nas suas escolhas profissionais. Estudos que abordam a segregação vertical têm se valido de termos como ‘teto de vidro’, indicando os processos que se desenvolvem no ambiente de trabalho que favorecem a ascensão profissional dos homens (OLINTO, 2011, p. 69).

Na visão da autora, tais aspectos refletem a socialização diferenciada e nos estereótipos de gênero, os quais colaboram nas escolhas e perspectivas profissionais de meninas e meninos. Assinala também ser fundamental as transformações na divisão sexual do trabalho e a mudança de mentalidades, no tocante à desnaturalização dos preconceitos de gênero.

Segundo Olinto (2011, p. 76), “A experiência escolar é decisiva: ela pode contribuir tanto para a reprodução de valores e atitudes que reduzem as oportunidades das meninas quanto para a mudança decisiva em suas perspectivas profissionais”.

Quanto a essa necessidade, os movimentos feministas têm sido protagonistas desde a década de 1970, no processo de ressignificação dos esquemas hegemônicos de gênero e na mudança de mentalidades no que tange aos direitos das mulheres. Dessa forma, foram desenvolvidas efetivas ações, campanhas, manifestações, estudos e pesquisas com vistas a desnaturalizar estereótipos de gênero, buscando a igualdade de oportunidades das mulheres na sociedade. Como consequência, as mulheres passaram a problematizar a subordinação das mulheres nos diferentes espaços sociais, respeitando as especificidades, as correntes teóricas e os contextos históricos.

Nesse interim, destacamos as campanhas que possibilitaram a visibilização e a publicização da violência doméstica contra mulheres, considerada por décadas um problema de ordem privada; como também o fortalecimento das redes de enfrentamento; o direito ao próprio corpo; a luta para o acesso ao ensino; e a permanência das mulheres no campo científico².

De acordo com Céli Pinto (2003), os primeiros grupos dos movimentos feministas no Brasil surgiram no Rio de Janeiro e em São Paulo, nas décadas de 1970 e 1980. Estes primeiros grupos eram formados por mulheres intelectuais de esquerda.

Um outro marco importante dos movimentos feministas no Brasil foi a criação do Conselho Nacional da Condição da Mulher, em 1985. No decorrer dos anos, os movimentos feministas têm crescido no país e diversas têm sido suas lutas e conquistas, conforme coloca Ana Costa e Cecília Sardenberg (2008, p. 32):

O feminismo no Brasil vem assumindo várias formas de luta, diversas bandeiras e diferentes facetas. Já foi sufragista, anarquista, socialista, comunista, burguês e reformista. Já lutou no parlamento, nas ruas e nas casas para conquistar e garantir o acesso da mulher à educação formal. E vem lutando pela igualdade de salários e condições dignas de trabalho, pela valorização do trabalho doméstico, pelo direito inalienável de todas ao controle sobre o próprio corpo e gozo de nossa sexualidade, enfim, pela construção de uma sociedade mais justa e igualitária, onde a mulher possa realizar-se plenamente enquanto ser humano e cidadã.

No que tange aos estudos sobre mulheres na ciência, Ana Costa e Cecília Sardenberg (2008) destacam que estes foram iniciados por feministas acadêmicas, cientistas e pesquisadoras. Segundo as autoras, “[...] os estudos feministas no Brasil

² Segundo Céli Pinto (2010), o feminismo também se manifestou mais publicamente por meio da luta pelo voto.

tiveram início nos anos 1960, com o trabalho de Heleieth Saffioti 'A mulher na Sociedade de Classe: Mito e Realidade'" (COSTA, SARDENBERG, 2008, p. 58).

Para Maria da Conceição Costa (2005), o movimento feminista configura um movimento essencialmente moderno, que nasceu a partir das ideias iluministas e transformadoras da Revolução Francesa e Americana. Em um primeiro momento, lutando por direitos sociais e políticos, mobilizou mulheres de muitos países da Europa, dos Estados Unidos e, posteriormente, de alguns países da América Latina.

bell hooks (2015) aponta que, inicialmente, o movimento feminista refletiu na luta pelos direitos das mulheres, considerando-a como um ser, sem observar os fatores excludentes em que várias dessas mulheres se encontravam, a depender da raça, classe, religião, orientação sexual. Ainda conforme a autora,

Um preceito central do pensamento feminista moderno tem sido a afirmação de que "todas as mulheres são oprimidas". Essa afirmação sugere que as mulheres compartilham a mesma sina, que fatores como classe, raça, religião, preferência sexual etc, não criam uma diversidade de experiências que determina até que ponto o sexismo será uma força opressiva na vida de cada mulher (HOOKS, 2015, p. 197).

De acordo com Lourdes Bandeira e Hildete Melo (2010, p. 8), "[...] o movimento feminista nasceu das lutas coletivas das mulheres contra o sexismo, contra as condições de aversão e inferiorização das mulheres, transformadas em práticas rotineiras de subordinação [...]", na qual os homens se utilizava das relações e práticas machistas e excludentes como elemento de superioridade de um gênero em relação ao outro.

De fato, historicamente os estudos e pesquisas sobre 'as mulheres' (como foram inicialmente denominados) tiveram um impulso e multiplicaram-se paralelo à eclosão de uma nova fase do Feminismo, especialmente na Europa pós-68 e nos Estados Unidos. Com uma proposta de autonomia política e de crítica radical ao 'patriarcado' este feminismo denunciava a 'opressão das mulheres' no espaço público e privado, aglutinando-se em torno de uma postura libertária e tratando das relações entre os sexos sob um prisma até então inexplorado (SCAVONE, 2007, p. 2).

Importante destacar que o crescimento dos estudos sobre mulheres, feminismo e gênero foi impulsionado pelos movimentos feministas nas ruas, por meio da articulação entre o feminismo acadêmico e os movimentos sociais.

Ainda sobre as questões que envolvem o feminismo, é importante destacar que a palavra gênero para diferenciar do termo sexo foi utilizada pela primeira vez, em meados de 1960, por Robert Stoller, ao pesquisar meninos e meninas com o

intuito de estabelecer as diferenças entre o sexo e gênero, (SICILIANO; SOUSA; METH, 2017).

Na década de 1970, estudos realizados na área das Ciências Sociais voltaram a utilizar o termo gênero se referindo não apenas ao sexo masculino e feminino, mas em um sentido mais amplo pelos movimentos feministas e acadêmicos para compreender a construção social de gênero e de seus papéis sociais.

Desse modo, a crítica feminista contribuiu efetivamente e epistemologicamente para a construção de relações de gênero, desconstruindo a base biológica dos comportamentos dos homens e das mulheres ao afirmar que “[...] o gênero resulta das construções sociais e culturais [...]” (BANDEIRA, 2008, p. 222). Para Scott (1995, p. 75),

Os livros e artigos de todos os tipos que tinham como tema a história das mulheres substituíram, nos últimos anos, nos seus títulos o termo "mulheres" por "gênero" [...] uso do termo "gênero" constitui um dos aspectos daquilo que se poderia chamar de busca de legitimidade acadêmica para os estudos feministas, [...] Além disso, o termo "gênero" também é utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. Seu uso rejeita explicitamente explicações biológicas.

Gênero, portanto, é um termo utilizado para dar significado à construção dos(as) participantes. Na concepção de Joan Scott (1990, p. 14), “[...] o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, é um modo primordial de dar significado às relações de poder [...]”.

Gayle Rubin (1975), no artigo ‘The Traffic in Women: Notes on the Political Economy of Sex’, aborda a questão da opressão e subordinação social das mulheres, reiterando que a divisão dos sexos foi, ao longo da história da humanidade, produzida socialmente como um sistema dominante. Não há, contudo, a pretensão de negar que o gênero se constitui com ou sobre corpos sexuados, ou seja, não é negada a biologia com o uso desse termo. O conceito pretende se referir ao modo como as características sexuais são compreendidas e representadas (LOURO, 1997, p. 22).

Outro fato importante nessa trajetória de reconhecimento da atuação e produção científica das mulheres, foi a criação dos núcleos universitários de estudos sobre mulheres. Os núcleos contribuíram de forma significativa para o avanço de discussões de gênero na academia por meio de teóricas feministas (ZIRBEL, 2007).

Cabe aqui fazer menção ao Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher (NEIM), vinculado à Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia (UFBA). O mesmo é responsável pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares em Mulheres, *Gênero* e Feminismo (PPGNEIM), desde 1983.

NEIM é um dos núcleos de estudos feministas mais antigos, de grande destaque no país, pois atua no Ensino, Pesquisa e Extensão, tendo sempre em vista a formação de uma consciência crítica acerca das relações de gênero hierárquicas (NEIM, 2017). O curso aborda sobre as relações de gênero e diversidade em suas interfaces com raça/etnia, idade/geração, sexualidade/orientação sexual etc. (NEIM, 2017).

Dentre as inúmeras e significativas contribuições do NEIM, destaca-se a primeira graduação em estudos de gênero no Brasil - o Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade (BEGD), na qual a turma pioneira iniciou em 2009, resultado de muitos esforços do NEIM juntamente com a UFBA (NEIM/UFBA). O curso aborda sobre as relações de gênero e diversidade em suas interfaces com raça/etnia, idade/geração, sexualidade/orientação sexual etc. (NEIM, 2017).

Atualmente, no Brasil, existem 32 núcleos de estudos sobre as relações de gênero (PORTAL SENADO, 2021)³. Nos núcleos de estudos de gêneros nas universidades brasileiras, o protagonismo social das pesquisadoras proporcionou avanços nas reflexões sobre as relações de gênero na academia, mas há ainda significativos desafios para o reconhecimento e a visibilidade das mulheres na produção científica e a sua representatividade nas diferentes áreas do conhecimento.

A transformação das hierarquias de gênero e raça, as quais estruturam as interações e as instituições sociais, é fundamental para uma ciência mais inclusiva. Assim sendo, visibilizar a produção do conhecimento pautada na problematização e denúncia dos estereótipos de gênero e raça e na desnaturalização das relações de poder constitui uma ação importante para promover igualdade de gênero no campo científico e visibilizar as mulheres como participantes do conhecimento.

³ Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/responsabilidade-social/equidade/pages/nucleos-de-estudos>. Acesso em: 11 de fev. de 2021.

Para Guimarães (2011), a definição de ‘raça’ configura-se não apenas como um determinismo biológico, tendo em vista que a questão racial se configura como uma ‘construção social’ das pessoas. Para o autor,

O ressurgimento da raça, enquanto classificador social, se deu com sinal invertido, isto é, como estratégia política para incluir, não para excluir, de reivindicar e não de sujeitar. [...] A raça retorna, portanto, não mais como mote do imperialismo ou colonialismo, mas como glosa dos subordinados ao modo inferiorizado e desigual com são geralmente incluídos e tratados os negros, as pessoas de cor, os pardos (GUIMARÃES, 2011, p. 266).

A autora Lourdes Bandeira (2008) pontua que uma das estratégias da crítica feminista foi a de se opor aos hegemônicos eixos epistemológicos e conceituais – categorias, conceitos e métodos –, os quais excluíram as mulheres.

Sob a perspectiva feminista da ciência, entende-se que a ciência moderna atual apresenta como paradigma de conhecimento científico o sujeito universal - homem, ocidental, branco, heterossexual, uma pessoa sem nenhuma deficiência (física ou psicológica), das classes dominantes e europeu - uma ciência ‘exclusiva’. Dessa forma, consubstanciou-se a exclusão das mulheres na dinâmica da construção do conhecimento científico.

De acordo com Haraway (1995),

A ciência sempre teve a ver com a busca de tradução, convertibilidade, mobilidade de significados e universalidade - o que chamo de reducionismo quando uma linguagem (adivinha de quem) é imposta como parâmetro para todas as traduções e conversões (HARAWAY, 1995, p. 16).

Por esta ótica, as críticas feministas às ciências denunciam o conhecimento produzido com eixo no sujeito universal, ou seja, problematizam as experiências dos homens, em especial, “[...] heterossexuais, brancos, burgueses e ocidentais.”. (HARDING, 1993, p. 9).

Neste caminho, na visão de Londa Schienbirger (2001), a crítica feminista assume ação marcante ao questionar a fala considerada autorizada na produção científica e a hegemonia do modelo científico cartesiano e positivista.

Assim, o pensamento feminista configura-se como um dentre os vários movimentos que integram a problematização da pretensão universal e singular da ciência moderna, sendo concebida como a única maneira legítima de construir e obter conhecimento científico.

Ao afirmarem que as mulheres foram subalternizadas e invisibilizadas no processo de produção da história, além de, terem sido impedidas de

desenvolver um como fazer neste contar e recontar, sendo construídas como o "outro", "o não falante", as feministas buscaram lançar mão de um novo conjunto de discursos que desconstruam a narrativa da "história universal" tal como foi escrita, e substituí-la por narrativas escritas sob o ponto de vista das mulheres (SCHIEBINGER, 2001, p. 163).

A autora traz nessa dinâmica a concepção de que os(as) participantes, produtores(as) do conhecimento, não é alguém isolado do contexto social e das condições objetivas em que está inserido, pelo contrário, considera-se que a pesquisa é produzida por uma pessoa com histórico, situado socialmente (HARAWAY, 1995). Logo, as suas condições objetivas, os marcadores sociais de gênero, etnia, orientação sexual, regionalidade, entre outros, impactam a produção de conhecimento (SCHIEBINGER, 2001).

Ainda sobre a dominação masculina, bell hooks (2015) afirma que é necessário

Resistimos à dominação hegemônica do pensamento feminista insistindo que ele é uma teoria em formação, em que devemos necessariamente criticar, questionar, reexaminar e explorar novas possibilidades. Minha crítica persistente foi construída por minha condição de membro de um grupo oprimido, por minha experiência com a exploração e a discriminação sexistas e pela sensação de que a análise feminista dominante não foi a força que moldou minha consciência feminista. Isso se aplica a muitas mulheres. Há mulheres brancas que nunca tinham cogitado resistir à dominação masculina até o movimento feminista criar uma consciência de que elas poderiam e deveriam. Minha consciência da luta feminista foi estimulada pela circunstância social (HOOKS, 2015, p. 202).

Conforme afirma Sandra Farganis (1997), as mulheres não apenas podem, mas necessitam construir ciência sendo mulher, como mulher, e porque não para mulheres.

Pesquisadoras produzem conhecimento em diferentes esferas e áreas do conhecimento, com abordagens distintas, inclusive com programas, grupos, núcleos e linhas de pesquisas próprias (NASCIMENTO; OLIVEIRA, 2019).

Pensando nisso, buscamos, com a presente pesquisa, visibilizar a produção científica de mulheres na Ciência da Informação, por meio da descrição das pesquisas publicadas nos anais dos ENANCIBs. Acreditamos que, por meio do objeto de estudo da área - a informação - é possível favorecer o desenvolvimento pessoal, cultural e social das mulheres.

Para compreendermos a área na qual a pesquisa está inserida, ou seja, a Ciência da Informação, destacamos a pesquisa de Araújo (2014) na qual o autor aponta três principais características da CI:

A primeira delas é a questão da interdisciplinaridade, apresentada como característica “natural” da área desde as primeiras definições de Borko (1968) e de Saracevic (1996). A segunda característica é a proposta de ser a Ciência da Informação uma ciência pós-moderna. Por fim, a terceira caracterização da Ciência da Informação é ser uma ciência humana e social (ARAÚJO, 2014, p. 14-15).

Acreditamos que os(as) pesquisadores(as) da área da CI, enquanto mediadores(as) da informação, atuam, por meio de suas pesquisas, na luta para construir uma sociedade mais inclusiva,

Desse modo, analisar os estudos sobre mulheres, na Ciência da Informação brasileira, possibilita olhar para as pesquisadoras que vêm desbravando caminhos Gerando conhecimentos com base na ressignificação das diferenças de gênero é fundamental para uma ciência mais humanizada e socialmente inclusiva.

Para que a ciência seja considerada inclusiva é necessário que as teorias sejam pensadas nas necessidades da humanidade de modo que todos(as) tenham as mesmas oportunidades de construir e pensar a ciência e, principalmente, que mulheres e homens tenham as mesmas oportunidades para acessar e se manter nas universidades, bem como de produzir conhecimento científico.

De acordo com as pesquisadoras Francisca Ramalho e Eliane Paiva (2019, p. 197) ao considerarem que

[...] a produção científica de uma área do conhecimento é um termômetro que pode indicar os avanços, as tendências e como essa área está se consolidando, assim como aponta para os tipos de profissionais e não profissionais que dão suas contribuições.

É evidente a contribuição da produção e comunicação científica na sociedade, e as pesquisas realizadas e publicadas pelos(as) cientistas da CI, por meio dos trabalhos apresentados no ENANCIB, reflete as temáticas que inquietam os(as) pesquisadores(as), de modo a gerar debates e novas reflexões.

Desse modo, consideramos pertinente e importante lançar um olhar sobre o que está sendo produzido sobre mulheres, gênero e feminismo em um evento de relevante legitimidade científica, a fim de dar visibilidade às questões de gênero na área.

Nesse aspecto, a pesquisadora Patrícia Espírito Santo (2008) ao considerar que o acesso à informação é imprescindível ao processo de empoderamento das mulheres, cabendo à Ciência da Informação a responsabilidade social de atuar na promoção da igualdade de gênero. Segundo Mary Ferreira (2003, p. 196), “[...] a

informação é um dos fatores primordiais para favorecer mudanças”, nesse sentido, a produção científica sobre as relações de gênero na área da CI pode contribuir com as mudanças sociais tão necessárias para as mulheres.

Para tanto, é importante que os(as) profissionais da informação relacionem a desvalorização social da profissão com as relações de gênero e com o fato de ser uma área com presença majoritariamente das mulheres (FERREIRA, 2003).

Nesse sentido, percebemos o quão urgente e necessário é abordar os fenômenos informacionais pelo prisma de gênero, de modo a ampliar a visão dos(as) profissionais da informação e gerar novas formas de compreensão, produção e uso da informação para gerar conhecimento sobre o assunto (MARTELETO, 2009).

Conforme aponta Gisele Côrtes (2017, p. 5), “Compreender as relações de gênero e analisá-las [...] implica descortinar as múltiplas realizações das mulheres na esfera educacional, cultural, política, econômica, social, e visibilizar as experiências ocultas”.

Destaca-se ainda que na CI os estudos de gênero vêm ganhando espaços de forma tímida, especialmente nas últimas três décadas, como reflexo dos movimentos sociais, contribuindo e denunciando as desigualdades entre homens e mulheres.

Desse modo, de acordo com a visão de Xavier e Kobashi (2019, p. 13) ao considerarem que discutir as relações de gênero na Ciência da Informação “[...] poderá contribuir para promover a autonomia das mulheres, fortalecer sua liberdade e melhorar a circulação e apropriação de informações para libertação das mulheres”.

De acordo com as autoras Maria Nascimento e Eliane Oliveira (2019), os estudos de gênero são de fundamental interesse para a Ciência da Informação brasileira, enquanto Ciência Social Aplicada, pois podem contribuir para atenuar as diferenças de gênero, enfrentadas por mulheres nas mais diversas áreas, inclusive na produção científica no país.

Uma pesquisa realizada por Patrícia Espírito Santo (2008), ao fazer um levantamento das pesquisas com foco nos Estudos de Gênero, nas diversas linhas de pesquisa em Ciência da Informação no Brasil e no mundo, mostra que, no período entre 2000 e 2007, foram poucas as produções sobre a temática.

Os resultados da pesquisa revelaram apenas 18 artigos publicados por autores(as) de outros países em 14 revistas internacionais; 06 artigos publicados em 05 revistas nacionais; e 04 em 05 edições do ENANCIB. Desse modo, a autora

constata que há um déficit de pesquisas sobre uso, acesso, e produção da informação pela mulher.

A autora pontua ainda que todas as produções localizadas na referida pesquisa convergiam para a concepção sobre a necessidade de as ciências, incluindo a Ciência da Informação, investirem em estudos e publicações para detectar as desigualdades de gênero (ESPÍRITO SANTO, 2008).

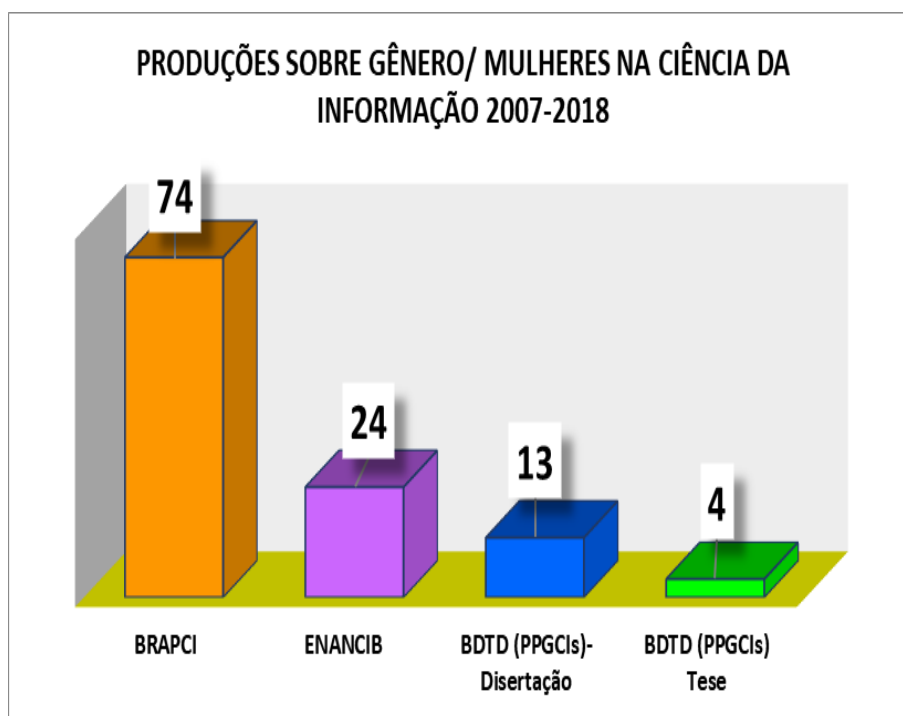
Mariana Xavier e Nair Kobashi (2019), em uma pesquisa recente, apontam que a Ciência da Informação tem abordado temáticas relativas às mulheres e ao gênero em suas bibliografias, e categorizam esses estudos da seguinte forma:

- a) Estudos das Mulheres na Representação da Informação e do Conhecimento;
- b) Mulheres pesquisadoras;
- c) Feminização da profissão;
- d) Estudos de mulheres e unidades de informação.

Nascimento e Oliveira (2019), em sua pesquisa, realizaram uma busca nas bases de dados Brasileiras na Ciência da Informação BRAPCI, nos anais do ENANCIB, e na BDTD, usando os descritores para busca os termos: mulher, gênero e feminismo.

No total foram localizados 115 trabalhos produzidos no âmbito da CI, conforme mostra o gráfico 2.

Gráfico 2 – Produção sobre Gênero / Mulheres na Ciência da Informação (2007-2018)



Fonte: (NASCIMENTO; OLIVEIRA, 2019).

Percebe-se, a partir dos dados expostos no gráfico 2, que a produção científica sobre mulher, gênero e feminismo na Ciência da Informação ainda é muito tímida mediante outras temáticas abordadas por pesquisadores(as) da área (NASCIMENTO; OLIVEIRA, 2019).

Todavia, Oliveira e Bufrem (2019) destacam que as produções sobre mulheres e as práticas informacionais no ENANCIB têm crescido bastante nas últimas décadas, possibilitando, dessa forma, uma visibilidade maior dos(as) participantes da ciência brasileira.

Mediante o exposto, percebe-se que, neste momento, longos caminhos foram percorridos, muitas batalhas vencidas e muitos direitos conquistados no tocante à inserção das mulheres em diversos espaços sociais, a exemplo do campo científico. Nesse aspecto, Henriette Gomes e Gisele Côrtes (2020, p. 153) destacam:

Algumas mulheres romperam barreiras macroestruturais e adentraram as universidades, com estratégias para ressignificar modelos normativos e androcêntricos no fazer científico; criaram grupos de estudo e pesquisa, contemplaram novas temáticas de estudo e inovaram nas metodologias. A própria representação do que era validado como conhecimento passou a ter outros contornos, e iluminou-se o mundo das emoções, da subjetividade, da sexualidade e da corporalidade, abordando temas relativos à família, ao corpo, aos direitos reprodutivos, à violência doméstica contra as mulheres, aos direitos sexuais, dentre outros.

Desse modo, compreende-se que se faz necessário utilizar a informação como elemento que contribui diretamente para a inclusão das mulheres nos mais diversos espaços sociais e ainda se acredita que, por meio das pesquisas, seja possível visibilizar o protagonismo social das mulheres, visto que os estudos de gênero, em geral, expõem os pensamentos críticos de seus(as) autores(as) -que na maioria são mulheres- sobre a realidade vivenciada.

Além disso, os conteúdos mediados pelas pesquisas promovem o protagonismo social das mulheres, uma vez que problematizam a naturalização das desigualdades e visibilizam as mulheres como participantes na atividade científica.

Considera-se que os ENANCIBs constituem um espaço crítico de diálogo, criatividade e alteridade, em que as pessoas, pesquisadores(as) da área, através de debates e exposição de seus estudos, compartilham pensamentos e opiniões.

Dessa forma, enxergamos que a produção científica sobre mulher, gênero e feminismo, resultante do evento, pode contribuir na disseminação, acesso, uso e apropriação da informação.

A mediação da informação, por meio da produção científica, torna possível ressignificar pensamentos e alterar atitudes que ainda colocam as mulheres em espaços onde o discurso masculino, muitas vezes machistas e misóginos, ainda é predominante.

Por fim, é preciso dar voz às mulheres, viabilizando e visibilizando o espaço da fala, da opinião, de modo a expor suas experiências, pois essa é a essência do protagonismo social: o respeito e a oportunidade de viver juntos(as) socialmente.

4 METODOLOGIA

Para ser considerado de cunho científico, um trabalho precisa seguir normas e métodos, apontando os caminhos pelos quais a pesquisa percorreu para chegar ao resultado almejado. Sendo a metodologia um modo ou procedimento com formas próprias de realizar uma pesquisa, Minayo (1993, p. 16) aponta a metodologia como “[...] o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade”.

Segundo a autora, a pesquisa precisa ser ancorada em entendimentos baseados em teorias existentes, que possibilitam a construção da realidade (MINAYO, 1993). Pensando nisso, destaca-se a importância da metodologia na construção da pesquisa científica, que exige do(a) pesquisador(a) não apenas a aplicação técnica, mas, sim, a desenvoltura para articular a teoria com a realidade, sendo, pois, uma tarefa complexa, porém, fundamental no processo de pesquisa.

Partindo do princípio de que toda pesquisa surge a partir de uma problemática, retoma-se aqui os questionamentos que desencadearam o presente estudo para melhor compreensão dos métodos escolhidos para sua realização.

O problema investigado partiu da necessidade de saber quem são as(os) pesquisadoras(es) que produziram sobre a temática mulheres, gênero e feminismo nos Encontros Nacionais de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB)? Como a produção científica em relação as questões de gênero estão representadas nos anais do Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB)? Como os conteúdos mediados conscientemente pelas pesquisadoras, contribuem para o protagonismo social das mulheres?

Em busca de encontrar respostas para tais questionamentos, a pesquisa teve como objetivo geral analisar o protagonismo social das mulheres, por meio da produção científica sobre os termos ‘mulheres, gênero e feminismo’, nos anais do Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB), promovido pela Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB), de 1994 a 2019.

a) CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

A pesquisa caracteriza-se como bibliográfica, pois envolveu a seleção e leitura de material bibliográfico sobre estudos sobre mulheres, gênero e os movimentos feministas para dar embasamento e sustentabilidade à pesquisa.

Segundo as autoras Marina Marconi e Eva Maria Lakatos (2011), a pesquisa bibliográfica trata de levantamentos em fontes secundárias, que abordam sobre o objeto de estudo escolhido, com o objetivo de subsidiar o(a) pesquisador(a) na análise sobre as informações inerentes à pesquisa.

As autoras defendem que “[...] a pesquisa bibliográfica oferece meios para definir e resolver, não somente problemas já conhecidos, como também explorar novas áreas onde os problemas não se cristalizaram suficientemente” (MARCONI; LAKATOS, 2006, p. 71). Dessa forma, esse tipo de pesquisa oferece ao(à) pesquisador(a) um primeiro contato com a literatura já existente sobre o tema estudado.

A pesquisa configura-se ainda como exploratória e descritiva. No tocante à pesquisa exploratória, buscou-se, no primeiro momento, observar e investigar o objeto de estudo com um olhar mais apurado, pois segundo Gil (2002), esse tipo de estudo possibilita ao(à) pesquisador(a) se familiarizar com o problema estudado e ser capaz de construir hipóteses sobre o mesmo. O autor salienta que o principal objetivo da pesquisa exploratória é o aprimoramento de ideias e/ou descobertas de intuições. Quanto a pesquisa descritiva, esta objetiva conhecer as distintas situações e relações que ocorrem na vida social, política, cultural, e demais fenômenos do comportamento humano. Os estudos descritivos buscam descrever as características, as experiências, as relações existentes nas comunidades, grupos ou realidade a ser pesquisada (CERVO; BERVIAN; SILVA, 2007).

Sobre a abordagem quantitativa, lembra-se que esta busca quantificar os trabalhos existentes sobre o objeto estudado. Segundo Marina Marconi (2003, p. 141), “As medidas quantitativas respondem à pergunta ‘quanto’ e as qualitativas à questão ‘como’. Os dois tipos são importantes na investigação e se constituem no corpo do trabalho”.

Sobre a abordagem qualitativa, a autora Arilda Godoy (1995, p. 21) destaca que a mesma “[...] ocupa um reconhecido lugar entre as várias possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes.”

Destaca-se também que a presente pesquisa se utiliza de uma abordagem mista, na qual articula as abordagens quantitativa e qualitativa, tendo em vista que o fenômeno estudado necessita de uma análise da produção científica, buscando um aprofundamento dos termos em questão (MINAYO; SANCHES, 1993).

Estabeleceu-se como *corpus* da pesquisa a composição de 58 trabalhos apresentados no Encontro Nacional de Ciência da Informação no Brasil (ENANCIB), desde o surgimento do evento, em 1994, até o ano de 2019. Consideramos ressaltar que devido a pandemia causada pelo Corona Virus Disease 2019 (COVID-19), no ano de 2020 não houve a edição do ENANCIB. Destaca-se que os trabalhos dos ENANCIBs são apresentados em duas modalidades: artigos completos, pôster/ resumo expandido. De modo que são submetidos a uma comissão avaliadora que, ao sendo aprovados são posteriormente apresentados no evento (VALERIO; BERNARDINO; SILVA, 2012).

A fase de coleta dos dados ocorreu durante os meses de maio, junho e julho de 2020. Para tanto, fez-se um levantamento dos artigos completos, pôsteres e resumos expandidos, por meio dos seguintes descritores: 'mulheres', 'gênero', e 'feminismo', buscados nos títulos, resumos e palavras-chave. Quando necessário, fez-se uma leitura do trabalho completo para melhor compreensão.

Utilizou-se como base de busca a plataforma da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB) e os sites específicos dos anais do evento, abrangendo da I a XX edição do ENANCIB.

Para a análise, o estudo utilizou como técnicas a bibliometria, a cientometria e a análise de conteúdo. De acordo com Camargo e Barbosa (2018), a bibliometria foca na produção, disseminação e uso da informação, permitindo ao(à) pesquisador(a) descrever partes da realidade, com foco especial nos padrões sociológicos da comunicação científica.

Quanto a cientometria, Valério, Bernardino e Silva (2012) destacam que preocupa-se com os campos científicos, disciplinas, assuntos, de modo a atentar-se à produção e à circulação da literatura científica. Desse modo, verifica-se que a cientometria estuda e analisa as bibliografias científicas produzidas por seus(as) autores(as), sendo possível, conhecer, analisar e comparar os dados científicos e suas áreas de domínio na ciência.

Destaca-se que a bibliometria e a cientometria são subcampos dos Estudos Métricos da Informação (EMI). Os EMI “[...] se configuram como campo

interdisciplinar que se fertiliza entrecruzando as teorias e os métodos de quantificação com as teorias sociais” (SANTOS; KOBASHI, 2009, p. 155). Na Ciência da Informação, os EMI se desenvolveram incorporando técnicas na pesquisa científica, desde suas origens à sua tipologia, variando de acordo com o universo investigado. O objetivo inicial desses estudos evoluiu da quantificação simples e bruta de revistas e livros para fins mais específicos, como a interpretação da atividade científica, a gestão da informação, e orientação de políticas públicas em ciência e tecnologia (SILVA, 2020). Para fins de realizar esta pesquisa utilizamos o método bibliométrico para realizar a identificação dos tipos de autoria e de coautoria dos 58 trabalhos.

Pensando em melhor organizar e auxiliar a análise dos dados, utilizou-se como ferramenta – o *software Microsoft Excel* que, por meio de tabelas, gráficos e figuras, possibilita a exposição e compreensão dos resultados da pesquisa.

Para a análise dos dados qualitativos, fez-se uso da análise de conteúdo, tendo em vista possibilitar ao(à) pesquisador(a) inferir, a partir da aplicação de técnicas de análise das comunicações, os dados coletados (BARDIN, 2010).

De acordo com a mesma teórica a Análise de Conteúdo consiste em

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando aos procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitem inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/ recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2010, p. 42).

Na Análise de Conteúdo é possível utilizar alguns procedimentos metodológicos, a exemplo da categorização, inferência, descrição e interpretação, que permitem melhor compreender o objeto de estudo e expor os resultados, trazendo grandes contribuições no campo científico ao qual a pesquisa está inserida (MINAYO, 2009). Utilizamos está análise para fins de busca de termos previamente definidos para analisar nos trabalhos aprovados no ENANCIB nos títulos e nas palavras chaves das pesquisas sobre ‘mulheres’, ‘gênero’ e ‘feminismo’.

Em consequência, acredita-se que essa técnica será primordial para analisar o protagonismo social das mulheres, por meio da produção científica sobre ‘mulher’, ‘gênero’ e ‘feminismo’ nos anais do Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB).

Partindo do pressuposto de que protagonismo social envolve ações de resistência, considera-se que a produção científica sobre mulheres no maior evento

da área da CI é uma ação protagonista que deve ser analisada, como forma de dar visibilidade a esses trabalhos e incentivar novos estudos direcionados à temática, já que a Ciência da Informação, de acordo com Silva e Côrtes (2020), é uma área majoritariamente constituída por mulheres.

Observa-se que alguns estudos já foram realizados, no âmbito da CI, buscando dar visibilidade ao protagonismo das mulheres na área, através das produções científicas apresentadas nos ENANCIBs, a exemplo do estudo de Oliveira e Bufrem (2019), que merece destaque pela relevância. Nessa ocasião, as pesquisadoras analisaram 32 trabalhos, publicados entre 2009 e 2018, recuperados a partir dos títulos, resumos, palavras-chave, objetivos e considerações das produções. As autoras Oliveira e Bufrem (2019) evidenciaram, por meio do mapeamento dos trabalhos apresentados no Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, a visibilidade da mulher, considerando-a como agente social que produz conhecimentos a partir da sua trajetória de vida.

Desse modo, pretendeu-se com este estudo dar continuidade ao trabalho das autoras, ampliando o *corpus* da pesquisa, de modo que far-se-á uma análise nas 19 edições dos ENANCIBs, ou seja, de 1994 a 2019.

Em suma, a partir do retrato atual da área no tocante às produções sobre mulheres/relações de gênero, e considerando as mulheres enquanto usuárias e produtoras de informação e a situação de desigualdade vivenciada pelas mesmas na sociedade, torna-se extremamente relevante conhecer as produções científicas no âmbito do maior evento da CI de modo que contribuirá para visibilizar as mulheres como participantes políticos e pautar um diálogo interdisciplinar entre a Ciência da Informação e os estudos de gênero.

b) CAMPO DE PESQUISA: ANAIS DO ENANCIB

Para investigar a produção científica de uma determinada área, é importante considerar a importância desta para a ciência, logo, escolher o ENANCIB para analisar sua produção científica é de suma relevância, tendo em vista que é um evento importante da área da Ciência da Informação brasileira. Destaca-se que o evento reúne pesquisadores(as), professores(as), estudantes - mestrandos(as) e doutorandos(as) da área (VALERIO; BERNARDINO; SILVA, 2012; SILVA; CÔRTEZ, 2020).

O ENANCIB é um evento anual, promovido pela Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB), fundada em 1989, com “[...] a finalidade de orientar as atividades de ensino de pós-graduação e de pesquisa em Ciência da Informação no Brasil” (VALERIO; BERNARDINO; SILVA, 2012, p. 158).

Sobre seu histórico, a ANCIB foi fundada em 1989, por pesquisadores (as) de pós-graduação. (MARTINS, 2014). Ressalta-se, por fim, que a ANCIB é uma associação de grande relevância para a Ciência da Informação nacional e internacional com contribuições e discussões inerentes à área.

4.2.1 Encontro Nacional de Ciência da Informação - ENANCIBs

O ENANCIB é um evento que acontece anualmente, desde o ano de 1994, no qual cada edição é realizada em um estado diferente. O evento reúne pesquisadores(as) de vários lugares do país, tornando-se um momento de troca e compartilhamento de experiências entre os(as) cientistas da CI brasileira (MARTINS, 2014).

De acordo com Mueller, Miranda e Suaiden (2000, p. 293), “[...] o conjunto de trabalhos apresentados em seus encontros pode ser considerado representativo do estado da arte da pesquisa em Ciência da Informação, no Brasil, naquele momento”.

Até o ano de 2021, aconteceram vinte edições do ENANCIB. As três primeiras ocorreram na década de 1990, respectivamente nos anos de 1994, 1995 e 1997, e só em 2000⁴ o evento foi retomado com a sua quarta edição. O último ENANCIB ocorreu em 2019 na cidade de Florianópolis-SC. Em 2020, não foi possível acontecer o evento em decorrência da pandemia da COVID-19 (ANCIB, 2021).

Quadro 2 – Edições do ENANCIB (1994- 2019)

ENANCIB	Tema Central	Universidade	Local	Ano
I ENANCIB	*Não existia tema.	UFMG	Belo Horizonte - MG	1994
II ENANCIB	*Não existia tema.	PUC- Campinas	Valinhos-SP	1995
III ENANCIB	*Não existia tema.	IBICT UFRJ	Rio de Janeiro-RJ	1997

⁴ O ENANCIB não ocorreu nos seguintes anos: (2001, 2002, 2004).

ENANCIB	Tema Central	Universidade	Local	Ano
IV ENANCIB	“Conhecimento para o Século XXI: a Pesquisa na Construção da Sociedade da Informação”	UNB	Brasília	2000
V ENANCIB	“Informação, conhecimento e transdisciplinaridade”	UFMG	Belo Horizonte-MG	2003
VI ENANCIB	“A política científica e os desafios da sociedade da informação”	UFSC	Florianópolis-SC	2005
VII ENANCIB	“A dimensão epistemológica da Ciência da Informação e suas interfaces técnicas, políticas e institucionais nos processos de produção, acesso e disseminação da informação”	UNESP	Marília-SP	2006
VIII ENANCIB	“Promovendo a inserção internacional da pesquisa brasileira em Ciência da Informação”	UFBA	Salvador-BA	2007
IX ENANCIB	“Diversidade cultural e políticas de informação”	USP	São Paulo-SP	2008
X ENANCIB	“A responsabilidade social da Ciência da Informação”	UFPB	João Pessoa-PB	2009
XI ENANCIB	“Inovação e Inclusão social: questões contemporâneas da informação”	IBICT, FIOCRUZ, UNIRIO	Rio de Janeiro-RJ	2010
XII ENANCIB	“Políticas de Informação para a Sociedade”	UNB	Brasília-DF	2011
XIII ENANCIB	“A sociedade em rede para a inovação e o desenvolvimento humano”	FIOCRUZ	Rio de Janeiro-RJ	2012
XIV ENANCIB	“Informação e Interação: ampliando perspectivas para o desenvolvimento humano”	UFSC	Florianópolis-SC	2013
XV ENANCIB	“Além das ‘nuvens’: expandindo as fronteiras da Ciência da Informação”	UFMG	Belo Horizonte-MG	2014
XVI ENANCIB	“Informação, Memória e Patrimônio: do documento às redes”	UFPB	João Pessoa-PB	2015
XVII ENANCIB	“Descobrimientos da Ciência da Informação: desafios da Multi, Inter e	UFBA	Salvador/BA	2016

ENANCIB	Tema Central	Universidade	Local	Ano
	Transdisciplinaridade (MIT)”			
XVIII ENANCIB	“Informação, sociedade, complexidade”	UNESP	Marília-SP	2017
XIX ENANCIB	“Sujeito informacional e as perspectivas atuais em Ciência da Informação”	UEL	Londrina-PR	2018
XX	“A Ciência da Informação na era da Ciência de Dados”.	UFSC	Florianópolis – SC	2019

Fonte: (ANCIB, 2021).

Como podemos observar na Figura 2, a maior parte dos ENANCIBs aconteceu na Região Sudeste, somando um total de dez encontros que foram distribuídos em cidades dos estados de São Paulo (04), Belo Horizonte (03) e Rio de Janeiro (03). A Região Sul foi palco de quatro edições do evento, realizadas em Santa Catarina (03), e Paraná (01). Na Região Nordeste aconteceram quatro ENANCIBs, distribuídos nos respectivos estados: Bahia (02), e Paraíba (02). A Região Centro-Oeste, por sua vez, foi cenário de duas edições do evento que aconteceu no Distrito Federal (02). Vale ressaltar que os ENANCIBs ocorrem apenas nas universidades onde possuem pós-graduação em Ciência da Informação, e que na região nordeste são poucos PPGCIs existentes.

4.2.2 Grupos de Trabalhos (GT)

Atualmente o ENANCIB conta com 11 grupos de trabalhos (GT), no qual cada grupo aborda temas específicos da Ciência da Informação (ANCIB, 2021), conforme explicita a quadro 3.

Quadro 3 – Grupo de Trabalhos do ENANCIB.

Grupo de trabalhos	Nome do grupo do grupo
GT1	Estudos Históricos e Epistemológicos da Informação
GT2	Organização e Representação do Conhecimento
GT3	Mediação, Circulação e Apropriação da informação
GT4	Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações

Grupo de trabalhos	Nome do grupo do grupo
GT5	Política e Economia da Informação
GT6	Informação, Educação e Trabalho
GT7	Produção e Comunicação da Informação em CT&I
GT8	Informação e tecnologia
GT9	Museu, Patrimônio e Informação
GT10	Informação e Memória
GT11	Informação e Saúde

Fonte: (ANCIB, 2021).

Observa-se que os Grupos de trabalhos do ENANCIB conjecturam o que está sendo pesquisado na Ciência da Informação, refletindo a natureza multidisciplinar do seu objeto - a informação - e colocando na arena de discussões as várias áreas que colaboram com a CI na busca de entender melhor seu objeto (SILVA, 2019).

Os GTs distribuem, de forma organizada, as principais temáticas abordadas na CI, sendo possível identificar, por meio do título do GT, os conteúdos informacionais mediados em seu âmbito. Isso possibilita aos(as) pesquisadores(as) identificar o GT que mais se aproxima de suas respectivas pesquisas e submeterem os trabalhos para apresentação no evento.

Achamos pertinente discorrer sobre a trajetória dos GTs e explicitar seu ano de criação e suas denominações, porquanto eles foram surgindo de acordo com as edições dos ENANCIBs. Além disso, destacamos a quantidade de trabalhos aprovados em cada GTs sobre mulheres, gênero e feminismo no decorrer das edições do evento.

De acordo com Freire e Alvares (2013), o primeiro grupo de trabalho, o GT1, surgiu no ano de 2000, na quarta edição. Inicialmente, foi denominado de 'Epistemologia da Ciência da Informação'. Em 2006, passou a ser chamado de 'Estudos Históricos e Epistemológicos da Informação', e só em 2010 passou a ser chamado de 'Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação'. O GT1 teve quatro trabalhos sobre os termos, o que corresponde a 7%.

O GT2 foi criado na Iª edição do ENANCIB, no ano de 1994, intitulado "Representação do Conhecimento/Indexação/Teoria da Classificação". Em 2005, o GT2 mudou o nome para 'Organização do Conhecimento e Representação da

Informação', e em 2007, passou a ser denominado como conhecemos atualmente de 'Organização e Representação do Conhecimento' (FREIRE; ALVARES, 2013). Esse GT aparece com quatro trabalhos (7%), desde que foi criado no ano de 1994.

O GT3, chamado de 'Mediação, Circulação e Uso da Informação, foi criado no VI ENANCIB, em 2005. No ano de 2009, passou a ser intitulado 'Mediação, Circulação e Apropriação da Informação' (FREIRE; ALVARES, 2013). Publicou, em 16 anos de existência, 16 trabalhos (27% do valor total).

O GT4 - 'Administração/Gestão/Avaliação de Sistemas de Informação e Estudos de Usuários' - foi criado na Iª. edição do ENANCIB, no ano de 1994. Em 2000, passou a ser chamado de 'Planejamento e Gestão de Sistemas de Informação e Inteligência Competitiva'; em 2003, mais uma vez, passou a ser denominado de 'Planejamento e Gestão de Sistemas/Inteligência Competitiva'; em 2005, de Gestão de Unidades de Informação; em 2007, foi renomeado de 'Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações Conhecimento nas Organizações'; e no ano de 2013, 'Gestão da Informação e do Conhecimento', sua última denominação (FREIRE; ALVARES, 2013). Um estudo sobre a temática, com os termos utilizados na presente pesquisa, foi apresentado no GT, correspondendo a 2%.

O GT5 - intitulado 'Política, Ética e Economia da Informação' – foi criado no ano de 2005. Em 2007, foi alterado para 'Política e Economia da Informação' (FREIRE; ALVARES, 2013). Em 16 anos de existência, o GT5 foi palco de apresentações de três trabalhos sobre os termos pesquisados, correspondendo a 5% do valor total.

O GT6 - 'Formação Profissional/Mercado de Trabalho - foi criado na primeira edição do ENANCIB, no ano de 1994. Em 2000, passou a ser denominado de 'Formação Profissional e Mercado de Trabalho', e em 2007, seu nome foi mudado para 'Informação, Educação e Trabalho' (FREIRE; ALVARES, 2013). Esse GT, como é observado, foi criado no primeiro ano do ENANCIB, e em suas XX edições, contribuiu com cinco trabalhos, o que corresponde a 9% do total publicado sobre os termos.

O GT7, 'Produção Científica/Literatura Cinza', também foi criado na primeira edição do evento, ou seja, em 1994. No ano seguinte, em 1995, passou a ser denominado de 'Produção Científica/Literatura Cinzenta', e em 2000, 'Produção Científica'. Em 2005, passou a ser chamado de 'Comunicação e Produção Científica/Literatura Cinzenta'; em 2006, 'Informação para Diagnóstico, Mapeamento

e Avaliação'; e em 2007, seu nome foi alterado, pela última vez, para 'Produção e Comunicação da Informação em Ciência, Tecnologia e Inovação' (FREIRE; ALVARES, 2013).

O GT8 surgiu na segunda edição do ENANCIB, ou seja, no ano de 1995, e denominou-se 'Novas Tecnologias/Base Dados/Fonte de Informação (e a Educação)'; dois anos depois de sua criação, em 1997, passou a ser chamado de 'Novas Tecnologias/Bases de Dados/Fontes de Informação e a Educação a Distância'; no ano 2000, foi denominado de 'Novas Tecnologias/Redes de Informação/Educação a Distância'; e em 2008, 'Informação e Tecnologia', sua denominação atual (FREIRE; ALVARES, 2013). Até o momento, o GT8 não foi palco de discussões sobre mulheres, gênero e feminismo.

O GT9 foi criado no oitavo ENANCIB, no ano de 2007, com o título 'Debates sobre Museologia e Patrimônio. Em 2009, passou a ser denominado de 'Museu, Patrimônio e Informação', seu título atual (FREIRE; ALVARES, 2013). Nesse grupo, até o presente momento, seus (as) pesquisadores (as) não apresentaram trabalhos sobre os termos analisados neste estudo.

O GT10 foi inserido nos grupos de trabalhos do ENANCIB no ano de 2010, com o nome de 'Informação e Memória' (FREIRE; ALVARES, 2013). Esse grupo de trabalho existe há dez anos e publicou nove trabalhos sobre os termos analisados nesta pesquisa, portanto, 15% do total.

O GT11 - 'Informação e Saúde' - foi o último grupo de pesquisa criado no âmbito do maior evento da área da CI no ano de 2011 (FREIRE; ALVARES, 2013). Apesar de ter sido criado recentemente, foi responsável por oito trabalhos apresentados no ENANCIB sobre os termos estudados (14% do total). A criação do GT10 e do GT11 coincide com o aumento da produção científica sobre os termos no ENANCIB, que começou a crescer a partir do ano de 2012.

Excepcionalmente no ano de 2000, os trabalhos não foram distribuídos por GTs. Só recuperamos um trabalho, representado no Gráfico 6 (J-ma), escrito por Lígia Maria Moreira Dumont e apresentado na quarta edição do ENANCIB.

A submissão de trabalhos se dá mediante o envio de artigos completos ou resumos expandidos de pesquisas em andamento ou concluídas, que são avaliados por uma comissão de especialistas, definida em cada GT. Os trabalhos aprovados são apresentados durante o evento nas modalidades de Trabalhos Completos e

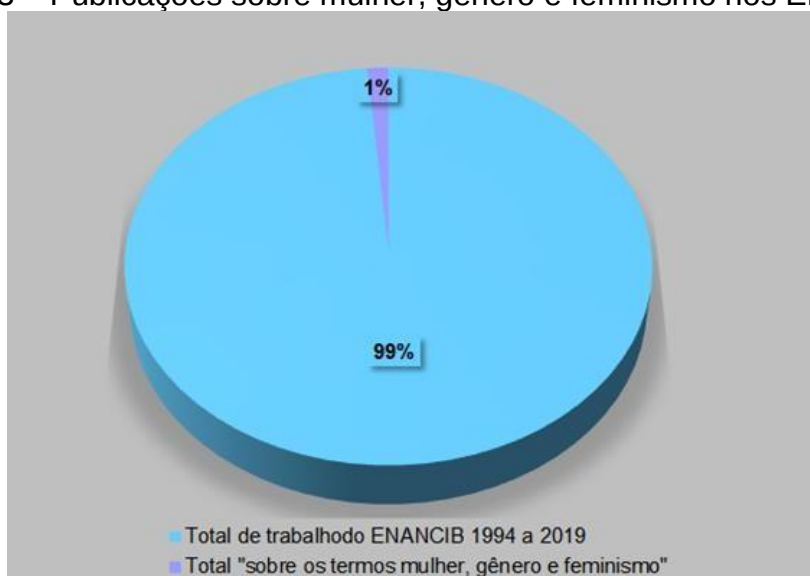
Resumos Expandidos. Somente podem submeter trabalhos os(as) pesquisadores(as), pós-graduados(as) e pós-graduandos(as) *stricto sensu*. É importante destacar que os(as) discentes de mestrado e doutorado só podem submeter trabalhos em coautoria com doutores(as). Importa dizer ainda que os trabalhos completos ou resumos expandidos, ao serem aprovados, são publicados nos anais do encontro.

5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Neste tópico, apresentaremos as descobertas da pesquisa sobre a produção científica das pesquisadoras sobre os termos ‘mulheres, gênero e feminismo’ nos anais do ENANCIB desde o ano de 1994 até a última edição do evento que ocorreu no ano de 2019.

Por meio do levantamento e da análise dos dados, o estudo contabilizou 58 trabalhos que versam sobre ‘mulher’, ‘gênero’ e ‘feminismo’, apresentados nos GTs dos ENANCIBs de 1994 a 2019, recuperados nos títulos, nos resumos e nas palavras-chave das produções analisadas. Esse resultado foi extraído de um universo de 4. 508 trabalhos, representando apenas 1% do total, conforme mostra o Gráfico 3.

Gráfico 3 – Publicações sobre mulher, gênero e feminismo nos ENANCIBs



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

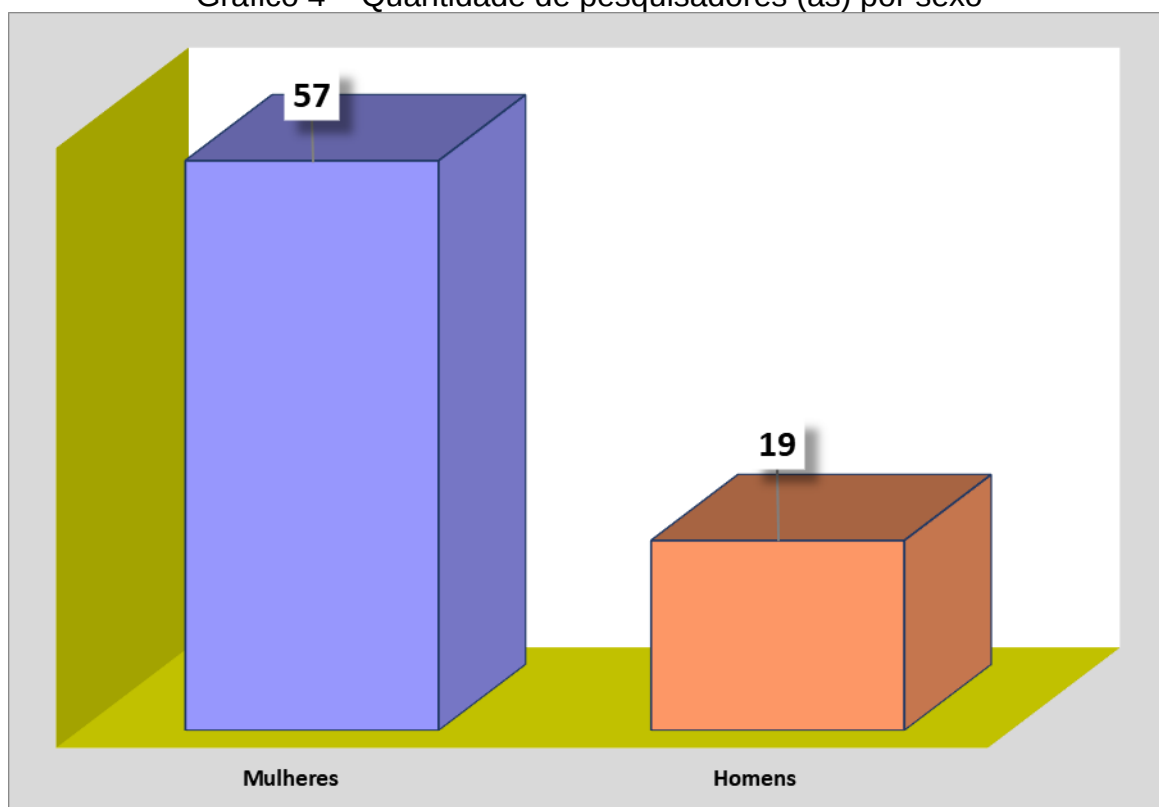
O Gráfico 3 evidencia que ainda são poucos os estudos sobre os temas analisados, apresentados nos ENANCIBs durante as vinte edições do evento. No entanto, isso não significa que foram só esses os trabalhos enviados aos GTs do evento, pois eles passam por uma etapa de avaliação e seleção antes de serem aprovados. Acredita-se, com base em resultados de pesquisas recentes (OLIVEIRA; BUFREM, 2019; SILVA; CÔRTES, 2020), que há uma tendência de crescimento de pesquisas sobre os temas de modo a ampliar a visibilidade das mulheres como autoras e produtoras da informação no âmbito da CI, apesar de explicitar-se a incipiência de estudos.

Para as autoras Xavier e Kobashi (2019), ainda que de forma muito tímida, a produção científica sobre mulheres na Ciência da Informação vem se expandido nos últimos anos. De acordo com as autoras, a expansão nas discussões sobre mulheres, gênero e feminismo é um reflexo da luta dos movimentos sociais, em especial, os feministas.

Para alcançar os objetivos propostos neste estudo, os dados foram organizados a partir dos títulos, dos resumos e das palavras-chave; identificando os (as) autores (as), o sexo e a formação acadêmica dos (as) pesquisadores (as); o vínculo institucional; o ano de apresentação do trabalho no evento; o GT onde a pesquisa foi aprovada e a edição do ENANCIB.

Nesse sentido, verificamos, primeiramente, a quantidade de pesquisadores(as) e o sexo, observando quem mais versa sobre os termos analisados, como mostra o Gráfico 4 a seguir.

Gráfico 4 – Quantidade de pesquisadores (as) por sexo



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Como é possível observar no Gráfico 4, os 58 trabalhos que compõem o *corpus* da pesquisa foram escritos por 76 pesquisadores (as), por meio de

produções individuais e em coautoria. Desses, 57 são mulheres (75% do total), e 17 são homens, apenas 25% dos autores.

Esse resultado corrobora os dados apresentados nas pesquisas das autoras Oliveira e Bufrem (2019) e Silva e Côrtes (2020), que, embora tenham analisado um *corpus* menor em seus estudos e em períodos anteriores a este estudo, verificaram que as produções científicas de/sobre mulheres nos anais dos ENANCIBs têm uma participação das mulheres maior nas autorias dos trabalhos.

Visando apresentar, de forma geral, os 58 trabalhos recuperados, *corpus* da pesquisa, que versam sobre ‘mulher’, ‘gênero’ e ‘feminismo’ nos ENANCIBs de 1994 a 2019, expusemos, no quadro 4, os títulos de cada trabalho, os (as) autores (as), a formação acadêmica, o vínculo institucional, o ano em que o trabalho foi apresentado no evento, o GT onde a pesquisa foi publicada e a edição do ENANCIB.

A ordem dos trabalhos apresentados e das autorias nos quadros 4 e 5, estão de acordo com o surgimento das publicações no ENANCIB.

Quadro 4 – Produções científicas sobre ‘mulheres’, ‘gênero’ e ‘feminismo’ no ENANCIB (1994-2019)

1. Gênero, capital cultural e desempenho escolar					
Autores(as)	Formação acadêmica	Vínculo institucional	Ano	Grupo de trabalho	Edição
Gilda Olinto	Doutorado em Comunicação e Cultura	ECO/UFRJ	1995	GT3	I
2. Mulheres e jovens na liderança da pesquisa no Brasil: análise das bolsas de pesquisador do CNPq					
Autores(as)	Formação acadêmica	Vínculo institucional	Ano	Grupo de trabalho	Edição
Gilda Olinto	Doutorado em Comunicação e Cultura	ECO/UFRJ	2003	GT6	V
3. Indicadores de gênero para a Sociedade do Conhecimento					
Autores(as)	Formação acadêmica	Vínculo institucional	Ano	Grupo de trabalho	Edição
Gilda Olinto	Doutorado em Comunicação e Cultura	ECO/UFRJ	2006	GT7	VII
4. Gênero, Ciência e Contexto Regional: reflexões sobre resultados acadêmicos da pós-graduação no Brasil					

Autores(as)	Formação acadêmica	Vínculo institucional	Ano	Grupo de trabalho	Edição
Gilda Olinto	Doutorado em Comunicação e Cultura	IBICT/UFRJ	2014	GT7	XV
Elinielle Pinto Borges	Mestrado em Ciência da Informação	UFMA – IBICT/UFRJ			
Jacqueline Leta	Doutorado em Química Biológica, Gestão, Educação e Difusão em Ciência	UFRJ			
5. Diferenças de gênero no uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação: um estudo na Biblioteca Parque de Manguinhos					
Autores(as)	Formação acadêmica	Vínculo institucional	Ano	Grupo de trabalho	Edição
Gilda Olinto	Doutorado em Comunicação e Cultura	IBICT/UFRJ	2015	GT6	XVI
Aline Gonçalves da Silva	Mestrado em Ciência da Informação	FIOCRUZ			
Aline Gonçalves da Silva	Mestrado em Ciência da Informação	FIOCRUZ			
6. O imaginário feminino e a opção pela leitura de romances de séries					
Autores(as)	Formação acadêmica	Vínculo institucional	Ano	Grupo de trabalho	Edição
Lígia Maria Moreira Dumont	Doutorado em Ciência da Informação	UFMG	2000	J-Ma	IV
7. A busca de informação pela mulher em jornais impressos					
Autores(as)	Formação acadêmica	Vínculo institucional	Ano	Grupo de trabalho	Edição
Lígia Maria Moreira Dumont	Doutorado em Ciência da Informação	UFMG	2007	GT3	VIII
Patrícia Espírito Santo	Doutorado em Ciência da Informação	UFMG			
8. As relações de gênero e a profissão de bibliotecário: as razões do maior ingresso de homens num curso majoritariamente feminino					
Autores(as)	Formação acadêmica	Vínculo institucional	Ano	Grupo de trabalho	Edição
Lígia Maria Moreira Dumont	Doutorado em Ciência da Informação	UFMG	2014	GT6	XV
Hugo Avelar Cardoso Pires	Mestrando em Ciência da Informação	UFMG			

9. Relações de Gênero e Biblioteconomia: o que move o sexo masculino a ingressar em um curso majoritariamente feminino

Autores(as)	Formação acadêmica	Vínculo institucional	Ano	Grupo de trabalho	Edição
Lígia Maria Moreira Dumont	Doutorado em Ciência da Informação	UFMG	2016	GT6	XVII
Hugo Avelar Cardoso Pires	Mestrando em Ciência da Informação	UFMG			

10. Pensando as estatísticas públicas sobre carreiras educacionais na área de Ciência e Tecnologia, por gênero

Autores(as)	Formação acadêmica	Vínculo institucional	Ano	Grupo de trabalho	Edição
Zuleica Lopes Cavalcanti de Oliveira	Doutorado em Sociologia	UFRJ	2005	GT5	VI

11. Os estudos de gênero na Ciência da Informação

Autores(as)	Formação acadêmica	Vínculo institucional	Ano	Grupo de trabalho	Edição
Patrícia Espírito Santo	Doutorado em Ciência da Informação	UFMG	2008	GT1	IX

12. O que informam as cartas de leitores e leitoras enviadas a jornais impressos: o caso do Estado de Minas

Autores(as)	Formação acadêmica	Vínculo institucional	Ano	Grupo de trabalho	Edição
Patrícia Espírito Santo	Doutorado em Ciência da Informação	UFMG	2012	GT3	XIII

13. O que informam as cartas de leitores e leitoras enviadas a jornais impressos: o caso do Le Monde

Autores(as)	Formação acadêmica	Vínculo institucional	Ano	Grupo de trabalho	Edição
Patrícia Espírito Santo	Doutorado em Ciência da Informação	UFMG	2014	GT3	XIV

14. Crianças com paralisia cerebral e percurso informacional de mulheres mães: estratégia e ações na defesa da cidadania

Autores(as)	Formação acadêmica	Vínculo institucional	Ano	Grupo de trabalho	Edição
Alcenir Soares dos Reis	Doutorado em Educação	UFMG	2010	GT3	XI
Alberth Sant'Ana	Mestre em Ciência da	UFMG			

Costa da Silva		Informação			
15. Bases na Representação do Conhecimento: uma análise da questão feminina em linguagens documentais brasileiras					
Autores(as)	Formação acadêmica	Vínculo institucional	Ano	Grupo de trabalho	Edição
Suellen Oliveira Milani	Doutorado em Ciência da Informação	UFF/CEDERJ	2011	GT2	XII
José Chaves Guimarães	Doutorado em ciência da comunicação	UNESP			
16. O pensamento da diferença e a mediação da informação institucional em bibliotecas públicas: considerações teóricas sobre mediação de gênero					
Autores(as)	Formação acadêmica	Vínculo institucional	Ano	Grupo de trabalho	Edição
Giulia Crippa	Doutorado em História Social	ECA-USP	2011	GT3	XII
17. Mediações literárias da Ciência da Informação: representações e narrativas de gênero					
Autores(as)	Formação acadêmica	Vínculo institucional	Ano	Grupo de trabalho	Edição
Giulia Crippa	Doutorado em História Social	USP	2012	GT3	XIII
18. Memória do movimento feminino no Brasil pelo discurso da divulgação da Ciência					
Autores(as)	Formação acadêmica	Vínculo institucional	Ano	Grupo de trabalho	Edição
Carmen Lucia Ribeiro Pereira	Doutorado em Memória Social	Centro Universitário UniCarioca	2011	GT3	XII
19. A informação étnico-racial na perspectiva da Organização de Mulheres Negras da Paraíba – Bamidelê					
Autores(as)	Formação acadêmica	Vínculo institucional	Ano	Grupo de trabalho	Edição
Leyde Klebia Rodrigues da Silva	Mestrado em Ciência da Informação	UFPB	2012	GT3	XIII
Edvaldo Carvalho Alves	Doutorado em Doutor em Ciências Sociais	UFPB			
Jobson Francisco de Silva Júnior	Mestrado em Ciência da Informação	UFPB			
20. Gênero e Gestão em Ciência, Tecnologia e Inovação em Saúde: um olhar exploratório na Fiocruz					

Autores(as)	Formação acadêmica	Vínculo institucional	Ano	Grupo de trabalho	Edição
Jeorgina Gentil Rodrigues	Doutorado em Informação e Comunicação em Saúde	FIOCRUZ	2012	GT 11	XIII
Maria Cristina Soares Guimarães	Doutorado em Ciência da Informação	FIOCRUZ			
21. Gênero, Ciência, Tecnologia e Saúde: um olhar exploratório a partir do acervo de obras raras da Biblioteca de Ciências Biomédicas da Fundação Oswaldo Cruz					
Autores(as)	Formação acadêmica	Vínculo institucional	Ano	Grupo de trabalho	Edição
Jeorgina Gentil Rodrigues	Doutorado em Informação e Comunicação em Saúde	FIOCRUZ	2013	GT11	XIV
22. A participação feminina no esforço de pesquisa realizado na Fundação Oswaldo Cruz					
Autores(as)	Formação acadêmica	Vínculo institucional	Ano	Grupo de trabalho	Edição
Jeorgina Gentil Rodrigues	Doutorado em Informação e Comunicação em Saúde	FIOCRUZ	2015	GT11	XVI
Maria Cristina Soares Guimarães	Doutorado em Ciência da Informação	FIOCRUZ			
23. Linguagens documentárias e a construção do pensamento crítico: reflexões sobre o tesouro para estudos de gênero e sobre a mulher					
Autores(as)	Formação acadêmica	Vínculo institucional	Ano	Grupo de trabalho	Edição
Miriam Gontijo de Moraes	Doutorado em Ciência da Informação	UNIRIO	2013	GT2	XIV
24. Gênero na produção científica dos grupos de trabalho do ENANCIB: análise nos anais do XIII ENANCIB					
Autores(as)	Formação acadêmica	Vínculo institucional	Ano	Grupo de trabalho	Edição
Beatriz Alves de Sousa	Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas	IFPB	2013	GT7	XIV
Valmira Perucchi	Doutorado em Ciência da Informação				
25. Mediação da Informação e Violência contra mulheres: disseminando a informação estatística no Centro Estadual de Referência da Mulher Fátima Lopes					
Autores(as)	Formação acadêmica	Vínculo institucional	Ano	Grupo de trabalho	Edição

Gisele Rocha Côrtes	Doutorado em Sociologia	UFPB	2015	GT3	XVI
Leyde Klebia Rodrigues da Silva	Mestrado em Ciência da Informação	IBICT/UFRJ			
Edvaldo Carvalho Alves	Doutorado em Doutor em Ciências Sociais	UFPB			
26. A Representação Colaborativa da Informação e a Construção de Linguagens documentárias sobre Diversidade de Gênero: análise das construções do dicionário de gêneros – “só quem sente pode definir”					
Autores(as)	Formação acadêmica	Vínculo institucional	Ano	Grupo de trabalho	Edição
Gisele Rocha Côrtes	Doutorado em Sociologia	UFPB	2017	GT2	XVIII
Raimunda Fernanda dos Santos	Doutorado em Ciência da Informação	UFPB			
Laelson Felipe da Silva	Mestrado em Ciência da Informação	UFPB			
Dulce Amélia de Brito Neves	Doutorado em Ciência da Informação	UFPB			
27. Práticas Informacionais: o perfil de mulheres transexuais e travestis do Espaço LGBT					
Autores(as)	Formação acadêmica	Vínculo institucional	Ano	Grupo de trabalho	Edição
Gisele Rocha Côrtes	Doutorado em Sociologia	UFPB	2018	GT3	XIX
Laelson Felipe da Silva	Ciência da Informação	UFPB			
28. Protagonismo das mulheres usuárias da Casa Abrigo: asas da informação					
Autores(as)	Formação acadêmica	Vínculo institucional	Ano	Grupo de trabalho	Edição
Gisele Rocha Côrtes	Doutorado em Sociologia	UFPB	2019	GT3	XX
Aurekelly Rodrigues da Silva	Mestrado em Ciência da Informação	UFPB			
29. A memória e a importância das políticas públicas de gênero no enfrentamento da violência contra as mulheres					

Autores(as)	Formação acadêmica	Vínculo institucional	Ano	Grupo de trabalho	Edição
Gisele Rocha Côrtes	Doutorado em Sociologia	UFPB	2019	GT10	XX
Claudialyne da Silva Araújo	Doutorado em Ciência da Informação	UFPB			
30. Redes de informação e violência doméstica e familiar contra as mulheres: conexões e laços conceituais					
Autores(as)	Formação acadêmica	Vínculo institucional	Ano	Grupo de trabalho	Edição
Gisele Rocha Côrtes	Doutorado em Sociologia	UFPB	2019	GT4	XX
Joana Coeli Ribeiro Garcia	Doutorado em Ciência da Informação	UFPB			
Alzira Karla Araújo da Silva	Doutorado em Ciência da Informação	UFPB			
Kaliandra de Oliveira Andrade	Mestrado em Ciência da Informação	UFPB			
31. Memória de mulheres e o acesso à informação no enfrentamento à violência doméstica					
Autores(as)	Formação acadêmica	Vínculo institucional	Ano	Grupo de trabalho	Edição
Izabel França de Lima	Doutorado em Ciência da Informação	UFPB	2015	GT10	XVI
Kaliandra de Oliveira Andrade	Mestrado em Ciência da Informação	UFPB			
32. Memórias de enfrentamento à violência doméstica e familiar: acesso e uso da informação como dispositivo de empoderamento					
Autores(as)	Formação acadêmica	Vínculo institucional	Ano	Grupo de trabalho	Edição
Izabel França de Lima	Doutorado em Ciência da Informação	UFPB	2016	GT10	XVII
Kaliandra de Oliveira Andrade	Mestrado em Ciência da Informação	UFPB			
33. Memória e feminismo: movimento HeForShe nas IFEs públicas do Brasil					
Autores(as)	Formação acadêmica	Vínculo institucional	Ano	Grupo de trabalho	Edição
Izabel França de Lima	Doutorado em Ciência da Informação	UFPB	2019	GT10	XX

Anna Raquel de Lemos Viana	Graduação em Relações Públicas	UFPB			
34. Apropriação, Disseminação e Democratização da Informação Étnico-racial na Organização de Mulheres Negras da Paraíba – BAMIDELE					
Autores(as)	Formação acadêmica	Vínculo institucional	Ano	Grupo de trabalho	Edição
Mirian de Albuquerque Aquino	Doutorado em Educação	UFPB	2016	GT3	XVII
Gisele Rocha Côrtes	Doutorado em Sociologia	UFPB			
Leyde Klebia Rodrigues da Silva	Mestrado em Ciência da Informação	IBICT/UFRJ			
Edvaldo Carvalho Alve	Doutorado em Ciências Sociais	UFPB			
35. BAMIDELE: preservando a informação étnico-racial para o fortalecimento da memória cultural das mulheres negras da Paraíba					
Autores(as)	Formação acadêmica	Vínculo institucional	Ano	Grupo de trabalho	Edição
Mirian de Albuquerque Aquino	Doutorado em Educação	UFPB	2016	GT10	XVII
Gisele Rocha Côrtes	Doutorado em Sociologia	UFPB			
Leyde Klebia Rodrigues da Silva	Mestrado em Ciência da Informação	IBICT/UFRJ			
Edvaldo Carvalho Alves	Doutorado em Ciências Sociais	UFPB			
36. Feminismo e Estudos de Gênero: uma abordagem bibliométrica					
Autores(as)	Formação acadêmica	Vínculo institucional	Ano	Grupo de trabalho	Edição
Gislaine Imaculada de Matos Silva	Doutorado em Ciência da Informação	UNESP-IFMS	2017	GT7	XVIII
Ely Francina Tannuri de Oliveira	Doutorado em Educação	UNESP			

37. Gênero e Produção Científica: um panorama sobre pessoas transgêneras

Autores(as)	Formação acadêmica	Vínculo institucional	Ano	Grupo de trabalho	Edição
Inesita Soares de Araújo	Doutorado em Comunicação e Cultura	FIOCRUZ	2017	GT11	XVIII
Cícera Henrique da Silva	Doutorado em Sciences de l'Information Et de La Communication	FIOCRUZ			
Érica Gomes Rodrigues	Mestrado em Informação, Comunicação e Saúde	FIOCRUZ			

38. Informação simbólica e representações identitárias: confronto de sentidos nas narrativas que (in)formam as mulheres de noiva do cordeiro

Autores(as)	Formação acadêmica	Vínculo institucional	Ano	Grupo de trabalho	Edição
Juliana Andrade Perdigão	Especialização em Gestão Estratégica da Comunicação	UFMG	2018	GT3	XIX
Fabício José Nascimento da Silveira	Doutorado em Ciência da Informação	UFMG			

39. Regime de Informação, Acesso à Informação e Direitos das Mulheres: um estudo das proposições em tramitação na Câmara dos Deputados do Brasil (2017)

Autores(as)	Formação acadêmica	Vínculo institucional	Ano	Grupo de trabalho	Edição
Carla Maria Martellote Viola	Mestrado em Ciência da Informação	UFRJ	2018	GT5	XIX
Marco André Feldman Schneider	Doutorado em Ciência da Comunicação	UFRJ			

40. De que saúde estamos falando? Um estudo sobre regime de informação, estado e mulher

Autores(as)	Formação acadêmica	Vínculo institucional	Ano	Grupo de trabalho	Edição
Silvana Maria de Jesus Vetter	Doutorado em Ciência da Informação	UFMA-IBICT/UFRJ	2018	GT11	XIX
Carla Maria Martellote Viola	Mestrado em Ciência da Informação	EMERJ-IBICT/UFRJ			
Nathália Lima Romeiro	Mestrado em Ciência da Informação	IBICT/UFRJ			

41. Violência obstétrica e os dados sobre mortalidade materna no Brasil: percepções sobre direitos das mulheres à saúde e ao acesso à informação

Autores(as)	Formação acadêmica	Vínculo institucional	Ano	Grupo de trabalho	Edição
Silvana Maria de Jesus Vetter	Doutorado em Ciência da Informação	UFMA	2019	GT11	XX
Carla Maria Martellote Viola	Mestrado em Ciência da Informação	IBICT/UFRJ			
42. Sistemas de informação e instrumentos normativos: um estudo sobre crimes contra a mulher no Brasil contemporâneo					
Autores(as)	Formação acadêmica	Vínculo institucional	Ano	Grupo de trabalho	Edição
Nathália Lima Romeiro	Mestrado em Ciência da Informação	UFRJ	2018	GT5	XIX
Arthur Coelho Bezerra	Doutorado em Ciências Humanas	UFRJ			
43. Caracterização do conjunto de doutores brasileiros com ênfase em gênero					
Autores(as)	Formação acadêmica	Vínculo institucional	Ano	Grupo de trabalho	Edição
Monique de Oliveira Santiago	Graduação em Engenharia de Computação	CEFET-MG	2018	GT7	XIX
Thiago Magela Rodrigues Dias	Doutorado em Modelagem Matemática e Computacional	CEFET-MG			
44. Memória e informação de arquivo sobre o direito da mulher ao voto					
Autores(as)	Formação acadêmica	Vínculo institucional	Ano	Grupo de trabalho	Edição
Eliane Braga de Oliveira	Doutorado em Ciência da Informação	UNB	2018	GT1	XIX
Maria Ivonete Gomes do Nascimento	Mestrado em Ciência da Informação	UNB			
45. Mulher e gênero na produção científica da Ciência da Informação					
Autores(as)	Formação acadêmica	Vínculo institucional	Ano	Grupo de trabalho	Edição
Eliane Braga de Oliveira	Doutorado em Ciência da Informação	UNB	2019	GT11	XX
Maria Ivonete Gomes do Nascimento	Mestrado em Ciência da Informação	UNB			
46. Unidades de informação sobre mulheres: constituição e consolidação					
Autores(as)	Formação acadêmica	Vínculo	Ano	Grupo de	Edição

		institucional		trabalho	
Nair Yumiko Kobashi	Doutorado em Ciências da Comunicação	ECA-USP	2018	GT10	XIX
Mariana Xavier	Mestrado em Ciência da Informação	ECA-USP			
47. Estudos sobre mulheres na Ciência da Informação					
Autores(as)	Formação acadêmica	Vínculo institucional	Ano	Grupo de trabalho	Edição
Nair Yumiko Kobashi	Doutorado em Ciências da Comunicação	USP	2019	GT1	XX
Mariana Xavier	Mestrado em Ciência da Informação	USP			
48. Os processos memoriais das mulheres rendeiras de Camalaú/PB a partir da técnica da renda renascença					
Autores(as)	Formação acadêmica	Vínculo institucional	Ano	Grupo de trabalho	Edição
Geysa Flávia Câmara de Lima Nascimento	Doutorado em Ciência da Informação	UFPB	2018	GT10	XIX
Carlos Xavier de Azevedo Netto	Doutorado em Ciência da Informação	UFPB			
49. A Ciência da Informação pela perspectiva feminista					
Autores(as)	Formação acadêmica	Vínculo institucional	Ano	Grupo de trabalho	Edição
Iraci Oliveira Rodrigues	Mestrado em Ciência da Informação	USP	2019	GT1	XX
Marivalde Moacir Francelin	Doutorado em Ciência da Informação	USP			
50. O feminismo negro no contexto da representação do conhecimento: abordagens da representatividade social					
Autores(as)	Formação acadêmica	Vínculo institucional	Ano	Grupo de trabalho	Edição
Vanessa Jamile Santana dos Reis	Mestrado em Ciência da Informação	UFBA	2019	GT2	XX
José Carlos Sales dos Santos	Doutorado em Ciência da Informação	UFBA			

51. Análise da produção científica sobre gênero na Ciência da Informação					
Autores(as)	Formação acadêmica	Vínculo institucional	Ano	Grupo de trabalho	Edição
Ester Ferreira da Silva	Mestrado em Ciência da Informação	UFPA	2019	GT6	XX
Cristian Berrío Zapata	Doutorado em Ciência da Informação	UNESP			
Hamilton Vieira de Oliveira	Doutorado em Ciência da Informação	UNB			
52. Primeiras impressões da pesquisa autodenominada estudos de gênero em uma base de dados internacional e multidisciplinar					
Autores(as)	Formação acadêmica	Vínculo institucional	Ano	Grupo de trabalho	Edição
Natascha Helena Franz Hoppen	Mestrado em Comunicação e Informação	UFRGS	2019	GT7	XX
Samile Andrea de Sousa Vanz	Mestrado em Comunicação e Informação	UFRGS			
53. Visibilidade da mulher como fonte de informação: mapeamento das produções científicas apresentadas no Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (2009-2019)					
Autores(as)	Formação acadêmica	Vínculo institucional	Ano	Grupo de trabalho	Edição
Leilah Santiago Bufrem	Doutorado em Ciência da Informação	UFPE	2019	GT10	XX
Ana Lúcia Tavares de Oliveira	Mestrado em Ciência da Informação	UFPE			
54. A saúde da mulher negra em foco: análise da produção científica na BDTD					
Autores(as)	Formação acadêmica	Vínculo institucional	Ano	Grupo de trabalho	Edição
Ana Paula Meneses Alves	Doutorado em Ciência da Informação	UFMG	2019	GT11	XX
Franciéle Carneiro Garcês da Silva	Mestrado em Ciência da Informação	UFMG			
Graziela dos Santos Lima	Mestrado em Gestão de Unidade de Informação	UNESP			
Andreia Sousa da Silva	Mestrado em Ciência da Informação	UDESC			
Dirnele Carneiro Garcez	Graduação em Administração	UFSC			

Priscila Rufino Frevier	Graduação em Biblioteconomia	UFSC			
55. Pesquisa, informação e comunicação em saúde: o perfil social e práticas de mulheres de Bauru/SP					
Autores(as)	Formação acadêmica	Vínculo institucional	Ano	Grupo de trabalho	Edição
Tamara de Souza Brandão Guaraldo	Doutorado em Ciência da Informação	UNESP	2011	GT 11	XX
Célia Retz Godoy dos Santos	Doutorado em Sociologia	UNESP			
56. Periódicos Científicos na área de Informação no Brasil: produção de artigos em colaboração e o gênero dos autores					
Autores(as)	Formação acadêmica	Vínculo institucional	Ano	Grupo de trabalho	Edição
Jayme Leiro Vilan Filho	Doutorado em Ciência da Informação	UNB	2013	GT 7	X
57. As prostitutas e os anjos: os códigos informacionais utilizados na teatralização do corpo feminino na Playboy					
Autores(as)	Formação acadêmica	Vínculo institucional	Ano	Grupo de trabalho	Edição
Luiz Fernando Barros Campos	Mestrado em Ciência da Informação	UFMG	2011	GT3	XII
58. Tipologias e Classificações: um estudo sobre as temáticas de gênero e sexualidade no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtorno Mentais (DSM)					
Autores(as)	Formação acadêmica	Vínculo institucional	Ano	Grupo de trabalho	Edição
Francisco Arrais Nascimento	Doutorado em Ciência da Informação (em andamento)	UFPE	2015	GT11	XVI
Francisco Francinete Leite Junior	Psicologia em andamento (UNICAP)	UNICAP			
Fabio Assis Pinho	Doutorado (UNESP)	UFPE			

Fonte: Dados da pesquisa (2021)

Esses dados nos possibilitaram ter um panorama da produção científica sobre ‘mulher’, ‘gênero’, e ‘feminismo’, apresentados durante as vinte edições dos ENANCIBs (1994-2019).

A seguir, apresentamos, no Quadro 5, a formação dos (as) autores (as). As informações foram coletadas do currículo *lattes* dos (as) pesquisadores (as). Por meio desses dados, podemos conhecer academicamente os (as) pesquisadores (as), porquanto a figura exibe sua formação, o nível de graduação, mestrado e doutorado e a instituição à qual se vinculam.

Quadro 5 – Área de formação dos (as) pesquisadores (as)

Nº	Pesquisador (a)	Graduação	Mestrado	Doutorado	Instituição a que se vincula
1	Gilda Olinto	Sociologia e Política (PUC- RJ)	Ciência Política (University of Michigan)	Comunicação e Cultura (UFRJ)	Universidade Federal do Rio de Janeiro
2	Lígia Maria Moreira Dumont	Licenciatura em Letras (UFMG)	Biblioteconomia (UFMG)	Ciência da Informação (UFRJ-IBICT)	Universidade Federal de Minas Gerais
3	Zuleica Lopes Cavalcanti de Oliveira	Sociologia e Política (PUC- RJ)	Planejamento Urbano e Regional (SBI/IUPERJ)	Sociologia (SBI/IUPERJ)	Universidade Federal do Rio de Janeiro
4	Patrícia Espírito Santo	Comunicação Social (PUC/ MINAS)	Ciência da Informação (PUC/ MINAS)	N.L	N.L
5	Alcenir Soares dos Reis	Sociologia (UFMG)	Biblioteconomia (UFMG)	Educação (UFMG)	Universidade Federal de Minas Gerais
6	Suellen Oliveira Milani	Biblioteconomia (UEPJM)	Ciência da Informação (UEPJM)	Ciência da Informação (UEPJM)	Universidade Federal Fluminense
7	Giulia Crippa	Lettere Moderne (Università degli Studi di Bologna)	Especialista em Arquivologia (Escola do Arquivo de Estado de Parma)	História Social (USP)	Universidade de São Paulo
8	Carmen Lucia Ribeiro Pereira	Comunicação Social - Jornalismo; Ciências Sociais (UFF)	Sociologia e Política (PUC/RIO)	Memória Social (UNIRIO)	Centro Universitário Carioca
9	Jeorgina Gentil Rodrigues	Biblioteconomia e Documentação (UFRJ)	Ciência da Informação (UFRJ/IBICT)	Informação e Comunicação em Saúde (ICICT)	N.L

Nº	Pesquisador (a)	Graduação	Mestrado	Doutorado	Instituição a que se vincula
10	Maria Cristina Soares Guimarães	Engenharia Química (UFRJ)	Ciência da Informação (UFRJ)	Ciência da Informação (UFRJ)	Fundação Oswaldo Cruz, Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde
11	Miriam Gontijo de Moraes	Comunicação Social (UFMG)	Ciência da Informação (UFMG)	Ciência da Informação (UFMG)	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
12	Beatriz Alves de Sousa	Biblioteconomia (UFPB)	Ciência da Informação (UFPB)	Interdisciplinar em Ciências Humanas (UFSC)	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba
13	Valmira Perucchi	Biblioteconomia (UDESC)	Ciência da Informação (UFPB)	Ciência da Informação (UNB)	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba
14	Elinielle Pinto Borges	Biblioteconomia (UFMA)	Ciência da Informação (UFRJ/IBICT)	*Não possui doutorado	Instituto Federal do Amapá
15	Jacqueline Leta	Ciências Biológicas (UFRJ)	Química Biológica, Gestão, Educação e Difusão em Ciência (UFRJ)	Química Biológica, Gestão, Educação e Difusão em Ciência (UFRJ)	Universidade Federal do Rio de Janeiro
16	Gisele Rocha Côrtes	Pedagogia; Ciências Sociais (UEPJMF)	Sociologia (UEPJMF)	Sociologia (UEPJMF)	Universidade Federal da Paraíba
17	Leyde Klebia Rodrigues da Silva	Biblioteconomia (UFPB)	Ciência da Informação (UFPB)	Ciência da Informação (UFRJ/IBICT)	Universidade Federal da Bahia
18	Aline Gonçalves da Silva	Biblioteconomia; Bacharelado (UNIRIO) História (UNIRIO)	Ciência da Informação (IBICT/RJ)	*Não possui doutorado	Fundação Oswaldo Cruz
19	Kaliandra de Oliveira Andrade	Engenharia Florestal; Serviço Social (UFPB)	Ciência da Informação (UFPB)	Ciência da Informação (em andamento) (UFPB)	Secretaria de Estado da Mulher e da Diversidade Humana (UFPB)
20	Izabel França de Lima	Biblioteconomia; Administração (UFPB)	Educação (UFPB)	Ciência da Informação (UFMG)	Universidade Federal da Paraíba

Nº	Pesquisador (a)	Graduação	Mestrado	Doutorado	Instituição a que se vincula
21	Raimunda Fernanda dos Santos	Biblioteconomia (UFRN)	Ciência da Informação (UFPE)	Ciência da Informação (UFPB)	Universidade Federal do Rio de Janeiro
22	Dulce Amélia de Brito Neves	Biblioteconomia (UFPB)	Biblioteconomia (UFPB)	Ciência da Informação (UFMG)	Universidade Federal da Paraíba
23	Gislaine Imaculada de Matos Silva	Biblioteconomia (UNESP)	Ciência da Informação (UNESP)	Letras (em andamento) (UFMS)	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul
24	Ely Francina Tannuri de Oliveira	Pedagogia; Matemática (UEPJMF)	Educação (UEPJMF)	Educação (UEPJMF)	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
25	Carla Maria Martellote Viola	Comunicação Social; Direito	Ciência da Informação (UFRJ/IBICT)	Ciência da Informação (em andamento) (UFRJ/IBICT)	AVM Faculdade Integrada
26	Nathália Lima Romeiro	Biblioteconomia (UNIRIO)	Ciência da Informação (UFRJ/IBICT)	Ciência da Informação (em andamento) (UFMG)	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (UFMG)
26	Monique de Oliveira Santiago	Engenharia da Computação (UEMG)	Modelagem Matemática e Computacional (em andamento) (CFEMG)	*Não possui doutorado.	Universidade do Estado de Minas Gerais
27	Eliane Braga de Oliveira	Sociologia (UNB)	Biblioteconomia e Documentação (UNB)	Ciência da Informação (UNB)	Universidade de Brasília
28	Maria Ivonete Gomes do Nascimento	Arquivologia (UNB)	Ciência da Informação (UNB)	Ciência da Informação (UNB)	Universidade de Brasília
29	Silvana Maria de Jesus Vetter	Biblioteconomia (UFM)	Educação (UFM)	Ciência da Informação (UFRJ/IBICT)	Universidade Federal do Maranhão
30	Mariana Xavier	Biblioteconomia (USP)	Ciência da Informação (USP)	Ciência da Informação (em andamento) (USP)	Instituto Butantan
31	Nair Yumiko Kobashi	Biblioteconomia; Jornalismo (USP)	Ciências da Comunicação (USP)	Ciências da Comunicação (USP)	Universidade de São Paulo

Nº	Pesquisador (a)	Graduação	Mestrado	Doutorado	Instituição a que se vincula
32	Aurekelly Rodrigues da Silva	Arquivologia (UFPB)	Ciência da Informação (UFPB)	Ciência da Informação (em andamento) (UFPB)	Universidade Federal da Paraíba
33	Alzira Karla Araújo da Silva	Biblioteconomia (UFPB)	Ciência da Informação (UFPB)	Ciência da Informação (UFPB)	Universidade Federal da Paraíba
34	Joana Coeli Ribeiro Garcia	Biblioteconomia (UFPB)	Biblioteconomia (UFPB)	Ciência da Informação (UFRJ)	Universidade Federal da Paraíba
35	Natascha Helena Franz Hoppen	Biblioteconomia (UFRGS)	Ciência da Informação (UFRGS)	Ciência da Informação (em andamento) (UFRGS)	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
36	Samile Andrea de Sousa Vanz	Biblioteconomia (UFRGS)	Comunicação e Informação (UFRGS)	Comunicação e Informação (UFRGS)	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
37	Ana Lúcia Tavares de Oliveira	Pedagogia; Arquivologia (UEPB)	Ciência da Informação (UFPB)	Ciência da Informação (em andamento) (UFPE)	Universidade Federal de Pernambuco
38	Leilah Santiago Bufrem	Biblioteconomia e Documentação; Filosofia (UFP) (PUCP)	Educação (UFP)	Ciência da Informação (USP)	Universidade Federal de Pernambuco
39	Claudialyne da Silva Araújo	Biblioteconomia; Arquivologia (UFPB)	Ciência da Informação (UFPB)	Ciência da Informação (UFPB)	Universidade Estadual da Paraíba
40	Franciéle Carneiro Garcês da Silva	Biblioteconomia (UDESC)	Ciência da Informação (UFRJ/IBICT)	Ciência da Informação (em andamento) (UFMG)	Associação de Bibliotecários de
41	Ana Paula Meneses Alves	Biblioteconomia (UNESP)	Ciência, Tecnologia e Sociedade (UFSC)	Ciência da Informação (UNESP)	Universidade Federal de Minas Gerais
42	Graziela dos Santos Lima	Biblioteconomia (UDESC)	Gestão de Unidade de Informação (UDESC)	Ciência da Informação (em andamento) (UNESP)	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
43	Dirnele Carneiro Garcez	Administração (UNIASSELVI)	Ciência da Informação (UFSC)	Ciência da Informação (em andamento) (UFSC)	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (UFSC)

Nº	Pesquisador (a)	Graduação	Mestrado	Doutorado	Instituição a que se vincula
44	Andreia Sousa da Silva	Biblioteconomia (UFSC)	Ciência da Informação (UFSC)	*Não possui doutorado	Universidade do Estado de Santa Catarina
45	Priscila Rufino Frevier	Biblioteconomia (UFSC)	Ciência da Informação (em andamento) (UFRJ)	*Não possui doutorado	Universidade Cândido Mendes
46	Mirian de Albuquerque Aquino	Licenciatura em Letras Vernáculas (UESB)	Biblioteconomia (UFPB)	Educação (UFRN)	Universidade Federal da Paraíba
47	Cícera Henrique da Silva	Biblioteconomia e Documentação (UNIRIO)	Ciência da Informação (UFRJ)	Sciences de l'Information Et de La Communication (Université Paul Cézanne Aix Marseille III)	Fundação Oswaldo Cruz
48	Inesita Soares Araújo	Comunicação Social (UFPE)	Comunicação e Cultura (UFRJ)	Comunicação e Cultura (UFRJ)	Fundação Oswaldo Cruz
49	Ester Ferreira da Silva	Ciências com Habilitação em Matemática (N.L)	Ciência da Informação (N.L)	N.L	Universidade Federal do Pará
50	Tamara Souza Brandão Guaraldo	Comunicação Social (UNESP)	Comunicação (UNESP)	Ciência da Informação (UNESP)	Universidade Estadual Paulista Júlio de mesquita Filho
51	Célia Retz dos Santos	Comunicação Social - Publicidade e Propaganda (UNESP)	Comunicação e Poética Visuais (UNESP)	Sociologia (UNESP)	Universidade Estadual Paulista Júlio de mesquita Filho
52	Juliana Andrade Perdigão	Comunicação Social – Jornalismo (UNIBH)	Especialista em Gestão Estratégica da Comunicação (PUC MINAS)	Ciência da Informação (UFMG)	Universidade Federal de Minas Gerais
53	Geysa Flávia Câmara de Lima Nascimento	Biblioteconomia (UFPB)	Ciência da Informação (UFPB)	Ciência da Informação (UFPB)	Universidade Federal da Paraíba

Nº	Pesquisador (a)	Graduação	Mestrado	Doutorado	Instituição a que se vincula
54	Vanessa Jamile Santana dos Reis	Biblioteconomia e Documentação (UFBA)	Ciência da Informação (UFBA)	*Não possui doutorado	Universidade Federal da Bahia
55	Anna Raquel de Lemos Viana	Relações Públicas (UFPB)	Ciência da Informação (UFPB)	Ciência da Informação (em andamento) (UFPB)	Universidade Federal da Paraíba
56	Iraci Oliveira Rodrigues	Biblioteconomia História (USP)	Ciência da Informação (USP)	Ciência da Informação (em andamento) (USP)	Rede municipal de ensino da cidade de São Paulo
57	Érica Gomes Rodrigues	N.L	Mestrado em Informação, Comunicação e Saúde (FIOCRUZ)	N.L	Não localizado vínculo institucional
58	Hugo Avelar Cardoso Pires	Biblioteconomia (UFMG)	Mestrando em Ciência da Informação (UFMG)	Ciência da Informação (UFMG)	Instituto Federal do Paraná
59	Edvaldo Carvalho Alves	Ciências Sociais (UFPB)	Ciências Sociais (UFSC)	Ciências Sociais (UFSC)	Universidade Federal da Paraíba
60	Jobson Francisco de Silva Júnior	Biblioteconomia (UFPB)	Ciência da Informação (UFPB)	Ciência da Informação da Universidade (UFRJ)	Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Arte da Universidade Federal de Alagoas
61	Laelson Felipe da Silva	Biblioteconomia Contábeis (UFPB)	Ciência da Informação (UFPB)	Ciência da Informação (em andamento) (UFPB)	Universidade Federal da Paraíba
62	Jayme Leiro Vilan Filho	Processamento de dados (UNB)	Biblioteconomia (UNB)	Ciência da Informação (UNB)	Universidade de Brasília
63	Luiz Fernando Barros Campos	Engenharia elétrica (UFMG)	Ciência da Informação (UFMG)	Não possui doutorado.	Não localizado vínculo institucional
64	Francisco Arrais Nascimento	Administração (UFC)	Ciência da Informação (UFPE)	Ciência da Informação (em andamento) (UNESP)	Universidade Estadual Paulista

Nº	Pesquisador (a)	Graduação	Mestrado	Doutorado	Instituição a que se vincula
65	Francisco Francinete Leite Junior	História (URCA) – Psicologia (Faculdade Leão Sampaio)	Psicologia (UNIFOR)	Psicologia em andamento (UNICAP)	Universidade Estadual do Rio de Janeiro
66	Fabio Assis Pinho	Biblioteconomia (UFSC)	Ciência da Informação (UNESP)	Ciência da Informação (UNESP)	Universidade Federal do Pernambuco
67	Fabício José Nascimento da Silveira	Biblioteconomia (UFMG)	Ciência da Informação (UFMG)	Ciência da Informação (UFMG)	Universidade Federal de Minas Gerais
68	Marco André Feldman Schneider	Comunicação Social (UFRJ)	Comunicação e Cultura (UFRJ)	Ciência e Comunicação (UFRJ)	Universidade Federal do Rio de Janeiro
69	Arthur Coelho Bezerra	Produção Cultural (UFF)	Sociologia (IUPERJ)	Ciências humanas (UFRJ)	IBICT/ Universidade Federal do Rio de Janeiro
70	Thiago Magela Rodrigues Dias	Ciência da computação (UNIFOR)	Modelagem Matemática e Computacional (CEFET-MG)	Modelagem Matemática e Computacional (CEFET-MG)	Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais
71	Carlos Xavier de Azevedo Netto	Arqueologia (Universidade Estácio de Sá)	História e Crítica da arte (UFRJ)	Ciência da Informação (UFRJ)	Universidade Federal da Paraíba
72	José Carlos Sales dos Santos	Biblioteconomia (UFBA)	Ciência da Informação (UFBA)	Ciência da Informação (UFBA)	Universidade Federal da Bahia
73	Cristian Berrío Zapata	Psicologia (Pontifícia Universidade Javeriana da Colômbia)	Administração (Universidade Nacional da Colômbia)	Ciência da Informação (UNESP)	Universidade Federal do Pará
74	Hamilton Vieira de Oliveira	Biblioteconomia (UFPA) História (UFPA)	Ciência da Informação (UNB)	Ciência da Informação (UNB)	Universidade Federal do Pará
75	Marivalde Moacir Francelin	Biblioteconomia (UNESP)	Biblioteconomia Ciência da Informação (PUC)	Doutorado em Ciência da Informação (USP)	USP

Nº	Pesquisador (a)	Graduação	Mestrado	Doutorado	Instituição a que se vincula
76	Alberth Sant'Ana Costa da Silva	Arquivista (POSED)	Mestre em Ciência da Informação UFMG	Ciência da Informação (UFMG)	IFB

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Quanto à graduação, o estudo indicou que os (as) autores (as) são de 14 áreas diferentes⁵, porém a Biblioteconomia se destaca. É representada por 61% do total, ou seja, 45 dos(as) 76 autores (as) dos trabalhos analisados são bibliotecários (as). A Comunicação Social é a graduação com a maior quantidade de autores (as) (12%), seguida da Sociologia (5%). O somatório das demais áreas equivale a 21%. Não foi possível localizar a informação sobre a graduação de uma das autoras.

Esses dados evidenciam a relação da Biblioteconomia com a CI. Gabriela Silva (2019) assevera que a Biblioteconomia e a Arquivologia, por meio dos trabalhos e das ações dos serviços de informação, com destaque para os serviços de referência, alicerçaram o desenvolvimento da Ciência da Informação como um campo do conhecimento, estimulando uma dimensão mais humana e científico-tecnológica para a área.

Em nível de Mestrado, constatamos que a maioria dos (as) autores (as) (42) são mestres (as) em Ciência da Informação, o que representa 57% do total. Sete pesquisadores (as) (9%) são mestres (as) em Biblioteconomia; quatro (5%), em Educação; três, em Comunicação; e três, em Sociologia (4% cada). As demais áreas citadas no quadro 5, somadas, equivalem a 21% do total, portanto, 15 autores (as).

No que tange ao Doutorado, verificamos que, dos(as) 74 pesquisadores (as) responsáveis pelos estudos sobre 'mulher', 'gênero' e 'feminismo' apresentados nos ENANCIBs (1994-2019), 49 são doutores (as). Desses, 29 têm Doutorado em Ciência da Informação, o que representa a maioria, ou seja 39%, e 15 estavam cursando o Doutorado em CI no momento da coleta dos dados deste estudo, que equivale a 20% do total. Vinte autores (as) (27%) cursaram o Doutorado em outras áreas. Constatamos, ainda nesse aspecto, que sete autores (as) não cursaram e/ou

⁵ Biblioteconomia, Comunicação Social, Sociologia, Pedagogia, Arquivologia, Engenharia, Administração, Ciências Biológicas, Letras, História, Arqueologia, Produção Cultural, Ciências Sociais e Psicologia.

não estão cursando esse nível de formação, portanto, 10% deles(as). Em alguns casos (4%), não foi possível localizar essa informação.

No tocante à formação dos (as) autores (as), verificamos que há uma predominância da Biblioteconomia (em nível de Graduação) e da Ciência da Informação (em nível de Mestrado e Doutorado). Porém, há uma diversidade de áreas do conhecimento que compõem a formação dos (as) pesquisadores (as) que produzem sobre mulher, gênero e feminismo nos ENANCIBs. Isso pôde ser observado tanto na graduação, quanto na pós-graduação, em que destacamos, por exemplo, um número significativo de 20 pesquisadores (as) com Doutorado em outras áreas.

Os resultados dessa variável evidenciam a natureza interdisciplinar da Ciência da Informação, que dialoga com outras áreas do conhecimento. Isso ocorre, de acordo com Silva (2014), porque a informação é considerada um objeto multifacetado, que atua no espaço dos diversos campos do conhecimento e em todas as esferas sociais. Esse caráter interdisciplinar da CI, atribuído por Saracevic (1996), possibilita que a área acolha pesquisadores (as) de diversos campos do conhecimento, para que, por meio do olhar informacional, específico da CI, sejam incorporados conceitos e referenciais teóricos oriundos de áreas díspares em um processo de trocas (ARAÚJO, 2014).

Ainda de acordo com Araújo (2014), o processo de troca de conhecimentos é uma dinâmica interdisciplinar da CI. Nesse sentido, concordamos com Silva (2020, p. 28), ao considerar que

o caráter interdisciplinar da CI a torna uma ciência ampla, irrestrita e com a liberdade de transitar por várias áreas do conhecimento visando que seu objeto de estudo fosse produzido, disseminado e de fácil acesso, de modo que, seja capaz de suprir a necessidade informacional dos sujeitos e transformar a sociedade.

A partir do entendimento de Silva, reiteramos a importância da informação como um elemento de mudança de mentalidades, capaz de ressignificar conceitos e ações à medida que as pessoas vão tendo acesso à informação e se apropriando dela. Isso torna a CI um campo do conhecimento fundamental social. Então, esperamos que os (as) cientistas da informação, por meio da produção científica, possam contribuir para visibilizar diversos problemas sociais existentes, como, por exemplo, as demandas informacionais das mulheres. Postula-se que as produções científicas mediadas pelas(os) pesquisadoras(es) sobre mulher, gênero e feminismo

contribuem nesse sentido, pois, quando as produções são publicadas, mediam informações viabilizando as mulheres como produtoras e usuárias da informação e interferem conscientemente em ações informacionais pautadas no protagonismo das mulheres, tanto do ponto de vista acadêmico quanto empírico.

Verificamos o vínculo institucional dos (as) pesquisadores (as) que produziram sobre os temas analisados e constatamos, a partir dos dados exibidos na Figura 6, um vínculo significativo com as Instituições de Ensino Federal.

Ressaltamos que a ordem de apresentação dos dados seguiu a ordem da data de produção sobre mulher, gênero e feminismo pelos (as) autores (as), no decorrer das edições do ENANCIB.

Quadro 6 – Produções científicas por Instituição (1994 a 2019).

Nº	Instituição	Quantidade de trabalhos	Ano em que foram publicados
1	UFRJ	7	1995, 2003, 2005, 2006, 2014, 2018(02)
2	UFMG	11	2000, 2007, 2008, 2010, 2011, 2012, 2014 (02), 2016, 2018 e 2019
3	UNESP	5	2011 (02), 2017, 2019 (02)
4	USP	5	2011, 2012, 2018, 2019 (02)
5	UFPB	11	2012, 2015, 2016 (03), 2017, 2018, 2019 (04)
6	FIOCRUZ	5	2012, 2013, 2015 (02), 2017
7	UNB	4	2013, 2018, 2019(02)
8	IFPB	1	2013
9	IBICT/UFRJ	6	2014, 2015(02), 2016, 2018, 2019
10	UFPE	2	2015 e 2019
11	UFPB/IBICT/UFRJ	1	2016
12	UNESP/IFMS	1	2017
13	CEFET-MG	1	2018
14	EMERJ IBICT-UFRJ/UFMA	1	2018
15	UFMA/IBICT-UFRJ	1	2018
16	UFBA	1	2019
17	UFPA	1	2019

Nº	Instituição	Quantidade de trabalhos	Ano em que foram publicados
18	UDESC	1	2019
19	UFRGS	1	2019
20	UFSC	1	2019

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

O quadro 6 mostra que autores (as) de 19 Instituições diferentes publicaram pesquisas sobre mulher, gênero e feminismo durante as vinte edições do ENANCIB.

Para evidenciar o protagonismo social das mulheres no tocante à produção científica desses trabalhos, é importante destacar cada uma delas e sua atuação durante as edições dos ENANCIBs (1994-2019).

A Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) foi pioneira na inserção dos estudos sobre mulher, gênero e feminismo nos ENANCIBs e produziu e apresentou sete trabalhos sobre os temas no evento.

A primeira pesquisadora a produzir trabalhos sobre os termos analisados e a apresentar no ENANCIB foi **Gilda Olinto**, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no ano de 1995. Em seu trabalho, intitulado 'Gênero, capital cultural e desempenho escolar', a autora aborda a importância e o impacto da cultura adquirida pelas pessoas fora do âmbito escolar - hábitos, concepções e representações para enfrentar as contradições de classe e de gênero. Esse trabalho, em particular, é muito significativo devido à discussão que a autora traz, principalmente porque ela vem escrevendo e articulando a categoria analítica gênero em suas pesquisas, no campo informacional, há 26 anos.

Nesse contexto, reconhecemos o pioneirismo e o protagonismo social e a referência de Gilda Olinto na produção científica sobre gênero na CI. A pesquisadora promove discussões na área sobre a atuação do capital cultural na escola, suas relações com o conceito de classe social e sua aplicação em estudos que focam as questões de gênero.

Os(as) pesquisadores(as) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) iniciaram suas publicações sobre os termos estudados no ano de 1995 e publicaram uma quantidade significativa de trabalhos - sete. No ano de 2014, começaram a publicar trabalhos em coautoria com os(as) pesquisadores(as) da (UFRJ/IBICT). Ao

todo, foram seis trabalhos em coautoria com os(as) pesquisadores(as) da (UFRJ/IBICT).

Os(as) pesquisadores(as) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) iniciaram seus estudos sobre o tema ainda em 2000, com publicações em diversos anos. Foram publicados 11 trabalhos. Sua última publicação foi na XX edição do ENANCIB no ano de 2019.

Os(as) pesquisadores(as) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) iniciaram suas pesquisas em 2012. Publicaram 11 trabalhos. O último, na XX edição do ENANCIB no ano de 2019. Cabe apontar aqui a crescente publicação da UFPB, sendo a única que publica 3 (2016) e 4(2019) trabalhos em um único evento. Este resultado é reflexo das pesquisadoras do PPGCI/UFPB, estudos sobre as temáticas estudadas, nos projetos de extensões bem como nos trabalhos de teses e dissertações Pós-graduação.

Os(as) pesquisadores(as) da Universidade de São Paulo (USP) publicaram o primeiro trabalho em 2011. Foram publicados cinco trabalhos, o último, na XX edição do ENANCIB no ano de 2019.

Os(as) pesquisadores(as) da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) realizaram a primeira publicação no ano de 2012 - foram cinco trabalhos, o último, na XVII edição do ENANCIB no ano de 2017.

Os(as) pesquisadores(as) da Universidade de Brasília (UNB) publicaram o primeiro trabalho sobre os termos no ano de 2013. Ao todo, produziram quatro trabalhos. O último, na XX edição do ENANCIB no ano de 2019.

Nos ENANCIBs de 2017 a 2019, foram apresentados dois trabalhos de pesquisadores(as) vinculados à Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), a qual iniciou as pesquisas sobre os termos em 2015.

As instituições que aparecem com uma pesquisa sobre o tema foram: a Universidade Federal do Maranhão (UFMA), a Universidade Federal Fluminense (UFF), a Universidade Federal da Bahia (UFBA), a Universidade Federal do Pará (UFPA), a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), a Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e a Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG).

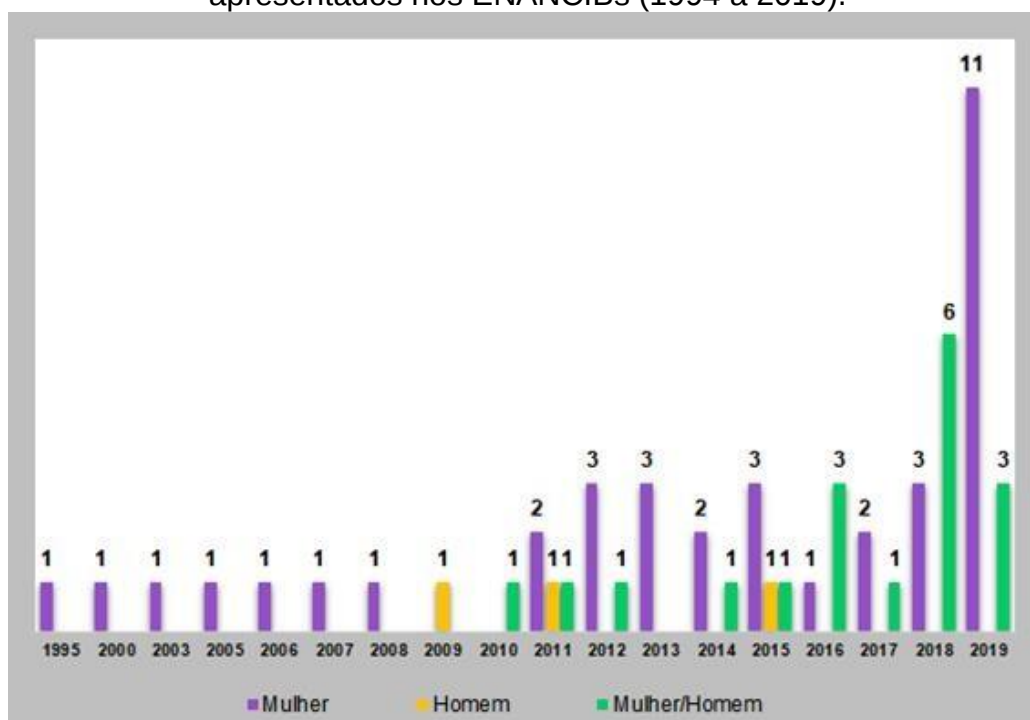
Concordamos com Côrtes, Alves e Silva (2015), ao destacarem a importância de estreitar o diálogo entre autoras(es) de Instituições diferentes na produção

dos(as) trabalhos, pois, por meio da colaboração científica, é possível unir esforços intelectuais e fortalecer a mediação, a circulação e a apropriação da informação no tocante ao protagonismo das mulheres na Ciência.

De acordo com a quadro 6, na década de 2000, as produções científicas sobre os termos pesquisados no ENANCIB foram aumentando significativamente.

No gráfico 5, a seguir, é possível visualizar as produções científicas sobre mulher, gênero e feminismo apresentadas nos ENANCIBs por ano, com distribuição por sexo dos (as) autores (as) e o tipo de autoria (individual ou coautoria).

Gráfico 5 - Quantidade de trabalhos sobre mulher, gênero e feminismo, apresentados nos ENANCIBs (1994 a 2019).



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Os dados do Gráfico 5 mostram que, das vinte edições do evento, dezoito apresentaram trabalhos sobre mulher, gênero e feminismo. Apesar de esse número ser expressivo, comparado com o total de edições, a quantidade de trabalhos produzidos (58) sobre o tema é mínima em relação ao número geral (4.508) de estudos apresentados no evento.

Percebemos que, até o ano de 2010, só se apresentava um trabalho, por edição, no ENANCIB. A partir de 2011, foi que as pesquisas sobre os temas passaram a constar nas discussões dos GTs. Nas duas últimas edições, esse tipo

de pesquisa passou a ter mais representatividade nos GTs, pois foram apresentados nove trabalhos em 2018 e 14 em 2019.

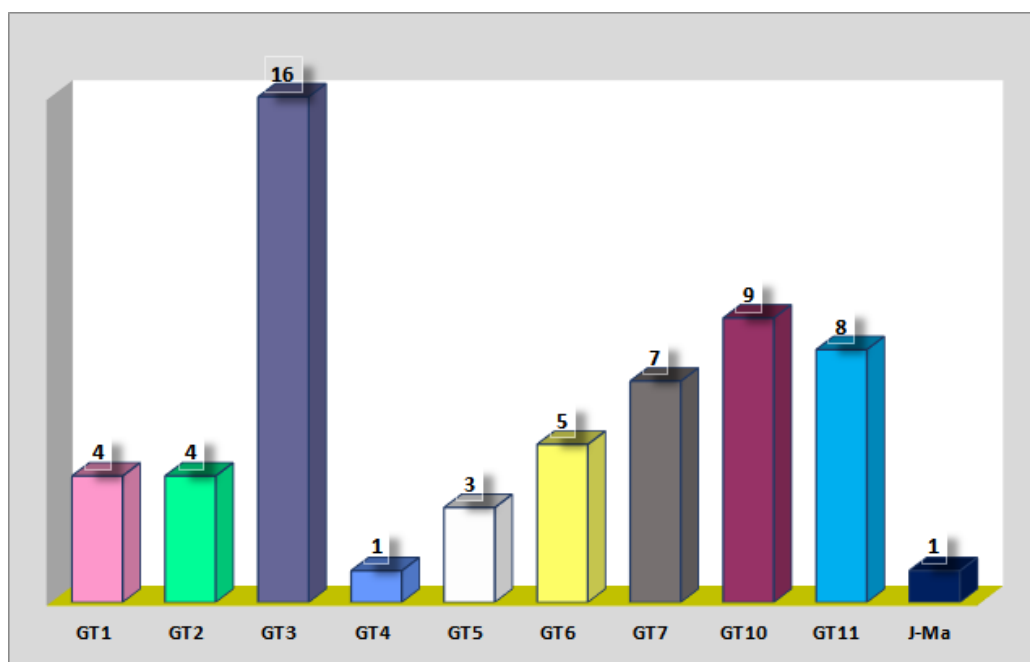
Esperamos que esse número mantenha o índice de crescimento nas próximas edições do ENANCIB e que os (as) pesquisadores (as) abordem, cada vez mais, as questões relacionadas às mulheres, a fim de que a CI se torne um espaço crítico e de dialogia, onde as mulheres se tornem pessoas de voz e tenham visibilidade no campo científico.

Percebemos que a maioria dos estudos que abordam os temas foram produzidos por mulheres, como mostra o Gráfico 8 acima. Apenas três trabalhos foram escritos individualmente por homens, nas vinte edições do ENANCIB, nos anos de 2009, 2011 e 2015, respectivamente. Alguns estudos (18) foram produzidos em coautoria entre mulheres e homens, apresentados de 2010 a 2019, com exceção do ano de 2013.

Ainda que de forma incipiente, notamos que os temas analisados nesta pesquisa tornaram-se objeto de estudo de pesquisadores(as) que se uniram com as pesquisadoras para somar forças e produzir sob diversas perspectivas das realidades sociais e científicas que envolvem a realidade das mulheres. A produção científica de forma colaborativa vai ao encontro do conceito de protagonismo social que busca, através de ações de luta, o viver juntos, o bem comum (GOMES, 2019).

O Gráfico 6 apresenta a distribuição dos trabalhos por GTs durante as vinte edições do ENANCIB.

Gráfico 6 – Produção de trabalhos por GTs (1994 a 2019).



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Nota explicativa: J-Ma foi a forma de distribuição dos trabalhos apresentados na quarta edição do ENANCIB, em 2000.

De acordo com os dados acima, os GTS 3, 10, 11 e 07 foram os que mais apresentaram trabalhos sobre o tema. Assim, somados, os 4 GTs supracitados concentram 42 trabalhos, o que corresponde a 72% do total.

Não é possível afirmar quantos e se trabalhos sobre os temas foram enviados para os respectivos GTs. Porém, com base no quadro, infere-se que alguns GTs parecem aderir mais aos temas desta pesquisa.

Nesse aspecto, destacamos o protagonismo do GT3, porque 27% das pesquisas foram apresentadas nesse grupo. Esse resultado vai ao encontro dos achados de Silva e Côrtes (2020), que, visando apresentar os estudos de gênero na Ciência da Informação e sua contribuição para a inclusão social das mulheres, por meio das produções do GT3, verificaram que, desde sua criação em 2005, esse grupo de estudos contribuiu para aumentar as produções sobre gênero, mulheres e feminismo no maior evento da área da CI.

As autoras evidenciaram o poder da informação na sociedade e acreditam que, por meio da produção científica, é possível contribuir para minimizar os efeitos causados pelas desigualdades sociais existentes e potencializar as resistências. Consideram, ainda, que os estudos de gênero são fundamentais, pois não só impactam diretamente a comunidade científica como também contribuem para a inclusão social das mulheres na sociedade da informação (SILVA; CÔRTEES, 2020).

Corroboramos o pensamento das autoras supracitadas e consideramos fundamental debater sobre esses temas em todos os GTs. É necessário inserir esses discursos para visibilizar as mulheres como produtoras da Ciência, e não, apenas, como meras consumidoras. Além disso, consideramos importante criar um GT específico para pesquisas sobre gênero, raça/etnia e sexualidade, a fim de fortalecer o assunto no campo informacional e no ENANCIB. Consideramos essa discussão importante porque os marcadores sociais de gênero, raça/etnia, sexualidade e identidade de gênero estruturam a sociedade e devem ser contempladas em todos os GTs.

Com o objetivo de saber como o marcador social raça/etnia é refletido nas produções científicas apresentadas nos GTs dos ENANCIBs, recorreremos ao estudo de Felipe Alves (2021), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), cuja pesquisa de Mestrado analisou a relação entre a mediação da informação e o protagonismo social negro, por meio das produções científicas acerca da população negra publicadas nos anais do Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB).

Ao mapear as produções e os (as) pesquisadores(as) que têm produzido sobre a população negra no âmbito do evento, a pesquisa de Alves (2021) aponta que, durante as vinte edições do evento, ou seja, de 1994 a 2019, apenas 40 trabalhos foram apresentados sobre o tema nos GTs do ENANCIB. Em um universo de 4.508 trabalhos, esse resultado equivale apenas a 1%, o que significa que as produções científicas acerca da comunidade negra ainda são incipientes e demonstra pistas de uma prática epistemicida no contexto do ENANCIB, segundo o autor. De acordo com a pesquisadora Sueli Carneiro (2005, p. 33) “o epistemicídio tem se constituído no instrumento operacional para a consolidação das hierarquias raciais por ele produzidas, para as quais a educação tem dado contribuição inestimável.”

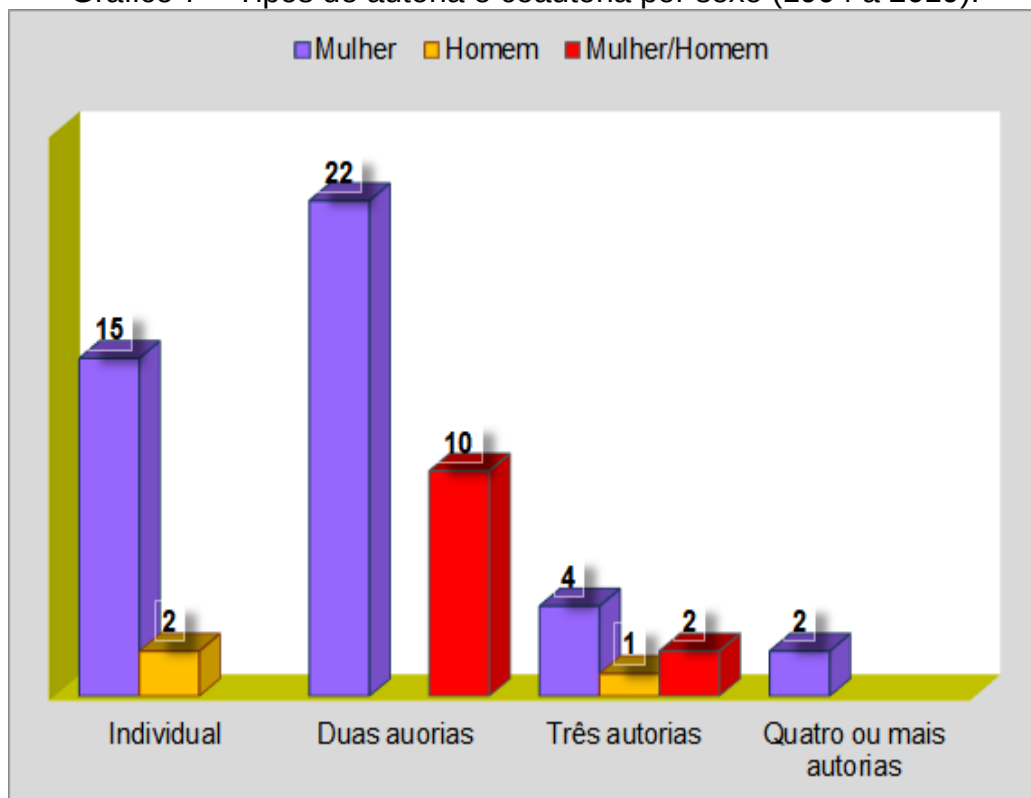
Os dados encontrados no estudo de Alves (2021) sobre a produção científica relacionada aos(as) negros(as) coincidem com os resultados deste estudo, uma vez que o campo é o mesmo, e os estudos sobre mulheres, gênero e feminismo também representaram 1% do total. Então, assim como nos achados de Alves (2021), os GTs do ENANCIB refletem as contradições sociais, políticas e culturais da sociedade, e os marcadores sociais da diferença como gênero, raça/etnia, classe social, entre outros, podem ser visualizados, por exemplo, no campo científico. Fica

este questionamento para outras pesquisas: Como estão as produções sobre racismo e sexismo no ENANCIB?

Dando continuidade a este estudo, verificamos os tipos de autoria dos 58 trabalhos analisados e constatamos que, dentre eles, treze foram produzidos individualmente, o que corresponde a 22% do total. Os trabalhos escritos em coautoria totalizam 45 (78%) das pesquisas apresentadas sobre mulher, gênero e feminismo nos ENANCIBs.

No Gráfico 7 abaixo apresentamos os tipos de autoria dos trabalhos que foram realizados pelos autores(as) de forma individual ou em coautoria.

Gráfico 7 – Tipos de autoria e coautoria por sexo (1994 a 2019).



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Conforme o gráfico acima, dos 17 trabalhos que foram realizados em autoria individual, 15 (25%) foram escritos por mulheres, e dois (3,4%), por homens. Sobre os trabalhos realizados por duas autorias, constatamos que 22 pesquisadoras escreveram em parceria com outras mulheres (o que corresponde a 37% dos trabalhos), enquanto 10 (17%) trabalhos foram produzidos por mulheres e homens.

Nos trabalhos realizados por três pesquisadores (as), verificamos que quatro pesquisas eram de mulheres, em parceria com outras; dois, escritos por homens, em

parceria com mulheres; e apenas um foi feito em parceria com homens. Ainda de acordo com os dados expostos no Gráfico 7, 43 trabalhos foram escritos exclusivamente por pesquisadoras, distribuídos em autorias individuais e coautorias, o que corresponde a 74% do total; 12 (21%) foram feitos em coautoria entre mulheres e homens, e apenas três (5%) foram produzidos por homens. Notamos que as mulheres estavam em 95% das pesquisas sobre mulheres, gênero e feminismo apresentadas nas vinte edições do ENANCIB. Isso indica que a produção científica sobre os temas são, quase que exclusivamente, de responsabilidade das mulheres. No entanto, é importante destacar a atuação dos homens nessa produção, pois, apesar de ser de forma muito incipiente, os autores que se debruçaram sobre o assunto são fundamentais para mostrar que esses estudos podem/devem ser discutidos pelos pesquisadores da área. Há uma necessidade de desmistificar a cultura de que as questões de gênero só interessam às mulheres, principalmente no âmbito de uma área cujo objeto - a informação - é um elemento fundamental para mudar mentalidades.

Diante do exposto, destacamos os três trabalhos que foram escritos de autoria exclusiva por homens, o primeiro trabalho apresentado no ENANCIB no ano de 2011 – ‘As prostitutas e os anjos: os códigos informacionais utilizados na teatralização do corpo feminino na Playboy’. O segundo estudo apresentado no ano de 2013, ENANCIB. Em seu trabalho, intitulado ‘Periódicos científicos na área de informação no Brasil: produção de artigos em colaboração e o gênero dos autores’. O terceiro estudo em 2015, o estudo intitulado ‘Tipologias e Classificações: um estudo sobre as temáticas de gênero e sexualidade no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtorno Mentais (DSM)’.

Consideramos importante o diálogo entre os pares da CI, para que os temas analisados nesta pesquisa sejam objeto de estudos de pesquisadores (as) dos 11 GTs, e que, por meio de uma mediação consciente da informação, novas pesquisas sejam instigadas. Consideramos que os ENANCIBs constituem um espaço crítico de dialogia que possibilita o diálogo entre pesquisadores(as), contribuindo para que os (as) mesmos(as) se apropriem das informações advindas dos estudos sobre mulheres, gênero e feminismo e (re) signifiquem a forma de pensar e agir no tocante à inserção desses temas no âmbito do evento.

Na figura 7, abaixo, destacamos as 15 autoras que têm publicado pesquisas recorrentes sobre os termos mulheres, gênero e feminismo nos ENANCIBs. A

apresentação das pesquisadoras está vinculada ao ano em que publicaram, e a ordem em que são apresentadas está de acordo com quem mais publicou sobre os termos elencados na presente pesquisa nas edições do ENANCIB.

Quadro 7 – As autoras com produções recorrentes sobre mulher, gênero e feminismo no ENANCIB (1994 –2019)

Autoras	Individual	Cautoria	Ano da publicação e quantidade	Total de artigos publicados	Total em %
Gisele Rocha Côrtes (UFPB)	00	08	2015, 2016 (02), 2017, 2018, 2019 (03)	08	14%
Gilda Olinto (ECO/UFRJ) (IBICT/UFRJ)	03	02	1995, 2003, 2006, 2014, 2015	05	9%
Lígia Maria Moreira Dumont (UFMG)	01	03	2000, 2007, 2014, 2016	04	7%
Patrícia Espírito Santo (UFMG)	03	01	2007, 2008, 2012, 2014	04	7%
Leyde Klebia Rodrigues da Silva (UFPB) (IBICT/UFRJ)	00	04	2012, 2015, 2016	04	7%
Jeorgina Gentil Rodrigues (FIOCRUZ)	01	02	2012, 2013, 2015	03	5%
Izabel França de Lima (UFPB)	00	03	2015, 2016, 2019	03	5%
Carla Maria Martelotte Viola EMERJ-IBICT/UFRJ	01	02	2018 (02), 2019	03	5%
Kaliandra de Oliveira Andrade (UFPB)	00	03	2015,2016, 2019	03	5%
Eliane Braga de Oliveira (UNB)	00	02	2018, 2019	02	3%
Giulia Crippa ECA-USP	02	00	2011,2012	02	3%
Maria Cristina Soares Guimarães (FIOCRUZ)	00	02	2012, 2015	02	3%
Mirian de Albuquerque Aquino (UFPB)	00	02	2016 (02)	02	3%

Autoras	Individual	Cautoria	Ano da publicação e quantidade	Total de artigos publicados	Total em %
Nair Yumiko Kobashi (USP)	00	02	2018, 2019	02	3%
Silvana Maria de Jesus Vetter (IBICT/UFRJ) (UFMA)	00	02	2018, 2019	02	3%

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Os dados expostos no quadro 7 demonstram que a pesquisadora **Gisele Rocha Côrtes**, da Universidade Federal da Paraíba, é uma das que se destaca no rol de produções científicas sobre mulheres, gênero e feminismo apresentadas nos ENANCIBs. Em conjunto com outros (as) pesquisadores (as) da área, vem delineando estudos atinentes às questões de gênero. Gisele Côrtes é autora de oito trabalhos, distribuídos em cinco edições do evento. O primeiro artigo apresentado no ENANCIB, foi no ano de 2015, seguido de dois estudos em 2016, um em 2017, um em 2018 e três na última edição do evento, em 2019. Ela é Graduada em Pedagogia (1996) e Ciências Sociais (1998) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Possui Mestrado em Sociologia (2002) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, ela é doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho desde 2008. Atualmente é professora Associada II da Universidade Federal da Paraíba, e seus estudos se destacam por terem como principais abordagens: relações de gênero em interface com a mediação da informação, à violência contra mulheres e LGBTQIA+, protagonismo social da população negra. Destaca-se que Gisele Rocha Côrtes não apresentou trabalho com autoria individual no ENANCIB, as oito publicações foram desenvolvidas sempre em coautoria com orientandos(as) e demais pesquisadores(as), a autora é responsável por iniciar as pesquisas articulando a mediação da informação e violência contra as mulheres no GT3. Os GTs em que a pesquisadora tem publicado foram: GT2 (01), GT3 (3) GT4(01), GT10 (02).

Gilda Olinto, da Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ, foi a primeira autora a desenvolver pesquisas sobre mulher, desempenho escolar, mulher e ciência, já no ano de 1995 seguindo em 2003, 2006, 2014 e 2015. A pesquisadora Possui graduação em Sociologia e Política pela Pontifícia Universidade Católica do

Rio de Janeiro(1968), mestrado em Ciência Política pela *University of Michigan, Estados Unidos*(1978) é doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1994), professora do corpo docente permanente do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e pioneira na produção sobre mulheres durante 19 edições do ENANCIB, com cinco trabalhos publicados – três, individualmente, e dois, em coautoria.

Gilda Olinto contribuiu consideravelmente para inserir estudos sobre mulheres e abriu novos horizontes para que outros (as) pesquisadores (as) encontrassem na Ciência da Informação, como um campo científico tão vasto, um espaço para discutir e protagonizar conscientemente conteúdos informacionais sobre questões necessárias e pertinentes. Dentre as principais temáticas abordadas pela autora, destacam-se: gênero e cultura; mulheres e liderança; indicadores de gênero; gênero e ciência. Os GTs em que a pesquisadora tem publicado são foram: GT3 (1) GT6 (3), GT7 (2).

Na sequência apresentamos a pesquisadora **Lígia Maria Moreira Dumont**, da UFMG, que apresentou quatro trabalhos, distribuídos nos anos de 2000, 2007, 2014 e 2016 – um, produzido individualmente, e três, em coautoria. Graduada e mestra em biblioteconomia pela UFMG (1971) e Letras em (1975), mestra em biblioteconomia pela UFMG em (1988), a pesquisadora é doutora em Ciência da Informação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, desde 1998, e, atualmente, é professora titular da Universidade Federal de Minas Gerais. Os trabalhos produzidos pela pesquisadora versam sobre: imaginário feminino e romance; mulheres e busca pela informação, relações de gênero na Biblioteconomia.

Há mais de vinte anos, a autora deu início às discussões que versam sobre os termos, sob a perspectiva da busca e da necessidade de informação do interesse do público feminino, a busca de informação pelas mulheres; relações de gênero; e a profissão de bibliotecário (a) Sua última publicação sobre o tema, no ENANCIB, foi no ano de 2016. Os GTs em que a pesquisadora tem publicado foram: GT3 (1), GT6 (2) e GT11 (01).

Patrícia Espírito Santo, também da UFMG, produziu quatro trabalhos e os apresentou, respectivamente, nos anos de 2007, 2008, 2012 e 2014. Três foram escritos individualmente, e um, em coautoria. A pesquisadora é graduada em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (1987), e especialista em Educação Sexual (1998), pela Fundação Faculdade de Medicina do

ABC. Seus estudos são voltados para a busca da informação e mulheres; estudos de gênero e Ciência da Informação. Os GTs em que a pesquisadora tem publicado foram: GT1 (1), e GT3 (3).

Leyde Klebia Rodrigues da Silva (UFPB/IBICT/UFRJ), possui graduação em biblioteconomia pela UFPB (2010), mestrado em ciência da informação pela UFPB (2014) Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2020), Leyde Klebia é, atualmente, professora assistente da Universidade Federal da Bahia. Seus estudos abordaram sobre informação étnico-racial e mulheres negras; mediação da informação e violência doméstica. Os GTs em que a pesquisadora tem publicado foram: GT3 (3) e GT10 (1).

Destacamos as pesquisadoras da CI que publicaram três trabalhos sobre os temas analisados durante as vinte edições do ENANCIB. **Jeorgina Gentil Rodrigues**, da FIOCRUZ, também faz parte das mulheres que produziram sobre mulheres, gênero e feminismo nos ENANCIBs. A pesquisadora é Graduada em Biblioteconomia e Documentação pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (1982), mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, convênio IBICT (1996), é doutora em Informação e Comunicação em Saúde pelo Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde pela Fundação Oswaldo Cruz (2014) e presidente da Associação de Profissionais de Informação e Documentação em Ciências da Saúde. Os temas trabalhados em seus estudos foram: gênero e ciência; mulheres e ciência. O GT em que a pesquisadora publicou foi o GT11 (3).

Izabel França de Lima, da UFPB, é graduada em Biblioteconomia (1989) e em Administração (1999) ambas pela Universidade Federal da Paraíba, mestra em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (2007), doutora em Ciências da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais (2012), professora adjunta IV da mesma instituição e coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. Os conteúdos abordados nos trabalhos que apresentou nos ENANCIBs foram: memória de mulheres e violência doméstica. Os GT em que a pesquisadora publicou foi o GT10 (3).

Carla Maria Martellote Viola (EMERJ-IBICT/UFRJ) também é uma das autoras dos trabalhos analisados neste estudo. A pesquisadora é graduada em Comunicação Social/Propaganda e Publicidade (FACHA/1985) e em Direito (Universidade Santa Úrsula/1997). Mestra em Ciência da Informação

(PPGCI/IBICT/UFRJ/2018) e com Doutorado em andamento em Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Brasil. Os conteúdos que abordou em suas pesquisas foram: regime de informação, direitos e saúde das mulheres; regime de informação e saúde da mulher; memória e feminismo. Os GTs em que a pesquisadora tem publicado foram: GT5 (1) e o GT11(2).

Kaliandra de Oliveira Andrade, da UFPB, Possui Bacharelado nos cursos de Serviço Social, pela Universidade Federal da Paraíba (2010) e Engenharia Florestal pela Universidade Federal de Campina Grande (2003). É mestra em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba (2016) com Doutorado em andamento em Ciência da Informação (Conceito CAPES 4). Universidade Federal da Paraíba. Atua como gerente operacional de enfrentamento à violência da Secretaria de Estado da Mulher e da Diversidade Humana da Paraíba. Seus trabalhos apresentados nos ENANCIBs contemplaram a rede de informação e violência contra mulheres; informação e violência doméstica. Os GTs em que a pesquisadora tem publicado foram: GT4 (1) e o GT10 (2).

Evidenciamos, ainda, o protagonismo social das pesquisadoras que apresentaram dois trabalhos sobre mulheres, gênero e feminismo nas vinte edições do evento. Uma delas é **Eliane Braga de Oliveira**, da UNB, possui graduação em Sociologia pela Universidade de Brasília (1981), mestrado em Biblioteconomia e Documentação pela Universidade de Brasília (1997) e doutora em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília (2010) e professora adjunta da Universidade de Brasília. As pesquisas apresentadas por ela nos ENANCIBs tratavam sobre os direitos das mulheres e memória; mulher e gênero e produção científica. Os GTs em que a pesquisadora tem publicado foram: GT1 (1) e o GT11(1).

Giulia Crippa, da ECA-USP, também se encontra no rol de pesquisadoras sobre os temas analisados neste estudo. Possui graduação em Bacharel em *Lettere Moderne - Università degli Studi di Bologna* (1993), Doutora em História Social - Universidade de São Paulo (1999) e professora associada do Departamento de Bens Culturais da Universidade de Bolonha (1999), na Itália. Os conteúdos abordados em suas pesquisas foram: mediação da informação e relações de gênero e narrativas de gênero. O GT em que a pesquisadora tem publicou foi o GT3 (2).

Maria Cristina Soares Guimarães, da FIOCRUZ, também se destaca na produção científica sobre mulheres, gênero e feminismo no âmbito do ENANCIB. É graduada em Engenharia Química pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1982), mestra em Ciência da Informação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1992) doutora em Ciência da Informação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1998) e pesquisadora da Fundação Oswaldo Cruz. Os conteúdos abordados em suas pesquisas foram: gênero, gestão da informação e ciência. O GT em que a pesquisadora publicou foi o GT11(2).

A pesquisadora **Mirian de Albuquerque Aquino**, da UFPB, foi responsável por trabalhos apresentados em algumas edições do ENANCIB. Ela é Graduada em Licenciatura em Letras Vernáculas pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (1979), Mestra em Biblioteconomia pela Universidade Federal da Paraíba (1994) doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (1998), atualmente, é associada IV da Universidade Federal da Paraíba. Os estudos apresentados por esta pesquisadora ela no evento abordaram sobre informação étnico-racial e mulheres negras. Mirian de Albuquerque Aquino, é uma grande protagonista e pesquisadora predecessora nas questões relacionadas a questões étnicos raciais no ENANCIB, discutir também questões relacionadas as mulheres negras e gênero, seu protagonismo resultou em muitas pesquisas na área, deixando seu rastro científico na realização de diversos feitos científicos sendo hoje uma grande referência para os (as) pesquisadores atuais. Os GTs em que a pesquisadora tem publicado foram: GT3 (1) e o GT10(1).

Nair Yumiko Kobashi pesquisadora da (USP), é bacharel em Biblioteconomia pela Universidade de São Paulo (1978) e bacharel em Jornalismo pela Universidade de São Paulo (1980) mestra em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (1988). Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (1994). Atualmente é professora livre-docente da Universidade de São Paulo. Desenvolve atividades de ensino e pesquisa na área de Ciência da Informação, com ênfase em Organização, representação e recuperação da Informação. Os conteúdos abordados pela autora foram: estudos sobre mulheres e informação; unidades de informação e mulheres. Os GTs em que a pesquisadora tem publicado foram: GT1 (1) e o GT10 (1).

Por fim, destacamos a pesquisadora **Silvana Maria de Jesus Vetter** da (UFMA), que também se destaca por trabalhos realizados. É Graduada em

Biblioteconomia, pela Universidade Federal do Maranhão (2002), Mestra em Educação, pela Universidade Federal do Maranhão (2006), doutora em Ciência da Informação, pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT)/Universidade Federal do Rio de Janeiro (2018) e professora livre-docente da Universidade de São Paulo. Os conteúdos pesquisados por essa autora foram: regime de informação e mulheres; violência obstétrica e direito das mulheres. O GT em que a pesquisadora publicou foi o GT11(2).

Os dados expostos na Figura 7 mostram o protagonismo social dessas 15 mulheres que, durante as vinte edições do ENANCIB, produziram ciência e apresentaram, no maior evento da área, estudos sobre mulheres, gênero e feminismos em diferentes perspectivas. Essas pesquisadoras participaram da produção de 48 trabalhos, o que representa 71% do total de 58 produzidos por mulheres, restando apenas 10 estudos, ou seja, 29%, em que, pelo menos uma delas não aparece. Isso mostra que há um contínuo interesse dessas pesquisadoras pelos termos pesquisados.

Apesar de não termos evidenciado na Figura 7 as pesquisadoras responsáveis por apenas um trabalho, ou seja, as que produziram os dez estudos citados anteriormente, ressaltamos suas contribuições para o aumento dos estudos sobre mulheres, gênero e feminismo na CI. Além disso, reconhecemos o protagonismo social das mulheres que produzem sobre esses temas, por levarem para o maior evento da área suas inquietações, através da produção científica, que geram debates nos GTs e possibilitam o exercício da crítica entre os pares.

Por meio da mediação consciente da informação, ao apresentar seus estudos, as mulheres podem (re) significar conceitos e pensamentos estabelecidos à medida que as pessoas se apropriam das informações mediadas. Além disso, esses estudos visibilizam a atividade científica das mulheres.

Reconhecemos, com base em Gomes (2016; 2017; 2018; 2019), que os trabalhos apresentados alcançam as dimensões conscientes da informação, a dimensão dialógica por meio do diálogo, da comunicação da informação, com a informação o sujeito é formado alcançando a dimensão formativa, na dimensão estética e ética o sujeito tem a oportunidade de ordenar sua percepção do conhecimento adquirido e formar novos conhecimentos, os sujeitos atinge a dimensão política da mediação da informação.

Ainda são poucos os estudos sobre os termos analisados nesta pesquisa, tendo em vista que só representam 1% do total de trabalhos apresentados no maior evento da área. E como a CI é considerada uma ciência social, deve ampliar o escopo de estudos sobre mulheres, gênero e feminismo, já que seu objeto de estudo é amplo e um poderoso elemento para a inclusão social e a mudança de mentalidades e de esquemas hegemônicos de gênero, os quais historicamente buscaram invisibilizar as mulheres como produtoras de conhecimento.

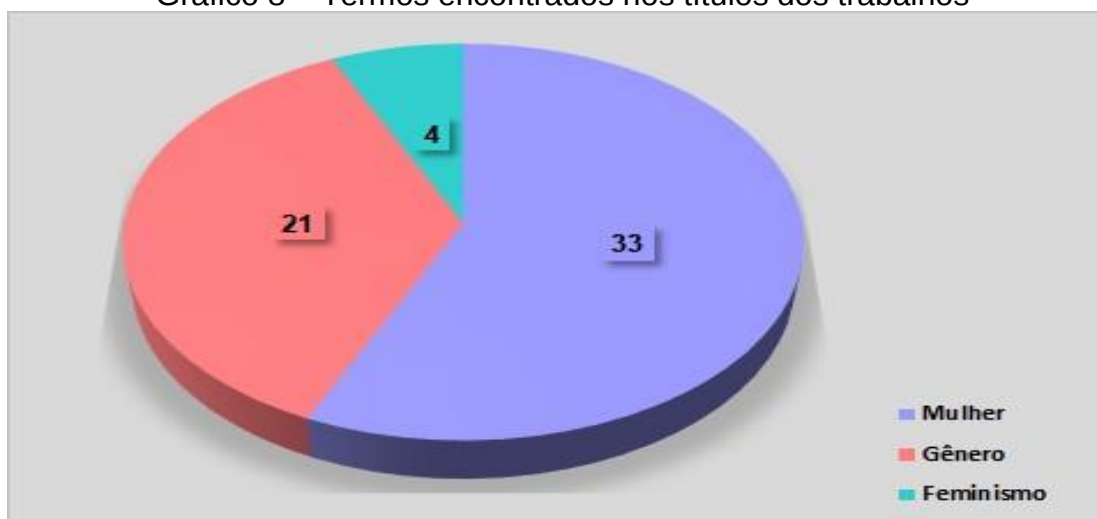
O trabalho reprodutivo específico das mulheres, o trabalho feito com emoção, o trabalho "mediador", desaparecia, então, no interior do esquema conceitual da teoria marxista, tornando-as invisíveis como classe ou grupo social agente do conhecimento (ARDING, 1993, p. 17).

Neste sentido, o trabalho e as produções sociais, culturais e científicas das mulheres, foram por muitos anos escondidas e apagadas com um prejuízo histórico, social e científico incalculável para a vida das mulheres.

É importante ressaltar que esse número mínimo de estudos é relacionado aos trabalhos apresentados nos ENANCIBs, porém isso não quer dizer que os (as) pesquisadores (as) da CI não estão produzindo sobre os temas, uma vez que podem estar publicando suas pesquisas em outros canais de informação, como as revistas científicas, produzindo e orientando dissertações e teses sobre a temática, por exemplo. Então, é necessário realizar estudos desse tipo em outros canais para mapear, de forma mais intensa, esse tipo de produção na área.

Para visualizar melhor o uso dos termos mulheres, gênero e feminismo nos trabalhos produzidos e apresentados pelos (as) pesquisadores (as) nos ENANCIBs (1994-2019), expusemos, no Gráfico 8, os termos encontrados nos títulos dos trabalhos.

Gráfico 8 – Termos encontrados nos títulos dos trabalhos



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

No Gráfico 8, nota-se que o termo mulheres teve maior representatividade nos títulos dos trabalhos (58) analisados neste estudo, porque foi encontrado 33 vezes, o que corresponde a 57%, seguido do termo gênero, que apareceu 21 vezes nos estudos, representando 36% do total. Com um número bem inferior aos demais, encontra-se o termo feminismo, que só foi empregado quatro vezes pelos (as) pesquisadores (as) da CI em suas pesquisas e corresponde a 4% do uso total dos termos analisados nesta pesquisa.

As pesquisas apresentadas nos ENANCIBs não estão abordando em seus títulos dos trabalhos apresentados, o feminismo e os movimentos feministas em suas pesquisas, ou se estão, os movimentos feministas não estão sendo representados nos títulos das pesquisas, o que é preciso evidenciar, porque os movimentos feministas foram e são protagonistas na luta por direitos e conquista de espaços pelas/para as mulheres, assim como pela inserção e pelo fortalecimento do conceito de gênero na Academia, a partir da atuação das teóricas feministas. De acordo com a autora “O feminismo pode ser considerado um movimento social, um campo de produção de conhecimento fortemente teorizado e disputado e mesmo uma visão emancipada de mundo” (FLEURY, 2015, p.150).

Visando atender ao terceiro objetivo deste estudo - conhecer os conteúdos informacionais mediados conscientemente pelas pesquisadoras e como eles contribuem para o protagonismo social – criamos uma nuvem de palavras, exposta a seguir na Figura 8. Para isso, utilizamos as palavras-chave dos 58 trabalhos recuperados nesta pesquisa.

os sexos (SCOOT, 1995). Portanto, entende-se que o estudo de gênero não é, necessariamente, sobre 'mulher'. De acordo com a autora Joan Scoot, "[...] o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos, o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder". (SCOOT, 1995, p. 86). Estudar as mulheres implica em estudar os homens, uma vez que o termo gênero não diz respeito ao sexo biológico, de acordo com a autora (SCOOT, 1990, p. 7). o gênero é usado para definir as "relações sociais dos entre os sexos [...] É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. O gênero é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado". Portanto, nem todo estudo sobre gênero é, necessariamente, sobre as mulheres.

Quanto ao termo 'feminismo', foi pouco utilizado pelos(as) pesquisadores(as) nos trabalhos aprovados no ENANCIB. Isso se justifica porque há uma resistência a se usar o termo, em relação aos outros dois termos.

Como se observa na nuvem de palavras, os(as) pesquisadores (as) têm realizado pesquisas com os termos estudados com vários tipos de abordagem na área da Ciência da Informação.

Os dados representados acima indicam a informação é um elemento muito importante para estudar as questões que envolvem as desigualdades de gênero na área. Corroboramos com as enunciações de Gomes (2019, p. 14) de que a informação no seu processo dialógico "[...] sustenta e subsidia a geração do conhecimento, por potencializar a capacidade humana de interpelar, de interferir, de criar e recriar o próprio conhecimento anteriormente instituído e o próprio mundo".

Ao discorrer sobre mulher, gênero e feminismo no ENANCIB, os(as) pesquisadores(as) estão sendo mediadores(as) conscientes da informação por meio de suas pesquisas publicadas, discutindo sobre questões tão pertinentes quanto as desigualdades de gênero na sociedade.

Para Gomes e Côrtes (2020, p. 133), "A mediação consciente da informação é aquela que se dá por meio do alcance articulado de suas dimensões dialógica, estética, formativa, ética e política."

Os(as) pesquisadores(as) que têm protagonizado socialmente os estudos sobre 'mulheres, gênero e feminismo' no ENANCIB, o maior evento da Ciência da Informação Brasileira, são protagonistas sociais, porque discutem sobre questões

muito necessárias sob o ponto de vista político, social e científico. Entendemos o protagonismo social como o ato de enfrentar os sistemas existentes na luta pelos direitos sociais. Nesse caso, os direitos sociais das mulheres (GOMES; CÔRTEZ; 2020).

Quando um(a) pesquisador(a) produz sobre mulher, gênero e feminismo, está contribuindo, por meio dos conteúdos informacionais, para fortalecer as lutas e o enfrentamento às desigualdades com que as mulheres brasileiras se deparam cotidianamente.

Quando essa discussão é realizada pelos(as) pesquisadores(as) da Ciência da Informação, através do ENANCIB, utilizando a informação como elemento de luta, combate e resistência ao sistema patriarcal em que vivemos no Brasil, entendemos que, efetivamente, esses(as) profissionais estão mediando informações com vistas ao protagonismo social das mulheres.

Gomes (2019, p. 19) refere que o(a) profissional da Informação, como mediador(a) da informação,

[...] ocupa, tanto no fazer profissional, no âmbito microssocial, quanto no cumprimento da responsabilidade social do seu campo do conhecimento, um âmbito macrossocial. Essa consciência alcançada e assumida colocará o profissional e a área da informação diante de um caminho socialmente promissor e responsável (GOMES, 2019, p. 19).

Desse modo, configura-se também responsabilidade dos(as) profissionais da Ciência da Informação, mediar conscientemente, por meio de seus(as) pesquisas, se utilizando da informação como elemento fundamental de enfrentamento e combate às lutas de resistência das mulheres, por meio da produção, do acesso, do uso, da organização, da apropriação e da disseminação de informações relacionadas aos temas (GOMES; CÔRTEZ, 2020).

Assim, tendo em vista as questões apresentadas nos objetivos desta pesquisa e de acordo com os dados apresentados acima, entendemos que é de fundamental importância conhecer os conteúdos que estão sendo publicados no ENANCIB. Nesse sentido, compreendemos que os conteúdos mediados pelos(as) pesquisadores(as) da Ciência da Informação no ENANCIB sobre mulher, gênero e feminismo merecem destaque. Primeiro, porque poucos(as) pesquisadores(as) da área estão discutindo sobre uma temática tão necessária em nossos dias. Segundo, porque a maioria desses conteúdos é mediada por pesquisadoras, porque apenas três trabalhos foram publicados exclusivamente por homens, o que nos leva a

compreender que as mulheres é que estão pesquisando e discutindo sobre mulheres.

É importante frisar que os termos informacionais que foram mediados conscientemente pelos(as) pesquisadores(as) no ENANCIB contribuem para o protagonismo social das mulheres, discutido em diferentes campos.

Alguns dos termos mais pesquisados pelas pesquisadoras foram as desigualdades das mulheres na Ciência, a produção científica das mulheres, as relações e as desigualdades de gênero, os relatos e as denúncias de violência contra mulheres e violência doméstica, a violência cometida contra as mulheres negras e a exclusão das mulheres negras da Ciência.

Entre os conteúdos mediados, entendemos que houve um protagonismo social, por meio da mediação consciente da informação, pesquisada e produzida pelos(as) pesquisadores(as), tendo em vista que havia uma intenção de estudar as pessoas e um comprometimento social com a comunidade estudada.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A CI, como uma Ciência Social Aplicada, no campo social, tem discutido sobre as múltiplas questões relacionadas às desigualdades sociais, como as étnico-raciais, mulheres, relações de gênero, dentre outras, protagonizando, por meio do campo informacional, questões pertinentes à sociedade atual.

Esta pesquisa buscou compreender como a CI tem trabalhado os aspectos relacionados à mulher, ao gênero e ao feminismo, por meio das pesquisas publicadas no ENANCIB, e visibilizar o protagonismo social das mulheres na produção científica desse evento. Apesar de os estudos ainda serem tímidos, nota-se um crescimento na última década.

Em resposta ao objetivo geral desta pesquisa, fizemos uma busca nos anais do ENANCIB, do ano de 1994 até o de 2019, e localizamos 58 trabalhos em que os(as) pesquisadores(as) abordam diversas questões sobre ‘mulher, gênero e feminismo’, em diferentes campos, que envolvem as necessidades informacionais das mulheres, a violência doméstica, a violência contra as mulheres negras, o combate à transfobia, a representação da informação, o protagonismo social das mulheres, a mediação da informação no enfrentamento à violência contra mulheres e as desigualdades de gênero na ciência. Porém não encontramos produções ou trabalhos acerca do feminismo como um termo a ser recuperado.

Em relação ao mapeamento das pesquisadoras e aos trabalhos produzidos sobre o tema ‘mulher’, ‘gênero’ e ‘feminismo’ nos anais do ENANCIB, esta pesquisa mostrou que o protagonismo social das mulheres pesquisadoras sobre os termos pesquisados existe. Isso se justifica porque, dos(as) 74 autores(as) que escreveram sobre os termos, 57 são mulheres. Esses resultados são bastante significativos, porque, embora muitas pesquisadoras estejam preocupadas com as questões relacionadas às mulheres, ainda são muito poucas, em relação à quantidade de trabalhos, as que discutem sobre a temática. Verifica-se também que o termo ‘feminismo’ ainda é pouco estudado nas pesquisas.

No que diz respeito ao objetivo de traçar um panorama da vinculação institucional das pesquisadoras, da área de formação, da titulação, dos grupos de trabalho em que as pesquisas foram publicadas e dos tipos de autoria (individual ou coautoria), entendemos que foi respondido, porque conseguimos identificar o vínculo

institucional de cada pesquisador(a), bem como a titulação, o grau de titulação, os grupos de trabalhos em que publicaram, o da edição do evento e o tipo de autoria.

Quanto aos conteúdos informacionais mediados conscientemente pelas pesquisadoras e como contribuem para o protagonismo social, entendemos como satisfatórios, visto que os termos pesquisados localizados foram diversos, o que também nos deu um panorama geral das principais tendências de pesquisas realizadas pelos(as) pesquisadores(as), constatou-se a necessidade de aprofundar tais conteúdos em futuras pesquisas.

Os termos localizados nos títulos e nas palavras-chave foram representados em gráficos e na nuvem de palavras. Assim, dos 58 trabalhos que abordam os termos, poucos(as) se debruçaram sobre os estudos. Embora sejam poucos(as), consideramos de fundamental importância os estudos desenvolvidos por esses(as) profissionais que são protagonistas conscientes da importância de suas pesquisas e da necessidade de discutir e de denunciar as desigualdades de gênero.

É importante ressaltar que este trabalho teve como cerne os estudos realizados sobre os termos 'mulher, gênero e feminismo' e um olhar sobre as pesquisadoras que realizaram pesquisas recorrentes sobre eles. Como protagonistas sociais conscientes, essas pesquisadoras demonstraram, em seus trabalhos, que são convictas da importância desses temas para que, por meio da informação, outras mulheres tenham acesso às informações, possam usá-las e se apropriar delas e formar um senso crítico a respeito das desigualdades de gênero. Pesquisadores também realizaram pesquisas sobre os termos, de forma individual e em coautoria com as pesquisadoras embora a participação dos homens ainda seja muito pequena. É indispensável alocar que, na CI brasileira, existem pesquisadores e pesquisadoras que pesquisam sobre esses termos em outras bases de dados, eventos, periódicos científicos, livros etc. Os dados apresentados acima mostram o mapeamento dos trabalhos apresentados no ENANCIB.

Entendemos que o protagonismo social das mulheres que discutiram sobre as relações e as diferenças de gênero nos anais do ENANCIB existiu - e existe - e consideramos primordial que esses(as) pesquisadores(as) deem continuidade às discussões sobre os termos e que outros(as) também se engajem, porquanto a informação é um instrumento essencial nesse processo de desconstrução social de esquemas dominantes de gênero.

Finalizando este trabalho, entendemos que a metodologia utilizada foi suficiente para a realização de todo o processo que envolveu esta pesquisa, foi um momento de grandes efusões nas bibliografias utilizadas para o diálogo com o tema pesquisado. Este trabalho superou as minhas expectativas no sentido de que mesmo em tempos de pandemia, foi um alento o diálogo com tantas mulheres extraordinárias que desde 1995, têm pensado e se colocado como verdadeiras protagonistas na luta por direitos e igualdade.

Devido o tempo da pesquisa, não foi possível aprofundar a análise, evidenciamos a necessidade de fornecer continuidade a esta pesquisa, em projetos futuros, visando realizar pesquisa qualitativa com as pesquisadoras que estudam, pesquisam, desenvolvem e disseminam a informação sobre os temas pesquisados.

Entendemos que o tema investigado foi de suma importância para área da Ciência da Informação, no entanto, os resultados da pesquisa foram de grande impacto, por percebermos que as pesquisas são muito tímidas ainda sobre o tema, este trabalho serviu como um espelho para observamos esta realidade atual, e traçar desafios para pesquisas futuras.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Jane Soares de.; BOSCHETTI Vania Regina. Devotas e instruídas: a educação de meninas e mulheres no Brasil – fragmentos do passado histórico (1846/1930). **Educação Unisinos**, v. 16, n. 3, p. 225-233, set./dez. 2012. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/edu.2012.163.04/1199>. Acesso em: 03 fev. 2021.
- ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Conservadorismo e revolução (ou reformismo) na Biblioteconomia e na Ciência da Informação. **Divers@: Revista 150 Eletrônica Interdisciplinar**, v. 8, n. 2, p. 132-144, 2015. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/diver/article/view/45052>. Acesso em 28 jan. 2021.
- ALVES, Daniella; COSTA, Fernanda Silva; SILVA, Laelson Felipe da.; CORTES, Gisele Rocha; ALVES, Edvaldo Carvalho. Estudo de caso da disciplina gênero em ciência da informação na Universidade Federal da Paraíba. **ConCi: Conv. Ciênc. Inform.**, São Cristóvão-SE, v. 1, n. 2, Ed. Especial, p. 218-225, maio/ago. 2018. Disponível: <https://seer.ufs.br/index.php/conci/article/view/10279>. Acesso em: 25 jan. 2021.
- ALVES, Letícia. Informação e os sistemas de comunicação científica na Ciência da Informação. **DataGramaZero: Revista de Informação**, v. 12, n. 3, jun. 2011. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/45669>. Acesso em: 09 dez. 2020.
- AQUINO, Mirian de Albuquerque. A presença das mulheres negras em espaços públicos como uma questão de desigualdade de gênero. **Revista Ibero-americana de Estudos em Educação, Araraquara**, v. 10, n. 2, p. 555-576, jun. 2015. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/7025>. Acesso em: 1 maio 2020.
- AQUINO, Mirian de Albuquerque; SILVA, Alba Lúcia de Almeida. A responsabilidade ético-social da produção de conhecimento na Ciência da Informação. **Revista Educere et Educare**, v. 10, n. 20, 2015. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/view/12608>. Acesso em: 23 jan. 2021.
- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila de. A ciência da informação como ciência social. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 32, n. 3, p. 21-27, set./dez. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ci/v32n3/19020.pdf>. Acesso em: 09 jan. 2020.
- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila de. Fundamentos da ciência da informação: correntes teóricas e o conceito de informação. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, v. 4, n. 1, p. 57-79, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/51437>. Acesso em: 26 maio 2021.
- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila de. O que é ciência da informação? **Informação & Informação**. Londrina, v. 19, n. 1, p. 01 – 30, jan./abr. 2014. Disponível em:

<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/viewFile/15958/14205>. Acesso em: 28 jan. 2020.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (**ANCIB**). Disponível em: <http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/index/schedConfs/archive>. Acesso em: 27 ago. 2020.

ASSUNÇÃO, Clara. Cientistas negras são as mais afetadas na atividade acadêmica durante a pandemia. **Rede Brasil atual**. [São Paulo], [ano 12], 29 julho 2020. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2020/07/cientistas-negras-sao-as-mais-afetadas-na-atividade-academica-durante-a-pandemia/>. Acesso em: 31 ago. 2020.

BANDEIRA, Lourdes. A contribuição da crítica feminista à ciência. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 16, n. 288, jan./abr. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ref/v16n1/a20v16n1.pdf>. Acesso em: 23 set. 2020.

BANDEIRA, Lourdes; MELO, Hildete Pereira. **Tempos e Memórias do Feminismo no Brasil**. Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2010. Disponível em: http://www.mulheres.ba.gov.br/arquivos/File/Publicacoes/TemposeMemorias_MovimentoFeministanoBrasil_2010.pdf. Acesso em: 07 set. 2020.

BARDIN, Lawrence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2010.

BELTRÃO, Kaizô Iwakami; ALVES, José Eustáquio Diniz. A reversão do Hiato de Gênero na educação brasileira no século XX. **Cadernos de Pesquisa**, v. 39, n. 136, p. 125-156, jan./abr. 2009. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/277>. Acesso em: 17 jan. 2017.

BEZERRA, Nathalia. Mulher e Universidade: a longa e difícil luta contra a invisibilidade. Conferência Internacional sobre os Sete Saberes, 2010, Fortaleza. **Anais** [...]. Fortaleza: UECE, 2010. p. 1-8. Disponível em: <http://www.uece.br/setesaberes/anais/pdfs/trabalhos/420-07082010-184618.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2016.

BORKO, Harold. Information science: what is it? **American Documentation**, v.19, n.1, p.3-5, jan., 1968.

BRAGA, Gilda Maria. Informação, ciência, política científica: o pensamento de Derek de Solla Price. **Ciência da Informação**, v. 3, n. 2, 1974. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/50/50>. Acesso em: 16 abr. 2020.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. **Pensando gênero e ciência**. Encontro Nacional de Núcleos e Grupos de Pesquisas. Presidência da República. Brasília: 2010, p. 196.

BUFREM, Leilah Santiago. Faces da produção periódica na Ciência da Informação: o processo de legitimação científica e seus componentes. **Informação &**

Informação, v. 19, n. 3, p. 1-29, 2014. Disponível em:

<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/17586>. Acesso em: 16 out. 2019.

BUFREM, Leilah Santiago; NASCIMENTO, Bruna. Silva. A questão do gênero na literatura em ciência da informação. **Em Questão**, v. 18, n. 3, p. 199-214, 2012.

Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/11473>. Acesso em: 25 jan. 2021.

CABRAL, Eugenia Melo. **Primeiras histórias**: o surgimento das imprensas feminina e feminista no Brasil. [Rio de Janeiro]: BOCC, 2008. Disponível em:

<http://www.bocc.ubi.pt/pag/cabral-eugenia-primeiras-historias.pdf>. Acesso em: 06 fev. 2021.

CAMARGO, Lorena Stephanie de.; BARBOSA, Ricardo Rodrigues. Bibliometria, cienciometria e um possível caminho para a construção de indicadores e mapas da produção científica. **Ponto de Acesso**, v. 12, n. 3, p. 109-125, 2018. Disponível em:

<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/28408>. Acesso em: 02 jan. 2021.

CARIBÉ, Rita de Cássia do Vale. Comunicação científica: reflexões sobre o conceito. **Inf. & Soc.:Est.**, João Pessoa, v.25, n.3, p. 89-104, set./dez. 2015.

Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/95446>. Acesso em: 09 dez. 2020.

CASAGRANDE, Lindamir S.; SCHWARTZ, Juliana, CARVALHO, Marília Gomes de e LESZCZYNSKI, Ana. **Mulheres e Ciência**: uma relação possível?. Curitiba-PR, Editora do CEFET, 2005b, pp.31-45. (Cadernos de Gênero e Tecnologia, 4).

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino; SILVA, Roberto da. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson, 2007.

CIÊNCIA. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020.

Disponível: <https://www.dicio.com.br/ciencia/>. Acesso em 21 out. 2020.

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO.

Estatísticas. Disponível em: <http://cnpq.br/estatisticas1>. Acesso em: 26 fev. 2017.

CÔRTEZ, Gisele Rocha. Memórias do Conceito Relações de Gênero. In:

Informação, Memória, Sociedade, 2017. Disponível em:

<http://www.memoriaesociedade.ibict.br/memorias-do-conceito-relacoes-de-genero/>. Acesso em: 11 nov. 2019.

CÔRTEZ, Gisele Rocha. **Violência doméstica contra mulheres**: Centro de Referência da mulher - Araraquara. 2008. 193 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2008. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/106298>. Acesso em: 20 jan. 2021.

COSTA Albertina de Oliveira. Os estudos da mulher no Brasil ou a estratégia da corda bamba. **Revista Estudos Feministas**, CIEC/ECO/UFRJ, n. especial, 2º semestre, p. 401-409, 1994.

CÔRTEZ, Gisele Rocha. ALVES, Edvaldo Carvalho, SILVA, Leyde Klebia Rodrigues da. Mediação da informação e violência contra mulheres disseminando dados quantitativos no Centro Estadual de Referência da Mulher Fátima Lopes.

Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação, v.8, n.2, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://revistas.ancib.org/index.php/tpbci/article/view/351/351>. Acesso em: 22 ago. 2020.

COSTA, Ana Alice Alcantara. Os movimentos feministas no Brasil: dinâmicas de uma intervenção política. **Revista Gênero**, Niterói, v. 5, n. 2, p. 9-35, 1. sem. 2005. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/31137>. Acesso em: 15 jul. 2020.

COSTA, Ana Alice Alcantara; SARDENBERG, Cecília Maria. O feminismo no Brasil: uma (breve) retrospectiva. In: COSTA, Ana Alice Alcantara; SARDENBERG, Cecília Maria (Orgs.). **O feminismo no Brasil: reflexões teóricas e perspectivas**. Salvador: UFBA / Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, 2008. Disponível em: <http://www.neim.ufba.br/site/arquivos/file/feminismovinteanos.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2020.

COSTA, Maria Conceição da. Ainda somos poucas: exclusão e invisibilidade na ciência. **Caderno Pagu**, n. 27, Campinas, jul./dez. 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332006000200018. Acesso em: 01 dez. 2019.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2002000100011>. Acesso em: 05 fev. 2020.

ESPÍRITO SANTO, Patrícia. Os estudos de gênero na Ciência da Informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 9, 2008. São Paulo, **Anais** [...], São Paulo, USP, 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/6389/4877>. Acesso em: 20 abr. 2020.

FARGANIS, Sandra. O feminismo e a reconstrução da Ciência social. In: JAGGAR, A. M; BORDO, S. R. (Orgs.). **Gênero, corpo e conhecimento**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997. Disponível em: <http://www.marcoarelios.com.br/jaggar-bordo.pdf>. Acesso em: 03 jun. 2020.

FARIAS, Maria Giovanna Guedes; COSTA, Daysene de Araújo. Empoderamento e protagonismo social no setor de referência de bibliotecas universitárias. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 22, n. 50, p. 1-14, 2017. DOI: 10.5007/1518-2924.2017v22n50p1. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2017v22n50p1>. Acesso em: 06 nov. 2019.

FARIAS, Maria Giovanna Guedes; VARELA, Aida. A mediação da informação e o protagonismo social: experimentando a construção de um modelo em uma

comunidade brasileira. **Investig. bibl**, México, v. 31, n. 73, p. 91-110, dic. 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.22201/iibi.24488321xe.2017.73.57848>. Disponível em: http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0187-358X2017000300091&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 05 nov. 2019.

FLEURY, Elizabeth Teixeira. Dicionário fenista da infância, acolhimento e diagnóstico de mulheres em situação de violência. FIOCRUZ, 2015.

FERREIRA, Laizlla Cristie da Silva; CORTES, Gisele Rocha. Enfrentando a violência contra as mulheres por meio da informação: o olhar dos/as estudantes de biblioteconomia. **Revista Conhecimento em Ação**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, jul/dez. 2017. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rca/article/view/11722>. Acesso em: 20 jan. 2021.

FERREIRA, Maria Mary. O profissional da informação no mundo do trabalho e as relações de gênero. **Transinformação**, Campinas, v. 15, n. 2, p. 189-201, maio/ago. 2003. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-37862003000200007&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 22 ago. 2020.

FREIRE, Isa Maria; ALVARES, Lillian. 25 anos da ANCIB: relato sobre sua história e contribuição para a área da ciência da informação no Brasil. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 6, n. 2, 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/119513>. Acesso em: 04 jun. 2021.

FREIRE, Isa Maria; SOUZA, Alexandre Pereira. Revista Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia – PBCIB: um mapeamento temático da produção científica à luz da análise de conteúdo / Revista Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia - PBCIB: um mapeamento. **Informação & Informação**, v. 15, n. 2, p. 110-128, 2010. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/5338>. Acesso em: 16 out. 2019.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (Brasil). **Pesquisa e ensino**. Rio de Janeiro, c2021. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/pesquisa-e-ensino>. Acesso em: 22 jan. 2021.

GARCIA, Eloi de Souza. **A mulher e a ciência**. Rio de Janeiro: Agência Fiocruz de Notícias, 2013. Disponível em: <http://www.fiocruz.br/ccs/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?inford=582&sid=4>. Acesso em: 24 jan. 2020.

GARVEY, William D. **Communication: the essence of science**. Oxford: Pergamon Press, 1979.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: pesquisas fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n.3, p. 20-29, mai./jun. 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rae/v35n3/a04v35n3.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2019.

GOMES, Henriette Ferreira. A dimensão dialógica, estética, formativa e ética da mediação da informação. **Informação & Informação**, Londrina, v. 19, n. 2, p. 46-59, maio/ago. 2014. Disponível em:

<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/19994>. Acesso em: 12 set. 2014.

GOMES, Henriette Ferreira. Comunicação e informação: relações dúbias, complexas e intrínsecas. *In*: MORIGI, Valdir; JACKS, Nilda; GOLIN, Cida. (Orgs.).

Epistemologias, comunicação e informação. Porto Alegre: Sulina, 2016. p. 91-107. Disponível em: <https://www.editorasulina.com.br/img/sumarios/691.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2020.

GOMES, Henriette Ferreira. Mediação da informação e protagonismo social: relações coma vida e ação comunicativa a luz de Hanna Arendt e Jurgen Habermas.

In: GOMES, Henriette Ferreira; NOVO, Hildenise Ferreira (Orgs.). **Informação e protagonismo social**. Salvador: EDUFBA, 2017. p. 27-44. Disponível em: <http://revista.ibict.br/fiinf/article/view/4644/4046>. Acesso em: 19 ago. 2020.

GOMES, Henriette Ferreira. Protagonismo sócio informacional na saúde coletiva. **Inf. Pauta**. Fortaleza-CE, v. 3, edição especial, nov., 2018. DOI:

<https://doi.org/10.32810/2525-3468.ip.v3iEspecial.2018.39713.47-61>. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/informacaoempauta/article/view/39713>. Acesso em: 23 ago. 2020.

GOMES, Henriette Ferreira; CÔRTEZ, Gisele Rocha. Mediação consciente da informação e protagonismo social das mulheres: as práticas informacionais das teorias críticas feministas. *In*: ALVES, Edvaldo Carvalho *et al* (Org.).

Práticas informacionais: reflexões teóricas e experiências de pesquisa. João Pessoa: Editora UFPB, 2020. 400 p.

GOMES, Henriette Ferreira. Protagonismo social e mediação da informação.

LOGEION: Filosofia da informação, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 10-21, 2019. DOI: <https://doi.org/10.21728/logcion.2019v5n2.p.10-21>. Disponível em: <http://revista.ibict.br/fiinf/article/view/4644>. Acesso em: 13 ago. 2019.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Raça, cor, cor da pele e etnia. **Cadernos de campo**, São Paulo, v. 20, n. 20, p. 1-360, 2011. Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/36801>. Acesso em: 30 mar. 2020.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 5, p. 7-41, 1995. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em: 3 fev. 2021.

HARDING, Sandra. A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista.

Estudos feministas, v. 93, n.1, 1993. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/15984>. Acesso em: 11 jun. 2020;

HAYASHI, Maria Cristina Piumbato Innocentini; CABRERO, Rodrigo de Castro; COSTA, Maria da Piedade Resende da and HAYASHI, Carlos Roberto Massao. Indicadores da participação feminina em Ciência e Tecnologia. **Transinformação**. v.19, n. 2, 2007, pp.169-187. ISSN 0103-3786. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-37862007000200007>. Acesso em: 28 de ago. de 2020.

HOOKS, bell. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n.16. Brasília, jan./abr. 2015. p. 193-210. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0103-335220151608>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/mrjHhJLHZtfyHn7Wx4HKm3k/?lang=pt>. Acesso em: 28 ago. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Estatísticas de gênero. In: CARTA CAPITAL. **IBGE**: apenas 10% das mulheres negras completam o ensino superior. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://ceert.org.br/noticias/educacao/21396/ibge-apenas-10-das-mulheres-negras-completam-o-ensino-superior>. Acesso em: 09 fev. 2021.

INSTITUTO BUTANTAN (Brasil). São Paulo, 2021. Disponível em: <https://butantan.gov.br/>. Acesso em: 22 jan. 2021.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

LAZZARINI, Ana Beatriz; SAMPAIO, Camila Pierroti; GONÇALVES, Vitória Cellos; NASCIMENTO, Érica Regina Filletti; PEREIRA, Fabíola Manhas Verbi; FRANÇA, Vivian Vanessa. Mulheres na Ciência: papel da educação sem desigualdade de gênero **Revista Ciência em Extensão**, v.14, n. 2, p.188-194, 2018. Disponível em: https://ojs.unesp.br/index.php/revista_proex/article/view/1717/2019. Acesso em: 03 dez. 2019.

LEITE, Fernando César Lima. Busca, acesso e disseminação da informação científica de cientistas, cientistas sociais e humanistas. **Biblios**, n. 57, p. 22-42, 2014. Disponível em: <http://biblios.pitt.edu/ojs/index.php/biblios/article/view/195>. Acesso em: 06 jan. 2021.

LETA, Jaqueline. As mulheres na Ciência brasileira: crescimento, contrastes e um perfil de sucesso. **Estudos Avançados**, v.17 n. 49, 2003. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300016. Acesso em: 19 ago. 2020.

LETA, Jaqueline; MARTINS, Flávio. Docentes pesquisadores na UFRJ: o capital científico de mulheres e homens. In: RISTOFF, Dilvo *et al* (Org.). **Simpósio Gênero e indicadores da educação superior brasileira**. Brasília: INEP, 2007, p.85-101.

LIMA, Betina Stefanello. O labirinto de cristal: as trajetórias das cientistas na Física. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 3, set./dez. 2013. Disponível

em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2013000300007&script=sci_arttext. Acesso em: 27 jan. 2020.

LINO, Tayane Rogeria; MAYORGA, Cláudia. Mulheres, ciência e a escrita de si: desafios epistemológicos da enunciação de mulheres na ciência contemporânea. **Cadernos de estudos culturais**, Campo Grande-MS, v. 9, n. 18, p. 155-177, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/5691>. Acesso em: 01 dez. 2019.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 6. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1997. Disponível em : https://www.mpba.mp.br/sites/default/files/biblioteca/direitos-humanos/direitos-das-mulheres/artigostesesdissertacoes/questoes_de_genero/guacira_lopes_genero_26_ago_15.pdf. Acesso em: 04 abr. 2020.

MACEDO, Yuri Miguel; ORNELLAS, Joaquim Lemos; BOMFIM, Helder Freitas do. COVID – 19 NO BRASIL: o que se espera para população subalternizada? **Revista Encantar - Educação, Cultura e Sociedade**, Bom Jesus da Lapa, v. 2, p. 01-10, jan./dez. 2020. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/encantar/article/view/8189>. Acesso em: 20 jun. 2020.

MARCONI, Marina de Andrade LAKATOS, Eva Maria Eva Maria. **Metodologia do Trabalho Científico**. 7. ed. São Paulo: ATLAS, 2011.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação dos dados**. São Paulo: Atlas, 2006.

MARQUES, Emanuele Souza; MORAES, Claudia Leite de; HASSELMANN Maria Helena; DESLANDES Suely Ferreira; e REICHENHEIM, Michael Eduardo. A violência contra mulheres, crianças e adolescentes em tempos de pandemia pela COVID-19: panorama, motivações e formas de enfrentamento. **Cad. Saúde Pública**, v. 36, n. 4, 2020. Disponível: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&nrm=iso&lng=pt&tlng=pt&pid=S0102-311X2020000400505. Acesso em: 20 jan. 2020.

MARTELETO, Regina M. Jovens, violência e saúde: construção de informações nos processos de mediação e apropriação de conhecimentos. **RECIIS: R. Eletr. de Com. Inf. Inov. Saúde**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 3, p. 17-24, set. 2009. Disponível em: <https://www.reciis.iciict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/751>. Acesso em: 01 set. 2020.

MARTINS, Gracy Kelli. **Institucionalização cognitiva e social da Organização e Representação do Conhecimento na Ciência da Informação no Brasil**. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2014. Marília, 2014.

MEADOWS, Arthur Jack. **A comunicação científica**. Tradução de Antônio Agenor Briquet de Lemos. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 1999.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa; SANCHES, Odécio. Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade? **Cad. Saúde Públ.**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 239-262, jul./set., 1993. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/250026330_Quantitativo-Qualitativo_Oposicao_ou_Complementaridade/link/545767c40cf2bccc490f83e8/download. Acesso em: 25 ago. 2020.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa; **Pesquisa Social: Teoria e Criatividade**. In: DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Sousa (Org.) Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 1994.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa. O desafio da pesquisa social. In: DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Sousa (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 28ª ed. Petrópolis, RJ, Vozes, 2009.

MOREIRA, Ardilhes; PINHEIRO, Lara. **OMS declara pandemia de coronavírus**. São Paulo: Portal G1, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/11/oms-declara-pandemia-de-coronavirus.ghtml>. Acesso em: 30 abr. 2021.

MOTA, Francisca Rosaline Leite; GOMES Marcos Aurélio; OLIVEIRA, Ana Karla Trindade de.; SANTOS, Márcio Adriano Costa dos.; AMORIM, Wendel de Andrade. Características da produção e comunicação científica dos docentes da Universidade Federal de Alagoas – UFAL. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 8., 2007, Salvador. **Anais [...]**. Salvador: UFBA, 2007. Disponível em: <http://200.20.0.78/repositorios/bitstream/handle/123456789/825/GT7-229.pdf?sequence=1>. Acesso em: 04 de abr. 2020.

MOURA, Mariluce. Universidades públicas realizam mais de 95% da ciência no Brasil. **Ciência na Rua**, 2019. Disponível em: <https://ciencianarua.net/universidades-publicas-respondem-por-mais-de-95-da-producao-cientifica-do-brasil/>. Acesso Em: 21 out. 2020.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. A ciência, o sistema de comunicação e a literatura científica. In: CAMPELLO, Bernadete Santos; CENDÓN, Beatriz Valadares; KREMER, Jeannette Marguerite (Org.). **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. cap. 1, p. 21-34.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado; MIRANDA, Antonio; SUAIDEN, Emir José. A pesquisa em Ciência da Informação no Brasil - Análise dos trabalhos apresentados no IV Enancib, Brasília, 2000. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, DF, v. 23-24, n. 3, p. 293-308, 2000. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/78400>. Acesso em: 01 abr. 2021.

NASCIMENTO, Maria Ivonete Gomes do; OLIVEIRA, Eliane Braga. Mulher e gênero na produção científica da Ciência da Informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE

PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 10., 2019, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre: BRAPCI, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/123339>. Acesso em: 08 set. 2020.

NORONHA, Daisy Pires; KIYOTANI, Normanda Miranda; JUANES, Ivone A. Soares. Produção científica de docentes da área de comunicação. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 13, n. 1, p. 139-157, jan./jun., 2003. Disponível em: <http://www3.eca.usp.br/sites/default/files/form/biblioteca/acervo/producao-academica/001343402.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2020.

NÚCLEO DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES SOBRE A MULHER. **Apresentação**. [Salvador]: UFBA, 2017. Disponível em: <http://www.neim.ufba.br/wp/apresentaca/>. Acesso em: 07 set. 2020.

OLINTO, Gilda. A inclusão das mulheres nas carreiras de Ciência e tecnologia no Brasil. **Inclusão Social**, v. 5, n. 1, 2011. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/100456>. Acesso em: 07 nov. 2019.

OLIVEIRA, Ana Lúcia Tavares de; BUFREM, Leilah Santiago. Visibilidade da mulher como fonte de informação: mapeamento das produções científicas apresentadas no encontro nacional de pesquisa em Ciência da Informação (2009 – 2018). ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 10., 2019, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre: BRAPCI, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/123781>. Acesso em: 24 ago. 2020.

OLIVEIRA, Elida. **Mulheres são 40% dos pesquisadores do Brasil que declaram ter doutorado nas 5 maiores áreas de conhecimento, aponta levantamento**. Portal G1. Rio de Janeiro, 02 fev. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2020/02/12>. Acesso em: 19 fev. 2020.

PEREIRA, Ana Cristina Furtado; FAVARO, Neide de Almeida Lança Galvão. História da mulher no ensino superior e suas condições atuais de acesso e permanência. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 13; SEMINÁRIO INTER. DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, SUBJETIVIDADE E EDUCAÇÃO, 4, 2017, Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba: EDUCERE, 2017. Disponível em: <https://sites.usp.br/lapsape/educere-xiii-congresso-nacional-de-educacao/>. Acesso em: 01 dez. 2019.

PERROT, Michelle. Escrever uma história das mulheres: relato de uma experiência. **Cadernos Pagu**. v. 4, Campinas-SP, p. 9-28, 1995. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1733>. Acesso em: 04 abr. 2020.

PERROTTI, Edmir. Sobre informação e protagonismo cultural. In: GOMES, Henriette Ferreira; NOVO, Hildenise Ferreira (Orgs.). **Informação e protagonismo social**. Salvador: EDUFBA, 2017. p. 11-26.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. Educação em Ciências na Escola Democrática e as Relações Étnico-Raciais. **Revista Brasileira De Pesquisa Em Educação Em**

Ciências, v. 19, p. 329-344, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.28976/1984-2686rbpec2019u329344>. Acesso em: 02 jul. 2020.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2003. Disponível em: <https://democraciadireitoegenero.files.wordpress.com/2016/07/pinto-cc3a9li-regina-jardim-uma-histc3b3ria-do-feminismo-no-brasil.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2020.

RAMALHO, Francisca Arruda; PAIVA, Eliane Bezerra; PINHEIRO, Edna Gomes. Usuário da informação: análise da produção científica em periódicos brasileiros. **Revista Conhecimento em Ação**, v. 4, n. 1, p. 178-201, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/118951>. Acesso em: 16 out. 2019.

RODRIGUES, Rui Martinho. **Pesquisa acadêmica: como facilitar o processo de preparação de suas etapas**. São Paulo: Atlas, 2007.

RUBIN, Gayle. "The Traffic in Women: Notes on the 'Political Economy' of Sex". In: REITER, Rayna (Org.). **Toward an Anthropology of Women**. New York; London: Monthly Review Press, 1975. p. 175-210.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2011. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1741437/mod_resource/content/1/G%C3%AAnero%2C%20Patriarcado%2C%20Viol%C3%AAncia%20%20%28livro%20completo%29.pdf. Acesso em: 02 dez. 2019.

SANTOS, Raimundo Nonato Macedo dos; KOBASHI, Nair Yumiko. Bibliometria, Cientometria, Infometria: conceitos e aplicações. **Pesq. bras. Ci. Inf.**, Brasília, v. 2, n. 1, p.155-172, jan./dez., 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/10089>. Acesso em: 26 set. 2020.

SANTOS, Ricardo Maurício Gonçalves dos; COSTA, Luciana Ferreira. Usabilidade na Ciência da Informação: uma análise da produção científica. **Prisma.com**, n. 19, p. 97-124, 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/64674>. Acesso em: 16 out. 2019.

SANTOS, Simone Aparecida dos; OLIVEIRA, Marlene. A produção científica sobre Língua Brasileira de Sinais (Libras) presente nos currículos Lattes do CNPq. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 22, n. 4, p. 35-46, out./dez. 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-99362017000400035. Acesso em: 22 de ago. de 2020.

SARACEVIC, Tefko. Ciência da Informação: origem, evolução e relações. **Perspectiva em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, 1996. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/235>. Acesso em: 22 mar. 2020.

SCAVONE, Lucila. Estudos de gênero e feministas: um campo científico? *In*. ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 31., 2007, Caxambu-MG. **Anais [...]**. Caxambu-MG: ANPOCS, 2007. Disponível em: <https://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/31-encontro-anual-da-anpocs/st-7/st18-5/2952-lucilascavone-estudos/file>. Acesso em: 28 ago. 2020.

SCHIENBINGER, Londa. **O feminismo mudou a ciência?** Bauru, Edusc, 2001.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/viewFile/71721/40667>. Acesso em: 22 mar. 2020.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero: Uma Categoria Útil para a Análise Histórica**. Traduzido pela SOS: Corpo e Cidadania. Recife, 1990.

SEMANA BRASILEIRA DE ENFERMAGEM, 75., 2014, Brasília. **Caderno de dicas [...]**. Brasília (DF): Associação Brasileira de Enfermagem, 2014. 36p. Disponível em: <http://www.abennacional.org.br/download/dicas2014.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2019

SENADO FEDERAL. **Institucionalidade**: responsabilidade social. 2021. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/responsabilidade-social/equidade/pages/nucleos-de-estudos>. Acesso em: 11 fev. 2021.

SICILIANO, Mell; SOUZA, Cleiton da Mota de; METH, Clara de Mello e Souza. Sobre o que falamos quando falamos em gênero na ciência da informação? **Informação e Informação**, Londrina, v. 22, n. 2, p. 144 – 165, maio/ago. 2017. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/informação>. Acesso em: 22 ago. 2020.

SILVA, Aurekelly Rodrigues; CÔRTEZ, Gisele Rocha. Relações de gênero, ciência da informação e inclusão social. *In*: LIMA, Izabel França de; FRANÇA, Fabiana da Silva(orgs). **Informação e Inclusão**: constructo teórico prático na pós-modernidade. Campina Grande: eduepb, 2020. 391 p.

SILVA, Francisco Sávio da. **Produção científica sobre as temáticas afro-brasileira e indígena nos Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação no Brasil**. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020.

SILVA, Gabriela da Costa. A ciência também é lugar de mulher negra? **Mulheres na ciência**: o futuro é feminino. 25 fev. 2019. Disponível em: <http://mulheresnaciencia.com.br/>. Acesso em 30 ago. 2020.

SILVA, Joselina da. Doutoradas professoras negras: o que nos dizem os indicadores oficiais. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 28, n. 1, 19-36, jan./jun. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2010v28n1p19>. Acesso em: 28 ago. 2020.

SILVA, Leyde Klebia Rodrigues da. **Bamidelê**: por uma sociologia da informação étnicoracial na organização das mulheres negras da Paraíba. 122 f. 2014.

Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA. **Como mulheres brasileiras lutam por visibilidade na ciência.** Disponível em:

<http://portal.sbpcnet.org.br/noticias/como-mulheres-brasileiras-lutam-por-visibilidade-na-ciencia/>. Acesso em: fevereiro de 2020.

SOUZA, Regis Glauciane Santos de; SARDENBERG, Cecília Maria B. Visibilizando a mulher no espaço público: a presença das mulheres nas universidades. Seminário Internacional Fazendo Gênero, 10., 2013. **Anais[...]** Florianópolis: UFSC, 2013. p. 1-13. Disponível em: Acesso em:

https://cursosextensao.usp.br/pluginfile.php/46155/mod_resource/content/2/mulher%20espa%C3%A7o%20p%C3%ABlico.pdf. 10 maio. 2021.

SPENDER, Dale. **Women of ideas and what men have done to them:** From Aphra Behn to Adrienne Rich. London: Routledge & Kegan Paul, 1982.

TARGINO, Maria das Graças. Comunicação científica: uma revisão de seus elementos básicos. **Informação & Sociedade:** estudos, Brasília – DF, v.10, n. 2., 1998. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/326>. Acesso em: 15 abr. 2020.

TORRÃO FILHO, Amílcar. Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. **Cadernos pagu.** Campinas, SP, n. 24, p.127-152, 2005. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644688>. Acesso em: 30 mai. 2021.

VALÉRIO, Erinaldo Dias; BERNARDINO, Maria Cleide Rodrigues; SILVA, Joselina da. A produção científica sobre os (as) negros nos ENANCIBs sob um olhar cientométrico. **Informação & Sociedade:** estudos, João Pessoa, v. 22, n. 2, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/12247>. Acesso em: 29 jan. 2021.

WITTER, Geraldina Porto. O ambiente acadêmico como fonte de produção científica. **Informação & Informação,** Londrina, v.1, n.1, p. 22-26, jan./jun. 1996.

XAVIER, Mariana; KOBASHI, Nair Yumiko. Unidades de informação sobre mulheres: reflexões sobre sua constituição e desafios para sua consolidação. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 13, p. 80-84, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/3209>. Acesso em: 07 nov. 2019.

ZIRBEL, Ilze. **Estudos Feministas e Estudos de Gênero no Brasil:** Um Debate. Dissertação (Mestrado Sociologia Política) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.